



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Dissertação

Negócios de família. Trajetórias e perspetivas de jovens adultos à entrada do mercado de trabalho.

Ana Filipa Caturrinho Madeira

Orientador(es) | Rosalina Pisco Costa

Évora 2022



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Dissertação

Negócios de família. Trajetórias e perspetivas de jovens adultos à entrada do mercado de trabalho.

Ana Filipa Caturrinho Madeira

Orientador(es) | Rosalina Pisco Costa

Évora 2022



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Eduardo Jorge Esperança (Universidade de Évora)

Vogais | Domingos Afonso Braga (Universidade de Évora) (Arguente)
Rosalina Pisco Costa (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Esta tese de mestrado é resultado de muito esforço, muitas horas de trabalho, muitos desafios, incertezas, mas acima de tudo de um sentimento enorme de realização e satisfação. Ao longo desta jornada, muitas foram as pessoas que me acompanharam, ajudaram e me motivaram, então devo-lhes o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, o meu obrigada à minha orientadora, Professora Doutora Rosalina Costa por toda a ajuda que me deu ao longo de todo o processo, por todo o conhecimento transmitido, por toda a confiança e incentivo que me transmitiu, por me mostrar novos caminhos e possibilidades nunca desvalorizando as minhas ideias e opções. Sem si esta etapa não seria igual.

À minha colega Sara, que mais que uma colega se tornou uma amiga ao longo do meu percurso académico. Obrigada por estares sempre lá para mim, por reveres os meus trabalhos cem mil vezes e por me ofereceres a tua sincera opinião, mesmo que fosse contrária à minha. Obrigada por nunca me deixares desistir e me mostrares sempre o melhor caminho.

Obrigada aos meus pais, família e amigos que estiveram sempre presentes, tanto nos momentos de glória como nos momentos de fracasso. Obrigada por acreditarem em mim e por me mostrarem que um dia mau não é o fim do mundo, que aprender com os erros é a melhor aprendizagem e que acima de tudo devo acreditar em mim e no meu trabalho. Muitas vezes perdi-me nos meus pensamentos, ideias e inseguranças, mas graças a vocês encontrei sempre caminhos melhores.

Como este é um momento que nunca mais voltará, quero agradecer à minha “Magic Shop” por me ajudar a conhecer melhor a mim própria. Obrigada por me mostrarem que é bom ser ambicioso e procurar por mais, que o trabalho duro é o princípio de bons resultados e que me posso arrepender no futuro se não der o meu melhor no presente.

Um obrigada à Universidade de Évora, por me acolher, por toda a formação e tantos momentos. Obrigada a todos os professores, pela ajuda e ensinamentos. Hoje saio com saudades antecipadas, mas com as memórias mais bonitas da minha vida. De capa aos ombros e lágrimas nos olhos, despeço-me desta cidade, que levo comigo para a vida.

*Lembra-te de olhar para as estrelas e não para os teus pés.
Tenta entender o que vês e questiona o que faz o universo existir.
Sê curioso.
E por mais difícil que a vida possa parecer,
existe sempre alguma coisa que podes fazer e na qual terás sucesso.
É importante que não desistas.*

Stephen Hawking

Resumo

Intitulada de “Negócios de Família. Trajetórias e perspectivas de jovens adultos à entrada no mercado de trabalho”, esta dissertação visa compreender qual o papel da família na tomada de decisão dos jovens Elvenses, de ficarem a residir no seu concelho ou saírem. É um tema que assume particular importância em perspectiva sociológica, pois os jovens são um recurso fundamental na composição da população ativa de um país e muitos abandonam ou pensam abandonar o seu local de origem em busca de melhores oportunidades e melhores empregos. Apesar disso, há sempre aqueles que ficam. Este estudo pretende compreender o papel da família nas lógicas de legitimação da decisão de permanecer no concelho (de Elvas), incidindo sobre os jovens que trabalham nas empresas das suas famílias e os jovens empreendedores que tentam a sorte criando o seu próprio negócio. Em primeiro plano, é apresentado um enquadramento teórico-conceptual acerca do tema em questão e das suas vertentes, e em seguida é apresentada a exploração e interpretação dos dados recolhidos através de entrevistas. Por último, são apresentados os resultados. Nomeadamente, é dada a resposta à pergunta de partida e aos objetivos específicos. Neste estudo foi utilizada uma abordagem qualitativa. A recolha de dados tomou como principal instrumento a entrevista, presencial e à distância, de tipo semiestruturada e individual, sendo que a exploração dos dados foi realizada através de análise de conteúdo através do *software* NVivo. No final, considerando as entrevistas realizadas e os dados obtidos, foi construída uma matriz que relaciona a pressão familiar com a autonomia individual, de forma a compreender de que forma o percurso dos jovens na entrada no mercado de trabalho é influenciada pela família de origem. Como conclusão, verifica-se que a influência da família nas decisões dos jovens “que ficam” é notória e representada através de uma metáfora que dá visibilidade tanto às “raízes” (pressão), quanto às “asas” (autonomia).

Palavras-chave: Família, jovens, empreendedorismo, inserção profissional, negócios de família.

“Family Business. Trajectories and perspectives of young adults entering the labor market”

Abstract

Entitled “Family Business. Trajectories and perspectives of young adults entering the labor market”, this dissertation aims to understand the role of the family in the decision-making process of young people from Elvas, whether to stay in their municipality or leave. It is a topic that assumes particular importance from a sociological perspective, as young people are a fundamental resource in the composition of a country's active population and many leave or are thinking of leaving their place of origin in search of better opportunities and better jobs. Despite this, there are always those who stay. This study aims to understand the role of the family in the logic of legitimizing the decision to stay in the municipality (of Elvas), focusing on young people who work in their family's businesses and young entrepreneurs who try their luck creating their own business. In the foreground, a theoretical-conceptual framework about the subject in question and its aspects is presented, and then the exploration and interpretation of the data collected through interviews is presented. Finally, the results are presented. In particular, the answer to the starting question and the specific objectives is given. In this study, a qualitative approach was used. The main instrument of data collection was interviews, in person and at a distance, of a semi-structured and individual type, and data exploration was carried out through content analysis using the NVivo software. In the end, considering the interviews carried out and the data obtained, a matrix was built that relates family pressure with individual autonomy, in order to understand how the path of young people entering the labor market is influenced by the family of origin. In conclusion, it appears that the influence of the family on the decisions of the young people “who stay” is notorious and represented through a metaphor that gives visibility to both the “roots” (pressure) and the “wings” (autonomy).

Keywords: Family, youth, entrepreneurship, professional insertion, family business.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo.....	3
Abstract	4
Índice de Figuras.....	7
Índice de Quadros	7
Índice de Tabelas	7
Índice de Gráficos.....	7
Siglas e Acrónimos	8
Introdução.....	9
I. Enquadramento teórico	14
1. A família: Mudanças e Permanências	14
Significado histórico da família	14
A família como instituição social.....	16
Algumas perspetivas teóricas sobre a família.....	18
O processo de formação da família moderna.....	22
Mudanças familiares desde a segunda metade do século XX.....	23
A família em Portugal	25
Socialização e influência cultural da família	30
2. Empreendedorismo Jovem: Entre a pressão e a Autonomia	33
A família empreendedora	42
O perfil empreendedor.....	49
Ritmos da nova juventude.....	57
Gerações X, Y e Z.....	67
Empreendedorismo jovem.....	71
II. Metodologia	81
2.1 Modelo de análise, problematização e operacionalização	81

2.2 Unidade de observação e constituição da amostra.....	84
2.2.1 Tipo de amostra, critérios de inclusão e procedimentos para o recrutamento e seleção de casos	84
2.3 Procedimentos de recolha de dados.....	85
2.3.1 Entrevista semi-estruturada: apresentação, justificação e operacionalização	85
2.3.2 Entrevista semi-estruturada: planificação, contactos e preparação prévia	86
2.4 Procedimentos de análise de dados e interpretação de resultados.....	87
2.4.1 Análise de conteúdo inter-casos: apresentação, justificação e operacionalização da análise de conteúdo assistida por software	87
2.5 Observações éticas.....	91
III. Análise de dados, interpretação e discussão de resultados	93
3.1 Negócios de família	94
3.1.1 Herdeiros em formação	94
3.1.2 Jovens que se afirmam de novo no negócio	101
3.2 Jovens empreendedores	110
3.2.1 Contra o risco e contra a família	110
3.2.2. Necessidade e apoio	119
3.3. Negócios de família e jovens empreendedores “que ficam”: as raízes e as asas	124
Considerações finais	128
Bibliografia.....	133
Anexos.....	146

Índice de Figuras

Figura 1 - Atividade empreendedora induzida pela oportunidade e pela necessidade ...	38
Figura 2 - Evolução da Taxa TEA por género em Portugal.....	39
Figura 3 - Distribuição de empreendedores na sociedade.....	52
Figura 4 - Processo de educação empreendedora	75
Figura 5 - Modelo de investigação em ciências sociais	82
Figura 6 - Programa NVivo (printscreen nós).....	88
Figura 7 - Programa NVivo (printscreen mapa de projeto)	89
Figura 8 - Programa NVivo (printscreen relatório de resumo de codificação por nó) ...	89
Figura 9 - Programa GenoPro (legenda Genogramas).....	90
Figura 10 - Matriz pressão familiar/autonomia individual.....	125

Índice de Quadros

Quadro 1 – A família através dos indicadores demográficos, Portugal, 1960 - 2011	27
Quadro 2 - Relação entre Tipos de Disciplina e Conceito de Empreendedorismo	36
Quadro 3 - Características dos empreendedores de sucesso	50
Quadro 4 - Fatores que influenciam o processo empreendedor	56

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Taxa TEA em Portugal entre 2014 e 2016	37
Tabela 2 - Evolução da Taxa TEA por faixa etária em Portugal.....	40
Tabela 3 - Taxa TEA por nível de escolaridade em Portugal	41

Índice de Gráficos

Gráfico 2 - Opinião de quais os aspetos mais importantes para o indivíduo iniciar o próprio negócio.....	37
Gráfico 1 - Jovens imigrantes com idades até aos 29 anos	65

Siglas e Acrónimos

AD	Agregado doméstico
AIIESEC	Associação Internacional de Estudantes em Ciência Económicas e Comerciais
ANJE	Associação Nacional de Jovens Empresários
APS	Associação Portuguesa de Sociologia
FLAD	Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
IAPMEI	Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação
IFDEP	Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal
INE	Instituto Nacional de Estatística
ISCTE-IUL	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa
MTV	Music Television
OECD	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
ONU	Organização das Nações Unidas
PDR	Plano de Desenvolvimento Regional
PT	Personal Trainer
SEDES	Simpósio para Estudantes de Doutoramento em Engenharia de Software
SPI	Sociedade Portuguesa de Inovação
Taxa TEA	Taxa de Atividade Empreendedora
TEIP	Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Introdução

O tema selecionado para a realização da dissertação prende-se com a inserção profissional dos jovens do Concelho de Elvas. É um tema que assume particular importância em perspetiva sociológica, pois os jovens são um recurso fundamental na composição da população ativa de um país e muitos abandonam ou pensam abandonar o seu local de origem em busca de melhores oportunidades e melhores empregos. Na mesma medida, a Sociologia tem um papel muito importante no estudo da mobilidade geográfica, na medida em que se ocupa, entre outros, do estudo do significado do território enquanto construção social, através nomeadamente da análise dos impactos nos modos como as pessoas se deslocam, assim como tem um papel essencial no estudo do empreendedorismo devido a este ser um fenómeno cultural.

Com base neste pressuposto, este estudo pretende compreender o papel da família nas lógicas de legitimação da decisão de permanecer no concelho (de Elvas), incidindo sobre os jovens que trabalham nas empresas das suas famílias e os jovens empreendedores, que tentam a sorte criando o seu próprio negócio. Este tema assume especial relevância a nível pessoal e profissional, pois dentro de pouco tempo irei eu própria também ingressar no mercado de trabalho, enquanto outras pessoas ingressaram com idades e escolaridades muito inferiores, sendo que alguns saíram até do concelho de residência em busca de oportunidades.

O mundo contemporâneo está em constante mudança, as relações familiares, o trabalho, tudo muda cada vez mais rápido. Com essa mudança, os jovens veem o tempo “fugir por entre os dedos” e sentem-se obrigados a acompanhar o ritmo, através de trajetórias distintas, irregulares e individualizadas. O que ontem eram rituais de passagem para a vida adulta, hoje são rituais de impasse, o que pode fazer os jovens sentirem-se presos num labirinto de decisões, andando muitas vezes num abismo. A tradicional transição da escola para o mercado de trabalho, a saída de casa dos pais e a constituição de uma nova família não é mais um acontecimento simples, linear e previsível; é um futuro em aberto, para o qual os jovens olham com incerteza e medo.

Nos últimos anos, Portugal tem assistido a um aumento significativo da taxa de desemprego jovem (Marinha et al, 2014, p.31), o que afeta tanto indivíduos pouco qualificados, como também muitos licenciados e indivíduos com graus académicos superiores. Neste trabalho centro-me especificamente no papel que a existência de um

“negócio familiar” pode desempenhar na tomada de decisão dos jovens em ficar a residir no concelho. Faz, portanto, sentido analisar o conceito de empresa familiar e de empreendedorismo por relação com o mercado de trabalho. Vagner Rosalem e António Carlos dos Santos (2005) referem que “a Empresa Familiar é provavelmente uma das mais antigas formas de negócio surgidas ao longo da evolução da humanidade (Lea, 1991 *apud* Rosalem e Santos, 2005, p.76).

A família constitui um dos principais agentes de socialização. Inicia a socialização e adaptação dos comportamentos biologicamente determinados às práticas culturais, nomeadamente a aprendizagem dos principais modos, tais como a linguagem e hábitos do grupo social inserido. Sendo considerado como o primeiro filtro da vida social e como uma das instituições mais importantes na fase de formação do indivíduo com grande área de influência, que deriva do contributo da aprendizagem da socialização primária (Giddens, 2008). A família enquanto grupo de convivência tem vindo a alterar-se em distintos aspetos ao longo do tempo. De modo idêntico, o seu papel na vida de cada um dos seus integrantes modifica-se, à medida que os próprios indivíduos também mudam, localizados que estão em contextos culturais específicos.

No que toca aos jovens, segundo José Machado Pais, “a sociologia da juventude não pode permanecer insensível às realidades em mudança. Por exemplo, quando analisamos a trajetória de vida dos jovens, o que descobrimos é que eles estão cada vez mais subordinados ao ‘princípio da incerteza’.” (Pais, 2003, p.121). É em virtude disto que “os sociólogos da juventude adjectivam as transições dos jovens para a vida adulta de modo a acentuarem a sua vulnerabilidade e imprevisibilidade. Falam de trajetórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas.” (Pais, 2001, p.11).

De acordo com Guerreiro & Abrantes (2007), a família continua a ter uma importância essencial na vida dos jovens. Todavia, assiste-se a uma reconfiguração e transformação dos modelos familiares, pois os jovens sentem-se obrigados a experienciar períodos de dependência e independência em relação aos pais, ainda presando a sua liberdade e individualização em contraste com a responsabilidade.

O conceito de empreendedorismo existe há muito tempo e tem sido usado com diversos significados. Carl Menger diz-nos que “o empreendedor é aquele que transforma recursos em produtos e serviços úteis, criando oportunidades para fomentar o crescimento industrial.” (Meger *apud* Sarkar, 2014, p. 27). Segundo Soumodip Sarkar,

“empreendedorismo é o processo de criação e/ou expansão de negócios que são inovadores ou que nascem a partir de oportunidades identificadas. É claramente uma noção que incorpora o início e o fim de empresas, baseado no ideal de Schumpeter, que considerava a criação de empresas (por outras palavras, o empreendedorismo), como o motor fundamental da economia.” (Shumpeter, 1942 *apud* Sarkar, 2014, p.33). Bohnenberger, Schmidt e Freitas comprovaram nos seus estudos sobre o contexto familiar e o comportamento empreendedor, que o desenvolvimento do empreendedorismo é influenciado, principalmente, pelo primeiro grupo social, a família. Embora, este comportamento empreendedor possa também ser aprendido (Teixeira, Ducci, Sarrassini, Munhê *apud* Marinha, C., et al, 2014, p.26).

Em relação às empresas familiares, estas constituem um tipo particular de organização. Em comparação com as empresas não familiares, são reconhecidas como sociedades mais fechadas onde sobressai a familiaridade e proximidade das relações. Neste sentido, a relação familiar presente influencia a atividade empresarial através de um envolvimento direto da família nos negócios da empresa, seja através do controlo da propriedade, seja através da gestão da sociedade. Segundo os autores Gersick et al. (1997), a influência da família é tanto maior quanto mais vezes a empresa é transmitida de geração em geração, sendo que essa mesma influência emerge da participação dos membros da família (Alves, 2015, p.2). A participação pode dar-se na direção, no controlo e na propriedade ou também por via do emprego. Deste modo, a empresa familiar é uma forma de organização complexa em função da dinâmica existente dentro da família proprietária (*owning family*), sendo que desta resultam vários níveis de influência de empresa para empresa.

Nos trabalhos de Heck et al. (2008) e Hech e Mishra (2008), a perspetiva presente é que a empresa familiar é a junção da instituição família e o processo empreendedor dos seus membros. Assim, “o empreendedorismo familiar se articula a partir das possíveis sobreposições e interações entre família e empresa, fornecendo elementos para a compreensão de empresas familiares e para a geração de direções futuras de pesquisas” (Heck et al., 2008 *apud* Borges, 2012, p.3). Então, em questões de intergeracionalidade e sucessão, não se trata apenas da salvaguarda do património e da conservação do equilíbrio familiar, muitas vezes tem-se como missão comprometer o ditado “Pai rico, filho nobre e neto pobre”, e para isso é necessário transmitir às gerações seguintes não só o património económico, como também “o legado que o acompanha e deu sentido ao que

foi criado com esforço e dedicação – capital cultural” (Bourdieu, 1979 *apud* Rodrigues, 2016).

Em termos empíricos, olhando a um concelho no interior de Portugal, importa pois questionar: “o que motiva os jovens a permanecer no Concelho de Elvas?”. Apesar de a inserção profissional dos jovens ser um tema atual e pertinente, os estudos existentes incidem principalmente sobre os grandes centros urbanos e tratam sobretudo questões como o êxodo rural, as migrações internas, assim como os jovens que saem do país em busca de oportunidades. Ao fazê-lo deixam de parte os jovens que se mantêm nas suas terras natais, onde muitas vezes seguem o legado da família ou optam por inovar.

A Sociologia tem um papel muito importante no estudo da mobilidade geográfica, na medida em que se ocupa, entre outros, do estudo do significado do território enquanto construção social, através nomeadamente da análise dos impactos nos modos como as pessoas se deslocam, assim como tem um papel essencial no estudo do empreendedorismo devido a este ser um fenómeno cultural. Do ponto de vista da Gestão de Recursos Humanos, a questão é igualmente interessante, uma vez que os jovens são um recurso fundamental na composição da população ativa de um país. Tanto à escala nacional quanto local, a presença de jovens, como também a sua ausência, são temas de reflexão e preocupações fundamentais.

Neste trabalho centro-me especificamente no papel que a existência de um “negócio familiar” pode desempenhar na tomada de decisão dos jovens em ficar a residir no concelho. Faz, portanto, sentido analisar o conceito de empresa familiar e de empreendedorismo por relação com o mercado de trabalho. Vagner Rosalem e António Carlos dos Santos (2005) dizem-nos em “Reflexes of the unemployment on micro and small enterprises succession”, que “a Empresa Familiar é provavelmente uma das mais antigas formas de negócio surgidas ao longo da evolução da humanidade (Lea, 1991 *apud* Rosalem e Santos, 2005, p.76). Quando falamos em Empresas Familiares, muitas vezes pensa-se num negócio pequeno gerido por uma família, para a sobrevivência da mesma, não tendo muitas perspetivas de crescimento. Contudo, essa ideia é redutora, pois as Empresas Familiares são a forma de empresa predominante nos novos mercados, quer sejam nacionais ou internacionais. De facto, “entre 65% e 80% das empresas a nível mundial são familiares, desde as mais pequenas às mundialmente conhecidas como é o caso da Wal-Mart e da Fidelity Investments.” (Gersick et al., 1998 *apud* Neves, 2001, p.1).

As questões de investigação que orientam a investigação são: i) Quais são as trajetórias de empreendedorismo de base familiar dos jovens que permanecem no concelho de residência?; ii) Quais são as motivações e expectativas dos jovens para com o empreendedorismo de base familiar?; iii) Quais os significados atribuídos à relação entre família e individualismo na justificação para o empreendedorismo?. Estas questões de investigação conduziram-me aos objetivos específicos: (i) caracterizar as trajetórias de empreendedorismo familiar entre jovens que permanecem no concelho de Elvas; (ii) identificar e distinguir motivações e expectativas que sustentam o empreendedorismo familiar por parte dos jovens; (iii) compreender as lógicas de legitimação do empreendedorismo no cruzamento entre familiarismo e individualismo (cf. Quadro em anexo I). Este trabalho visa também, e de forma transversal, aplicar conhecimentos teóricos, metodológicos e empíricos na identificação de problemas sociológicos, desenvolver a capacidade de rutura com o senso comum e objetivar a curiosidade sociológica. A literatura existente sobre a relação entre empreendedorismo e família provém sobretudo do campo da gestão. Do ponto de vista sociológico, a relação entre empreendedores e os seus contextos familiares de origem é pouco estudada, o que justifica desde logo a importância e inovação deste trabalho.

Esta dissertação está estruturada em três partes fundamentais que se seguem a esta introdução. Numa primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico, onde serão abordados temas como a relação entre família, empreendedorismo e juventude. Posteriormente, segue-se a metodologia, que engloba a apresentação e descrição do trabalho desenvolvido a partir das principais fases identificadas: modelo de análise, problematização e operacionalização; unidade de observação e construção da amostra; procedimentos de recolha e análise de dados e por último, interpretação dos resultados. A terceira parte corresponde à análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos, seguida da bibliografia referenciada e enumeração dos apêndices.

Pretende-se com este estudo dar conta da complexidade que é para os jovens entrar no mercado de trabalho e como a influência/pressão da família, os limita ou apoia, em relação à sua própria autonomia e ao seu desejo em relação ao mundo laboral. Assim, a partir de uma abordagem que combina jovens, família e empreendedorismo procura-se responder à questão “O que motiva os jovens a permanecer no Concelho de Elvas?”, sendo que se pretende compreender o papel da família nesta decisão.

I. Enquadramento teórico

1. A família: Mudanças e Permanências

“A íntima conexão entra a família e a sociedade, assim como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também à sociedade que não abandone o seu dever fundamental de respeitar e promover a família”.

Familiaris Consortio, 1989

Significado histórico da família

O conceito de família tem-se adaptado às várias realidades que se vivem em cada época. A origem da palavra “família” é latina, surgiu em Roma e deriva da palavra “famulus” que significa servidor. Na Roma antiga, o conceito de família remetia não só ao conjunto de escravos e servidores, mas também a toda a “domus”, que significa casa. Por outras palavras, família eram todas as pessoas que residiam sob o mesmo teto, fossem escravos, filhos, serviçais, assim como os bens patrimoniais possuídos por essas pessoas, numa hierarquia regida sob ordens do chefe, o “pater famílias” (Segalen, 1999).

Ao longo dos tempos, uma múltipla diversidade de olhares sobre a família retrata, também, “um conjunto de ritos e de costumes que nos permitem apreender o significado do que é ser pai, mãe e filho nesta ou naquela época, neste ou naquele espaço, neste ou naquele contexto socio-económico, cultural e político, como ainda acontece nos nossos dias.” (Leandro, 2006, p.60).

Na Roma antiga, o homem era privilegiado, isto é, enquanto homem de família, não demonstrava preocupação na procriação e nos cuidados que os filhos necessitavam, deixando essa responsabilidade para a mulher. Detinha o poder de vida e de morte ou de abandono da sua prole, isto é, quando um filho nascia, este podia ser aceite ou rejeitado pelo pai, contudo, caso vivesse e fosse reconhecido como filho, enquanto o progenitor fosse vivo ele era-lhe totalmente submisso e considerado um cidadão de segunda. O casamento na altura, era intitulado de “*matrimonium*”, o conceito designava que as mulheres em idade procriativa tinham o dever de gerar descendência aos cidadãos,

constituindo a condição legal de “*mater*”, ou seja, a mulher poderia ser reconhecida como um instrumento da ordem política.

Em relação ao cristianismo, também ele influenciou sobremaneira a família, principalmente no que diz respeito à nuclearização. M. Segalen e J. Goody reconhecem a igreja católica como a grande influência na construção de uma sociedade familiar europeia de tipo nuclear conjugal, isto devido à proibição de diversas práticas como a adoção, a poligamia, o divórcio, o casamento no seio de parentesco, entre outros, ao mesmo tempo que frisam a relevância do livre consentimento dos esposos baseado na afeição. No século XII, o casamento é elevado à dignidade de sacramento indissolúvel, ou seja, os casais não se podiam separar, o que reforçou ainda mais o peso da instituição.

Como estes exemplos mais longínquos na história social tão bem demonstram, a família atravessou e atravessa todas as épocas com mudanças, sejam elas sociais, económicas ou políticas. Na chamada sociedade ocidental, a evolução notou-se principalmente no progresso de passagem das “organizações estatais de poderes centralizados para sistemas mais democráticos em que se valoriza, predominantemente, a liberdade, a racionalidade, a igualdade de oportunidades e o indivíduo, ao mesmo tempo que se faz a transição da economia camponesa para a economia industrial e para a terciária, como acontece actualmente com a intensificação da urbanização das sociedades contemporâneas.” (Leandro, 2006, p.52 e 53). Saraceno e Naldini, no mesmo seguimento de ideias, referem que não é a família do campo que se transforma, mas sim alguns estratos rurais que vão para as cidades: “Quem permanece no campo muito tempo mantém os seus modos de organização familiar, embora aumentando os casos de economia familiar mista, com alguns membros a trabalharem nas fábricas (ou, no caso das mulheres, também no serviço doméstico ou nas lojas da cidade), enquanto outros permanecem no campo.” (Saraceno e Naldini, 2003, p.46 e 47).

Com o avanço dos estudos e das teorias, é possível notar uma evolução moderada da família nuclear na Europa. Autores como F. Tonnies (1877), E. Durkheim (1892) e T.Parsons (1937), interpretavam a passagem da família tradicional para a moderna como um sinal de evolução, isto é, com as transformações económicas e a ação modernizadora dos Estados, desde o século XVI, as famílias caracterizadas anteriormente por serem grupos domésticos extensos e complexos, começam a transformar-se em famílias específicas, representada por uma estrutura triangular, sendo formada pelo pai, a mãe e

os filhos. Em oposição a esta ideia, autores como F. Le Paly (1875), viam esta transformação, não como progresso, mas como sinal de declínio/desmoronamento.

A família como instituição social

Começando por definir instituição, utilizamos o conceito de Ogburn e Nimkoff (1971), que reconhecem as instituições sociais como um tipo de organização social, que constituem sistemas sociais. Por outro lado, Fichter qualifica uma instituição como “uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objetivo de satisfazer necessidades sociais básicas”. (Fichter *apud* Lakatos, 1990, p.166). Para este autor, as instituições são caracterizadas por terem uma finalidade, nomeadamente, a satisfação das necessidades sociais; um conteúdo relativamente permanente, que podemos identificar como padrões, papéis e relações entre indivíduos da mesma cultura; são estruturadas, isto é, o padrão de comportamento dá coesão aos componentes de uma sociedade; essa estrutura tem de ser unificada, pois apesar de uma instituição não ser inteiramente separada das restantes, funciona como uma unidade; por último, possuem valores e têm um código de conduta.

No caso da família, trata-se de uma instituição “espontânea”, porventura a instituição mais antiga entre os seres humanos, que é apreciada socialmente como o alicerce “básico” e “universal” das sociedades, isto porque se encontra em todos os conjuntos humanos, independentemente das estruturas e do funcionamento desses grupos. É vista frequentemente como uma instituição “insubstituível” e que fortalece o Estado como um todo (Lakatos, 1990).

Na sua estrutura, como modelo de atitudes e comportamentos, cabe à família o afeto, amor, lealdade e respeito. Entre os seus símbolos, nomeadamente, quanto aos traços culturais simbólicos, podemos identificar a aliança, o brasão, escudo de armas ou bens móveis, e os traços culturais utilitários são os bens imóveis, como o lar, a habitação e propriedades. Em relação aos códigos orais ou escritos, temos exemplos como a certidão de casamento, o testamento e a genealogia (Lakatos, 1990).

De um modo geral, os autores mostram um certo consenso nas definições atribuídas à família. Murdock (1949) classifica família como um grupo social que é

identificado por residir junto, com colaboração económica e reprodução. Para Mair (1970) consiste num grupo doméstico onde pais e filhos vivem juntos, e para Beals e Hoijer (1969) família é um grupo onde os membros estão interligados por laços de parentesco.

A universalidade da família como instituição verifica-se principalmente através dos cuidados e da educação das crianças e estes fatores, juntamente com a reprodução, partilha económica e a divisão do trabalho entre os sexos, definem em grande medida a sua função.

Contudo, o caminho das sociedades não terminou e é devido à sua constante mudança que os padrões institucionais de atuação têm de se adaptar às alterações, nomeadamente mudanças causadas pelo sistema demográfico. Como refere Fernandes (2001), “caminhamos seguramente para uma sociedade diferente da que conhecemos até agora e onde os padrões institucionais de actuação terão que se adequar às mudanças indeléveis proporcionadas pela revolução silenciosa do sistema demográfico.” (Fernandes, 2001, p. 4).

Muitas vezes os pais idosos já não coabitam mais com os filhos adultos, o que os leva a viverem sós. O prolongamento da duração de vida, as novas formas de coabitação e as parcerias *gays* e *lésbicas*, ou simplesmente as pessoas quererem ter a sua vida independente dão origem a novos agregados familiares. As “novas famílias” são, assim, “um sinal de que não só os modos de construir família se multiplicaram, mas que o significado de família daquilo que é uma família, é cada vez menos partilhado.” (Saraceno e Naldini, 2003, p.83).

Um outro ponto importante na definição da família como instituição são os seus rituais, os quais “podem ser definidos como práticas prescritas que resultam da interação familiar direccionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico.” (Costa, 2016, p.111 e 112). Estes rituais, tal como a família, têm mudado ao longo dos tempos. Na contemporaneidade permanecem como lugares importantes de construção da família, isto é, acompanham a família na sua modernização e ao contrário de antes, hoje são frequentemente mais individuais e particulares, ainda que fortemente moldados, quer por estruturas e dinâmicas familiares, quer por contextos sociais de pertença e dinâmicas de género. Assim, “constamos que a família, enquanto realidade sociológica, faz os rituais (...) Mas, os rituais familiares são também um lugar

de construção da família.” (Costa, 2016, p.116 e 117), e neste sentido podemos afirmar que a família é uma instituição culturalmente determinada, flexível e persistente, que sabe resistir e ajustar-se às modificações e alterações familiares e sociais. É uma instituição que pode ser identificada como um pilar, porque até hoje nenhuma sociedade consegue viver sem a família, mesmo sofrendo mutações e alterações, a sua reorganização é intemporal e constrói-se através de culturas distintas. Como refere Maria Engrácia Leandro, “A íntima conexão entre a família e a sociedade, assim como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também à sociedade que não abandone o seu dever fundamental de respeitar e promover a família” (Familiaris Consortio *apud* Leandro, 2006, p.51).

Algumas perspetivas teóricas sobre a família

Tanto a família como a vida familiar têm sido abordadas de forma diferentes por diversos sociólogos, sendo relativamente consensual que não se pode referir família como modelo único, mais ou menos universal.

Giddens (2001) diz-nos em “*Sociologia*” que a perspetiva funcionalista contempla a sociedade como “um conjunto de instituições sociais que desempenham funções específicas, assegurando a continuidade e consenso do todo social.” (Giddens, 2001, p.177). De acordo com esta perspetiva, a família tem a função de desempenhar tarefas que cooperam para as principais carências da sociedade e ajudam a conservar a ordem social. Os sociólogos que defendem a perspetiva funcionalista reconhecem que a família nuclear completa determinados papéis instruídos nas sociedades modernas.

Contudo, o desenvolvimento da industrialização trouxe mudanças significativas e a família perdeu valor no que diz respeito à unidade de produção económica. Ao mesmo tempo, ganhou crédito na reprodução, na educação infantojuvenil e na socialização.

Outro autor que contribuiu para a teoria funcionalista foi Talcott Parsons. Com base nas obras de Max Weber e Émile Durkheim, este autor caracteriza a sociedade como um todo complexo dividido em partes, sendo que cada parte desempenha um papel individual e é a fusão dessas partes divididas que explica o todo. A sociedade é então uma totalidade complexa e sistemática. O funcionalismo, segundo Parsons, deve contemplar a estrutura social, procurando compreender a sociedade como um sistema que procura o

equilíbrio. Para Parsons, a família tem duas funções principais que são a socialização primária e a estabilização da personalidade (Parsons e Bales, 1956).

Assumimos como socialização primária, “o processo através do qual a criança apreende as normas culturais da sociedade onde nasce. Em virtude deste aprendizado, ocorrido nos primeiros anos da infância, a família é a mais importante "arena" para o desenvolvimento da personalidade humana.” (Giddens, 2001, p.177). Já estabilização da personalidade consiste no papel que a família desempenha ao assistir emocionalmente os seus membros enquanto adultos. Nas sociedades industrializadas assistimos a que o papel da família na estabilização de personalidades adultas é considerado essencial no desenvolvimento do ser humano.

Para Parsons, a família nuclear era a unidade que estava mais bem preparada para enfrentar as necessidades da sociedade industrial, uma vez que na família convencional/tradicional um adulto pode sair de casa para trabalhar, enquanto o outro adulto fica em casa, tratando das lides domésticas e dos filhos: Noutras palavras, o marido assume a função “instrumental” de provedor, e a mulher encarrega-se da função “afetiva” ou “expressiva”, dentro de casa.

Hoje, a visão de Parsons em relação parece desajustada e antiquada. As teorias funcionalistas foram fortemente julgadas pela divisão doméstica das tarefas entre homens e mulheres vista como algo natural e incontroverso.

O pós-guerra introduziu importantes mudanças na divisão dos papéis de género dentro e fora da família, isto é, na esfera privada e pública, o que veio questionar o odelo parsoniano. Porém, a visão funcionalista pode também ser criticada noutros aspetos, como é o caso de ambos os teóricos terem negligenciado o papel que outras instituições sociais, como o governo, os media e as escolas desempenham na socialização infantil, assim como o facto de negligenciarem as variações nos padrões familiares, isto é, não identificarem formas familiares, que não se encaixam ao modelo da família nuclear, rotulando-as como desviadas.

Mais recentemente, Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim, na sua publicação de 1995 “O caos normal do amor” avaliam a essência das relações pessoais, assim como dos casamentos e também dos padrões familiares face a um mundo em rápida mudança.

Na sua ótica, fatores como diretrizes, regras e tradições atualmente não se aplicam mais, uma vez que os indivíduos têm uma liberdade que não tinham em tempos anteriores.

Agora é possível escolher, adaptar, melhorar ou até mesmo desfazer uniões, o que torna o casamento uma escolha nos dias de hoje, onde as pessoas podem optar por casar ou não, assim como têm a liberdade para escolher o seu parceiro, não dependendo de interesses económicos e familiares.

Estes autores veem a família, o trabalho, o amor e a liberdade como interesses que os indivíduos podem fazer coincidir e conciliar. As mulheres investem na sua formação mais que os homens, o que anteriormente não acontecia, pois as mulheres trabalhavam meio período fora de casa, ou por outro lado, punham totalmente de parte as suas profissões para poderem educar os seus filhos. Hoje, embora o número de mulheres seja maior em relação aos homens, tanto indivíduos do sexo feminino, como indivíduos do sexo masculino deixaram para trás determinados padrões e focam-se nas suas necessidades pessoais e profissionais.

Talvez esta seja a causa para as elevadas taxas de divórcio, como também de recasamento. As pessoas tendo a sua liberdade, casam por amor, assim como se divorciam pela mesma razão. Apesar disso, as pessoas ainda preservam a esperança de encontrar o amor verdadeiro e a realização pessoal. O amor tornou-se cada vez mais importante à medida que ocorrem alterações nas sociedades, “justamente porque o nosso mundo é tão devastador, impessoal, abstrato e está em constante mutação” (Giddens, 2008, p.156). Assim, os relacionamentos na nossa época são muito mais que apenas relacionamentos. Não são baseados apenas no amor, questões como, o sexo, os filhos, o casamento e as tarefas domésticas são questões negociáveis (Giddens, 2008).

Elisabeth Beck-Gernsheim divide a tese da individualização em dois pontos principais, o processo de destraditionalização e o processo de construção do próprio ego. A primeira baseia-se na perda da importância das relações sociais e das suas respetivas instituições, dando assim origem à segunda que é a produção do “eu” através de si próprio a partir da própria ação. Querendo isto dizer que, a partir do momento em que o indivíduo deixa a tradição para trás, tem a possibilidade de moldar a sua própria vida e regular a mesma (antes isso estava a cargo das instituições), pode escolher e agir através de uma diversidade de orientações. Contudo, agora existem outras instituições como a educação, mobilidade e o próprio mercado de trabalho que também lhes impõe restrições.

É neste ponto que importa trazer à discussão a chamada “sociedade de risco”. Beck, Giddens e Scott (1997) caracterizam a sociedade atual como uma modernidade

reflexiva que apesar de brindar os indivíduos com a oportunidade de uma existência mais segura e gratificante também lhes oferece problemas que antes não existiam. Resumidamente, o mundo avança a ritmo acelerado onde as certezas de anteriormente passam a certezas provisórias (incertezas), isto porque “as instituições não são mais capazes de oferecer a segurança observada na sociedade industrial, e em que cada indivíduo é sujeito a uma “socialização dos riscos”, independente da acção individual.” (Costa, 2016, p.105). É nesta medida que para os autores, as relações se tornam “diluídas” e “frágeis”, porque dependem de uma cooperação pessoal entre indivíduos. No oposto, Giddens diz-nos que só é possível redefinir relações em formas totalmente novas se houver a libertação da tradição, pois através da mesma existe a possibilidade de existir mais democracia e igualdade nas relações. Para este autor, na família contemporânea surge o “amor confluyente” e a “relação pura” e generaliza-se o uso de termos como “intimidade”, “relação” e “compromisso” que antes eram exclusivos nas categorias de casamento ou família.

Outro autor que se destaca nesta reflexão é Zygmunt Bauman, que intensifica a ideia de que atualmente as pessoas já não se comprometem da mesma forma. Bauman situa o indivíduo numa nova ordem social, onde estes se constroem a si próprios, planeiam a sua vida e se “desenganam a si próprios”. Bauman qualifica o “amor líquido” como sinónimo de insegurança. Diz-nos que o consumo está cada vez mais rápido, fácil e descartável e isto também acontece ao nível das relações. Para este autor, a possibilidade de escolha significa destruição de compromisso sólido e seguro. O autor compara as relações com mercadorias, onde se pode trocar se não se gostar do produto, porém não é garantido que se goste do novo produto.

No seu livro “O amor líquido”, Bauman investiga as relações amorosas dentro do que ele chama de “modernidade líquida”, isto é, são tempos em que nada permanece como antes, existe uma constante mudança muito frequentemente e nada dura, incluindo as relações. Neste sentido, relacionando a modernidade e a individualização, Bauman “prevê uma sociedade onde as redes de parentesco cessem de existir e onde poucos casais se comprometem.” (Costa, 2016, p. 109).

O processo de formação da família moderna

A filosofia das luzes e a industrialização são o grande ponto de viragem da família tradicional para a família moderna, onde valores como a autonomia doméstica, a disciplina, a privação e a afeição foram introduzidos no seio da família.

Ariès (1960) aborda o tema através da infância e da valorização da criança na família e na sociedade. Conclui dizendo que a Europa teve de se ajustar à sociedade democrática através das exigências feitas às crianças e aos jovens, assim como na educação que lhes fora dada e também através do entendimento das novas relações resultantes da valorização da afeição no seio da família.

Na análise deste autor, constatamos duas vertentes interligadas, sendo elas o aparecimento da vida doméstica e o aparecimento da escola em formato de universidade. Estas vertentes retratam um novo conceito de educação, onde a valorização da domesticidade e a escola educam os jovens para uma sociedade profissionalizada, onde o estatuto tem de ser adquirido e não herdado.

Já Durkheim (1892), em referência ao seu sistema de valores, aprova esta desvalorização da herança, e desta forma considera possível equalizar as desigualdades externas onde nascem ou os indivíduos são postos, devido a não existirem desigualdades sociais que resultem do valor pessoal de cada um. Cada indivíduo deve ser valorizado, assim como o seu mérito pessoal. Para o “pai da sociologia”, o mérito pessoal, por um lado “é valorizado como forma de combate às desigualdades sociais e, pelo outro, é um aspecto que ele deplora, uma vez que tende a fazer do indivíduo um fim em si mesmo, podendo pôr em risco os laços sociais que deveria tecer com os outros cidadãos e sem os quais pode cair na anomia ou mesmo em tendências suicidárias.” (Durkheim *apud* Leandro, 2006, p. 63).

Na sua obra *Suicídio* (1897), o autor considera que o trabalho é apenas um instrumento de sustento, um recurso enriquecedor que permite dar aos filhos um maior bem-estar. Conforme esta teoria, a família só se tornará moderna quando o estímulo para trabalhar for outro que não seja o interesse pessoal e doméstico.

No que se refere às relações entre pais e filhos, são também de destacar as diferenças relativamente ao passado. Antes a criança não era tratada com a afeição e cuidado com que o são nos dias de hoje, seja em relação à higiene, saúde, forma de vestir,

investimento que os pais fazem na escolarização dos filhos, assim como a entrada dos mesmo mais tardiamente no mercado de trabalho. Na família moderna, cada vez mais racional segundo Durkheim, estamos presentes uma valorização da afeição no interior da família, e principalmente na criança, e uma aposta intensiva nos percursos escolares e na formação das crianças, que lhes permite uma melhor formação humana. Contudo, estes fatores trazem consequências que não podemos negligenciar, nomeadamente um menor número de filhos nas famílias.

Com o avanço tecnológico e descobertas na área da medicina, assim como medidas higiénicas várias, a esperança de vida aumentou e a mortalidade infantil diminuiu drasticamente. As famílias têm hoje melhores possibilidades, são capazes de dar aos filhos uma melhor alimentação, higiene, vestuário, condições habitacionais e muitas vezes optam por conseguir dar essas boas condições a um único filho.

A este propósito, Ariès (1960) identifica dois tipos de família, no primeiro a criança é negligenciada, só importa o matrimónio e a sua mão de obra; no segundo, a criança é valorizada e os pais investem no seu futuro, ou seja, a criança passa de ser um “recurso” para os interesses dos pais e passa a ser um “projeto” onde os mesmos investem. O autor ainda reforça a importância da escola, pois é esta instituição que gere uma ideia de infância e todas as suas componentes como a inocência e fraqueza, por exemplo. Esta também é a ideia de Durkheim, para quem se verifica uma centralização e valorização das pessoas e conseqüentemente ocorre o sentimento de infância e família.

Em suma, as famílias dos nossos dias são distintas de outras épocas, sendo caracterizadas pela privacidade e a afeição. Assim, o investimento na educação torna a família moderna não só mais sentimental, como também educativa. (Singly, 1993 *apud* Leandro, 2006, p.66).

Mudanças familiares desde a segunda metade do século XX

Nos anos cinquenta do século XX, a família “ocidental” não era objeto de grande preocupação social. A sua formação estava quase exclusivamente associada ao casamento, as ruturas familiares praticamente não existiam, as tarefas atribuídas aos membros da família estavam definidas e hierarquizadas. Noutras palavras, a família nuclear conjugal era baseada num casamento estável, numa mãe que era encarregue da educação dos filhos e das lides domésticas, sob a autoridade do pai, o “pater famílias”.

Nestas famílias os interesses dos indivíduos não estavam em primeiro plano, o grupo e os seus interesses eram sempre mais importantes.

Contudo, por volta dos anos sessenta do mesmo século, a família começa a ser alvo de grandes transformações. Na vida conjugal procura-se a felicidade através da formação de uma vida a dois, que enquanto durar constitui um “nós”, mas que conjuntamente respeite o “eu”, onde os casais podem ter filhos ou não, mas não são obrigados a permanecer um casal, isto é, os membros têm a sua própria liberdade, assim como a sua identidade (Leandro, 2006) As transformações que se realizaram na família, desde a segunda metade do século XX, diferenciadas das anteriores no decorrer da história, constituem uma autêntica revolução. Como cita Elias, o processo de modernização compreende uma crescente individualização da vida quotidiana (Elias *apud* Leandro, 2006, p.68). Outro aspecto desta revolução é o facto do aumento da longevidade, já que as pessoas entram mais tarde na vida conjugal e as famílias com várias gerações multiplicam-se.

A par desta mudança podemos afirmar que as instituições tradicionais e religião perdem importância. Antes eram poderosos reguladores de expectativas. Através destas entidades os casais não tinham autonomia face à família. Porém, a maior afirmação do indivíduo e a emancipação da mulher fizeram com que atualmente a tradição e a religião já não sejam, pelo menos não para a maioria das pessoas, um suporte de legitimação (Costa, 2016). Neste sentido, “As orientações tradicionais dão, assim, lugar às orientações institucionais onde o indivíduo não mais se encontra colocado, mas onde se coloca pela acção da sua decisão. Neste caminho não pode contar com as instituições tradicionais como referência, nem mesmo das gerações anteriores, pois tais referências fazem parte de uma outra modernidade que não esta.” (Costa, 2016, p.103).

Para além destes fatores, a que se juntam fatores de carácter económico e social, identificamos ainda três fatores pertinentes para as mudanças identificadas: o aumento da escolarização de ambos os sexos, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e as descobertas científicas.

Em relação ao aumento da escolarização, apesar da mesma ser para ambos os sexos, verifica-se que as raparigas têm vindo a ultrapassar os homens em relação à presença no ensino superior, o que é simultaneamente causa e consequência da emancipação da mulher. Uma vez que a mulher “sai” de casa e faz outras coisas sem ser

as lides domésticas ou a criação dos filhos, começa a apostar em si e principalmente na conquista de uma posição em tudo semelhante à do homem.

Já as descobertas científicas são marcadas pelo aparecimento dos meios contraceptivos, os quais permitem à mulher ter o controlo da sua fecundidade. Assim o casal consegue evitar gravidez indesejadas ao mesmo tempo que programa o nascimento dos seus filhos em termos de momento e número, progressivamente, este evento marcante na vida do casal consolida-se como a coincidência entre um desejo e um projeto planeado. Talvez esta transformação seja a mais notória no seio da família no século XIX, pois as mulheres deixam de estar sujeitas às leis da natureza. Esta mudança permitiu que “a maternidade deixasse de ser um “destino natural”, transfigurando numa “vocação sagrada” para se tornar numa escolha. (Hervieu-Léger, 2003, *apud* Leandro, 2006, p.70).

Em suma, a família de hoje é caracterizada por ser uma família relacional e eletiva, onde se evidenciam as relações horizontais, e não tanto vertical, onde se observa a diferença e a hierarquia. Para além disso, “o desenvolvimento da ciência e a secularização do pensamento contribuíram para o carácter crítico e inovador da perspectiva moderna. Deixámos de presumir que hábitos ou costumes são aceitáveis apenas porque têm a autoridade ancestral da tradição e ideais como superar-nos a nós próprios, liberdade, igualdade ou participação democrática são, em grande parte, criações produzidas nos últimos dois ou três séculos.” (Silva, 2016, p.7).

A família em Portugal

Não é fácil definir família, tão pouco em contexto português. No contexto histórico como já foi referido anteriormente, a família é o “conjunto de pessoas que possuem entre si laços de sangue ou de aliança, que se estabelecem, respetivamente, com o nascimento e o casamento. Neste sentido, família é sinónimo de «parentesco», na medida em que é constituída pelos nossos «parentes».” (Wall, Cunha & Atalaia 2013, p.70). Noutra aceção, neste caso a nível estatístico, o INE conceitua família como o conjunto de indivíduos que coabitam na mesma casa e que formam um agregado doméstico. Agregado este que pode ser constituído apenas por uma pessoa, por várias pessoas que não mantenham qualquer laço de sangue ou diversas pessoas que detenham entre si laços de sangue ou aliança. Já a ONU, propõe que, “Para fins censitários a família deveria ser definida no sentido estrito de um núcleo familiar, isto é, as pessoas dentro de

um agregado doméstico ligadas entre si como marido e mulher, ou pai e filho (de sangue ou de adoção) solteiro ou núbil.” (Saraceno e Naldini, 2003, p.56).

É relevante recapitular que o conceito de família nuclear mais comum é um agregado doméstico formado por um casal heterossexual e os seus filhos, apesar de este tipo não ser estatisticamente predominante é a representação mais comum acerca da família (Wall, Cunha & Atalaia, 2013). Outra representação de família, no sentido mais afetivo, diz respeito às pessoas que o indivíduo considera a sua família, por vezes sem nenhuns laços de parentesco, sendo por norma amigos, e onde a própria família no sentido mais tradicional do termo pode ser excluída.

Os anos 70 do século XX representaram o início da mudança no seio familiar em Portugal. A taxa de nupcialidade começa a sofrer quedas acentuadas, os casamentos católicos diminuem significativamente, as taxas de divórcio aumentaram, e as coabitações e filhos fora do casamento tornam-se algo regular.

Em relação à fecundidade, é sabido que através dos métodos contraceptivos as mulheres conseguem ter o controlo sobre o tempo em que querem ter os filhos, assim como o número dos mesmos. Nos anos 60, as mulheres tinham uma média de 3,2 filhos, no decorrer dos anos 90 a média era de 1,6 e a sua tendência de declínio continuou registando o valor mais baixo em 2011, verificando-se então uma média de 1,4 filhos por mulher. Uma nova realidade estava em construção, onde “viver em casal já não implica necessariamente ter filhos ou tê-los logo; por outro lado, a criança é alvo de investimentos elevados no plano dos afetos, do bem-estar material e dos percursos escolares longos que as gerações anteriores não tiveram, consubstanciando um ideal de infância privilegiada e protegida.” (Atalaia, Cunha & Wall, 2013, p.70 e 71).

Algo que teve impacto considerável nas formas de viver em família foi a mudança ao nível dos comportamentos demográficos e dos papéis de género. O quadro que se segue sintetiza o conjunto de mudanças na família, do ponto de vista dos indicadores demográficos, entre 1960 e 2011, isto é, num espaço aproximado de meio século.

Quadro 1 – A família através dos indicadores demográficos, Portugal, 1960 - 2011

	1960	1970	1981	1991/2	2001	2011
Conjugalidade						
Taxa de nupcialidade (‰)	7,8	9,4	7,8	7,2	5,7	3,4
Idade média do 1º casamento						
Homens	26,9	26,6	25,4	26,3	27,8	31,0
Mulheres	24,8	24,3	23,3	24,4	26,1	29,5
Casamentos católicos (%)	90,7	86,6	74,6	72,1	62,5	39,5
Casais em união de facto (/total de núcleos de casais)	-	-	-	-	16,4	47,4
Divórcio						
Taxa bruta de divorcialidade (‰)	0,1	0,1	0,7	1,0	1,8	2,5
Fecundidade						
Total de nados vivos	213 895	180 690	152 071	116 299	112 774	96 856
Índice sintético de fecundidade	3,2	3,0	2,1	1,6	1,5	1,4
Idade média da mulher ao 1º filho	25,0	24,4	23,6	24,9	26,8	29,2
Nados vivos fora do casamento (%) (/total de nados vivos)	9,5	7,3	9,5	15,6	23,8	42,8
Longevidade						
Esperança de vida à nascença HM	-	67,1	71,7	74,1	76,7	79,8
Índice de envelhecimento	27,3	34,0	44,9	68,1	102,2	127,8
Mercado de trabalho (Taxa de atividade (pop. ativa > 14 anos/total pop.))						
Feminina	13,1	19,0	29,0	36,0	45,5	47,4
Feminina (25-34 anos)	-	-	-	78,5	83,1	88,8
Evolução das estruturas familiares						
Número de agregados domésticos	2356982	2345225	2924443	3147286	3650757	4043726
População residente a viver em AD	8777167	8611110	9788154	9808449	10255526	10436516
Dimensão média dos AD	3,8	3,7	3,4	3,1	2,8	2,6
% de agregados com + de 5 pessoas	17,1	15,9	10,6	6,6	3,3	2,0
Principais tipos de agregado doméstico						
Ad sem núcleo familiar	16,4	-	-	16,6	19,5	23,3
Pessoas sós	11,5	-	-	12,4	15,5	21,4
Ad de famílias simples	68,2	-	-	69,5	70,1	68,0

Casal sem filhos	14,8	–	–	20,0	22,0	23,8
Casal com filhos	47,5	–	–	43,9	41,1	35, 2

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Wall, Cunha, Atalaia (2013, p.74 e 75).

Destaque desde logo para o fator longevidade. Com a inovação tecnológica e as descobertas na área da medicina, as taxas de mortalidade sofreram quedas notáveis: os valores da mortalidade infantil são baixos e os níveis de longevidade são altos, como podemos verificar através dos valores de esperança de vida à nascença, que em 1970 era 67,1 anos aumentando significativamente ao longo dos anos, atingido os 79,8 anos em 2011. Outro fator é o índice de envelhecimento, que é a “relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14” (Pordata). Por outras palavras é o número de indivíduos com 65 anos e mais anos por cada 100 jovens com idade inferior a 15 anos. Em 1960 verificava-se um total de 27,3 idosos por cada 100 jovens, número que passou para 127,8 idosos em 2011. Note-se que um valor inferior a 100 tem como significado uma maioria de jovens perante a faixa etária dos idosos, o que acontecia em 1960. Analisando a tabela, podemos verificar que até 2011 o número de idosos por cada 100 jovens aumentava a um ritmo acelerado.

A emancipação da mulher, o sair de casa e deixar para segundo plano as tarefas domésticas constitui uma grande mudança na família, mas também no mundo laboral. Desde 1960 que a taxa de atividade feminina não para de aumentar, passando de 13,1% para 47,4% em 2011, com destaque para as idades entre os 25 e 34 anos onde a taxa era de 88,8%. Atalaia, Cunha & Wall, identificam a emigração masculina, a guerra colonial, a terciarização do tecido económico e a evolução dos níveis de escolaridade como fatores explicativos para a drástica subida destes números.

De 1960 para 2011 verifica-se também que o número de agregados domésticos aumentou exponencialmente. Em oposição, a dimensão média dos agregados familiares diminuiu de 3,8 indivíduos em 1960 para 2,6 indivíduos em 2011, assim como a percentagem de famílias com mais de cinco pessoas que de 17,1% em 1960 diminuiu drasticamente para 2% em 2011. Outro aspeto a ter em conta é o número de pessoas sós, que vem aumentando ao longo dos tempos. Esta tendência tem vindo a crescer em Portugal ao longo das últimas décadas, (passando de 11,5% para 21,4%) acompanhando

assim o envelhecimento da população, mas também a mudanças nas vidas privadas de indivíduos mais jovens, principalmente solteiros e divorciados.

Por último, o crescimento do número de casais sem filhos. Com a afirmação do individualismo, a decisão de ter filhos é adiada, o que acontece concomitantemente a um casamento também tardio (em 1960 a idade média ao 1.º casamento era de 26,9 anos de idade para os homens e 24,8 anos para as mulheres, passando respectivamente para 31 e 29,5 anos em 2011), ou não casamento, substituído pela coabitação. No conjunto, o número de casais sem filhos passou de 14,8% em 1960 para 23,8% em 2011.

Na leitura destes números, determinados autores teorizam sobre a passagem da família “institucional” para uma família “companheirista”, isto é, a família deixa de ver o casal como meio de subsistência económica e de procriação, distinta em termos de poder, estatuto e papéis, para se centralizar nos sentimentos, numa relação de género igualitária, onde as mulheres podem trabalhar e sair de casa e onde determinadas ações, como a violência dentro da família, passam a ser socialmente reprováveis e juridicamente puníveis (Atalaia, Cunha e Wall, 2013). Outros veem a família “relacional” de hoje, como o lugar onde o indivíduo consegue encontrar expectativas de felicidade pessoal e de pertença, juntamente com princípios de solidariedade, proteção e cumplicidade. Contudo, há quem ainda identifique a maior liberdade individual como fator de organização da vida privada, com menos influência das convenções sociais. No seguimento desta ideia, podemos dizer que certas famílias optam por um estilo “fusional”, em que o coletivo é o mais importante e outras um estilo mais “associativo”, onde o bem-estar coletivo é importante, mas a autonomia de cada indivíduo também, desta forma, o bem-estar familiar passa pela autonomia de cada um (Atalaia, Cunha e Wall, 2013).

Atalaia, Cunha e Wall (2013) concluem que os laços conjugais e familiares integram, para a grande parte das pessoas, o sentimento de pertença e construção da identidade, pelo que, ter filhos continua a ser um elemento central dos projetos de vida adulta. Para além disto, assiste-se a uma mudança importante no lugar dos idosos na família e existe uma centralidade nos filhos. Através do aumento da esperança de vida e da melhoria das condições de vida tem existido uma maior convivência das novas gerações com as gerações mais idosas, verificando-se que, em diversos contextos, estes últimos têm um papel muito importante de auxílio no quotidiano das famílias, por exemplo, para tomar conta das crianças ou até os irem buscar à escola (Atalaia, Cunha e Wall, 2013).

Socialização e influência cultural da família

Numa aceção comum, podemos definir cultura como o “conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de um povo ou de uma comunidade”. (Dicionário de língua portuguesa, 2010, p.252). Podemos incluir nesta ideia geral de cultura a maneira de vestir, as ocupações de lazer, as cerimónias religiosas, entre outras. Efetivamente, é impossível para uma cultura viver sem uma sociedade, assim como é impossível para uma sociedade viver sem família. Sem culturas não poderíamos, inclusivamente, ser considerados humanos, pois “Não teríamos línguas em que nos expressar, nenhuma noção de autoconsciência e nossa habilidade de pensar ou raciocinar seria severamente limitada.” (Giddens, 2008, p.38).

Para a sociologia, os aspetos que são aprendidos através da cultura são o elemento-chave, pois é o que permite ao ser humano a comunicação e cooperação no seio da sociedade. Todos os aspetos contam, sejam as crenças, os valores e as ideias que formam uma cultura ou os objetos, símbolos e tecnologia que a representam. No seguimento desta ideia, precisamos identificar valores e normas como elementos imprescindíveis de toda e qualquer cultura, pois são eles que decidem o que é importante, aceite e desejável, e também porque os hábitos e costumes de um povo são fundados nestas normas. Consideramos normas os códigos de comportamento que suportam os valores de uma cultura. E simultaneamente com os valores ajustam a maneira como os membros de determinada cultura se comportam dentro dos seus limites. Estes elementos diferem de cultura para cultura, sendo que cada cultura define as suas próprias prioridades, como é o caso do individualismo ou bem comum, embora que ainda dentro de uma certa comunidade, os valores, assim como os comportamentos, possam ser contraditórios de pessoa para pessoa. Embora os valores e normas estejam desde sempre nas sociedades, não são intemporais. Tal como a família e as sociedades, através do tempo os valores e as normas mudam e sofrem mutações que os adaptam às realidades que são vividas no momento.

Como relacionar então a influência que a família tem na cultura do indivíduo? Em primeiro lugar, toda e qualquer sociedade consiste de diferentes grupos e organizações. Nas sociedades contemporâneas, o indivíduo faz parte simultaneamente de muitos grupos e organizações. Neste sentido, compreendemos socialização como o procedimento através do qual o sujeito aprende e interioriza o sistema de valores, normas e

comportamentos de uma certa cultura, assim como as funções que dirigem o funcionamento da vida em sociedade. A criança é um humano indefeso, e é através deste processo que a criança se torna auto-consciente, intelectualizada e apta nos modos de cultura na qual nasceu (Giddens, 2008). A socialização integra todos os domínios da vida do indivíduo como o corporal, afetivo, político, cultural e varia em função de características como sexo, idade e classes sociais, deste modo “a cultura faz parte daqueles aspectos da sociedade que são aprendidos mais do que herdados. (...) A socialização é o principal canal para a transmissão da cultura através do tempo e das gerações” (Giddens, 2008, p.42).

Durante a nossa vida, existe um estabelecimento da vida em grupo, que podemos entender como interação social, isto é, a recíproca ação social entre duas ou mais pessoas que estão em contacto (Lakatos, 1990). Neste sentido, podemos identificar dois tipos principais de socialização, sendo eles a socialização primária e a socialização secundária. A socialização primária é o processo por meio do qual a criança se transforma num membro interveniente da sociedade. Este processo decorre durante a infância e integra o período mais intenso de aprendizagem cultural. É quando a criança aprende a falar e aprende os mais básicos padrões comportamentais que são as bases de aprendizagens posteriores. Nesta fase, a família é o principal agente de socialização. Já a socialização secundária é o processo sucedido a partir do estágio final da infância, por via do qual o indivíduo é inserido num mundo social específico (grupos particulares). Este tipo de socialização decorre desde um momento mais tardio na infância até à idade adulta. Nesta fase, outros agentes de socialização assumem determinada responsabilidade que incumbia à família anteriormente. As escolas, os grupos, instituições, os meios de comunicação e o local de trabalho tornam-se importantes forças de socialização de um indivíduo.

A socialização implica ainda a aprendizagem de papéis e o reconhecimento, sendo respetivamente o comportamento esperado de alguém que detém uma determinada posição social e o conjunto de direitos inerentes a determinada função. Ainda no decorrer deste pensamento, é importante referir que sociólogos relacionados com a escola funcionalista tomam os papéis sociais como fixos e inalteráveis da cultura de uma sociedade.

Em consequência do que vimos, a identidade é uma conceção multifacetada que diz respeito à compreensão que as pessoas têm sobre elas mesmas e o que tem significado para elas, uma vez que, “no decorrer da socialização, cada um de nós desenvolve um

sentido de identidade e a capacidade para o pensamento e a ação independentes.” (Giddens, 2008, p.43). Os sociólogos identificam dois tipos de identidade, designadamente, a identidade social e a auto-identidade. A primeira relaciona-se com as características que são conferidas a um indivíduo pelos outros, dizem quem a pessoa é na sociedade e em relação aos outros que dividem atributos iguais, por exemplo, o estatuto dentro da família (e.g.pai), ou o estatuto associado a determinada profissão (e.g. de advogada). A segunda, é a percepção que o indivíduo tem de si e da relação com o mundo, está relacionado com o interacionismo simbólico, e a construção do *self* (Giddens, 2008).

A família constitui um dos principais agentes de socialização, ou seja, define-se pelo começo natural da socialização e adaptação dos comportamentos biologicamente determinados às práticas culturais, nomeadamente, a aprendizagem dos principais modos da atualidade, tais como a linguagem e hábitos do grupo social inserido. É considerada como o primeiro filtro da vida social e como uma das instituições mais importantes na fase de formação do indivíduo, com grande área de influência, que deriva do contributo da aprendizagem da socialização primária.

Para Rocher, socialização “é o processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos sócio-culturais de seu meio, integrando-os na estrutura de sua personalidade sob a influência da experiência de agentes sociais significativos, e adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver” (Rocher *apud* Lakatos & Marco, 1990, p.216). Em contrapartida, Durkheim, considera educação como a “ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine”. (Lakatos & Marco, 1990, p.217).

Em síntese, através destes dois conceitos podemos interpretar a educação como uma ação que é exercida por pessoas maduras sobre imaturas, que é intencional e que tem como objetivo o desenvolvimento de estados físicos, intelectuais e morais, através dos moldes preparados pela sociedade.

A família, enquanto grupo de convivência, comumente altera-se em distintos aspetos ao longo do tempo. Identicamente, o seu papel na vida de cada um dos seus integrantes modifica-se conforme o seu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual.

As sociedades atuais atravessam diversas e rápidas mudanças sociais, nomeadamente, ao nível do consumo, mentalidades, dinâmicas económicas, hábitos e habilitações. A família parece, assim, estar a perder a sua capacidade socializadora devido à modernização da sociedade (Saragoça, (s/d)). Como houve uma mudança da natureza dos vínculos de filiação e conjugalidade, a família biológica não é a única possibilidade de vínculo familiar, abriram-se novos vínculos, mais psicológicos do que biológicos. Outra razão por que a família está a perder as suas capacidades para transmitir valores culturais é o facto de terem surgido novos agentes de socialização cultural, como é o caso dos meios de comunicação, que não estavam destinados para essa função (Saragoça, (s/d)). Não obstante, a família persiste como uma considerável instância socializadora (Giddens, 2008). O momento de entrada no mercado de trabalho parece não ser imune a tal influência.

2. Empreendedorismo Jovem: Entre a pressão e a Autonomia

O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX.

Jeffrey Timmons, 1990

O conceito de empreendedorismo não é novo e tem sido usado sob diversos significados, embora nos últimos tempos a sua popularidade tenha ressurgido como se fosse uma descoberta inédita no domínio da economia, cultura e sociedade em geral. Richard Cantillon, economista francês do século XVIII, terá sido o primeiro a dar significado à palavra, significado este que no presente ainda persiste com conotação semelhante. Com origem francesa, a palavra “entrepreneur”, significa alguém que assume riscos e cria algo novo.

Cantillon identifica o empreendedor como “uma pessoa que paga um determinado preço por um produto para o vender a um preço incerto, tomando decisões sobre como obter e usar recursos assumindo o risco empresarial.” (Sarkar, 2014, p. 27). Adam Smith, em 1766, definiu no seu livro “*Riqueza das Nações*” o empreendedor como alguém que é um agente económico, que reage às alterações da economia, transformando a oferta em

procura. Já John Stuart Mill menciona o empreendedorismo como sendo a base da empresa privada. O empreendedor, para Mill, é uma pessoa que corre riscos e toma decisões, que cria recursos limitados para a projeção de novos negócios. Normalmente relacionado ao setor privado, o espírito empreendedor está cada vez mais presente nas Universidades e torna-se cada vez mais pertinente para o papel destas na sociedade do conhecimento. Empreender na Universidade envolve uma postura que identifique o conhecimento como um bem que se cria, desenvolve e transmite (Pimpão, 2011).

Carl Menger diz-nos que “o empreendedor é aquele que transforma recursos em produtos e serviços úteis, criando oportunidades para fomentar o crescimento industrial.” (Meger *apud* Sarkar, 2014, p. 27). Na mesma linha de pensamento, Alfred Marshall (1985) considerava que o empreendedor tinha como sua eminente função o fornecimento de produtos e a promoção paralela de inovação e progresso. Para este autor, dentro da organização era o empreendedor quem detinha a autoridade máxima e, nesse sentido, era quem deveria exercer o controlo sobre todos os processos, procurando sempre inovar e encontrar novas oportunidades, visando a minimização dos custos. Outra característica na visão de Marshall é o facto de considerar os antecedentes familiares, a educação e a capacidade inata do indivíduo como fatores de criação do indivíduo empreendedor. Por outras palavras, o facto de ser empreendedor ou não, dependia destes fatores.

Segundo Soumodip Sarkar, com base no pensamento de Shumpeter, o empreendedorismo “é o processo de criação e/ou expansão de negócios que são inovadores ou que nascem a partir de oportunidades identificadas. É claramente uma noção que incorpora o início e o fim de empresas, baseado no ideal de Schumpeter, que considerava a criação de empresas (por outras palavras, o empreendedorismo), como o motor fundamental da economia.” (Shumpeter, 1942 *apud* Sarkar, 2014, p. 33). Para Shumpeter o empreendedor era o gestor da empresa, aquele que se sujeitava a grandes riscos para alcançar os objetivos.

Por influência da Escola Austríaca de Economia existem autores que contradizem o pensamento de Shumpeter. O economista Kirzner (1973) atenta que os empreendedores não atingem uma posição de equilíbrio porque os riscos que correm põem em perigo a meta de atingir os lucros pretendidos. Desta forma, é feito o apelo à necessidade de mudança, devido aos erros poderem ser transformados em novas oportunidades, que acabariam por se tornar novos erros tornando-se num ciclo. Já Mises (1998), observa que

as atividades de gestão não compõem na integridade as funções do empreendedor, pois este precisa também de encontrar as necessidades dos consumidores e prever o sucesso ou insucesso de certos eventos.

É comum hoje falar-se em empreendedores, com os desenvolvimentos das tecnologias, a globalização e a rede de comunicações. Os processos tecnológicos, segundo Robert Solow, Nobel da Economia, têm um grande efeito no crescimento económico, já que uma economia inovadora faz um maior investimento, tanto em pessoas, como em capital, e tem uma maior habilidade para atrair e sustentar pessoas altamente qualificadas.

Uma empresa deve criar ideias e novos conceitos para afirmar a sua liderança face à concorrência, para continuar competitiva e rentável, e é através da inovação que as empresas podem criar valor e diferenciar os seus produtos e serviços no mercado.

Peter Drucker defende a ideia que existe uma forte ligação entre inovação e empreendedorismo quando diz que a “Inovação é a ferramenta específica dos empreendedores, o meio através do qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente. Pode ser apresentada como uma disciplina, pode ser aprendida, pode ser praticada. Os empreendedores precisam de procurar decididamente as fontes da inovação, as mudanças e os seus sintomas, que indicam oportunidades para inovações com sucesso. E eles precisam de conhecer e aplicar os princípios da inovação de sucesso.” (Sarkar, 2014, p. 18). É neste sentido que defendia o empreendedorismo inovador como a causa de várias mudanças em contexto de negócio, economia e indústria. Ainda para William Gartner (1989) o empreendedorismo é o processo de criação de novas organizações, e é isso que o distingue dos demais autores e teorias.

Em suma, o que os empreendedores fazem é aproveitar oportunidades, que podem ser criadas por um vazio de um produto, exploram essa oportunidade para proveito próprio, fazendo assim nascer e/ou crescer empresas, “o empreendedorismo abrange a criação de novos negócios e o desenvolvimento de novas oportunidades em organizações já existentes. Por contribuir para a criação de uma cultura empresarial dinâmica, onde as empresas procuram progredir na cadeia de valor, num ambiente económico global, o empreendedorismo encontra-se no centro da política económica e industrial.” (GEM, 2010, p. IX).

A mais recente abordagem parece pertencer a Sarkar, que liga o empreendedorismo à inovação. Para este autor o empreendedorismo é o processo de criação e/ ou expansão de negócios que são inovadores ou que nascem a partir de oportunidades identificadas

O conceito de empreendedor e empreendedorismo têm uma importância extremamente relevante, uma vez que as empresas são tão responsáveis quanto impulsionadoras do crescimento económico de um país, através da criação de postos de trabalhos e melhorias sociais.

O conceito de empreendedorismo permanece como multifacetado, abordado por várias disciplinas, com diferentes enfoques. O quadro que se segue sintetiza a relação entre disciplinas e conceitos de empreendedorismo.

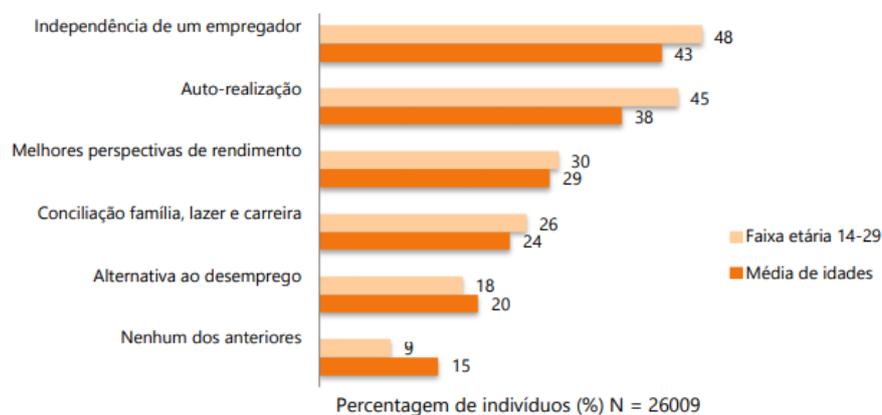
Quadro 2 - Relação entre Tipos de Disciplina e Conceito de Empreendedorismo

TIPOS DE DISCIPLINA	EMPREENDEADORISMO AUTOR / ANO	EMPREENDEADORISMO CONCEITO
Psicologia	McClelland, 1961, 1987; Shaver e Scott, 1991	Características do Empreendedor
Sociologia	Max Weber, 1930/1947; Reynolds, 1991	Comportamento do Empreendedor
Economia	Cantillon, 1755/1931; Say, 1803/1971; Marshall, 1890/1930; Schumpeter, 1911/1934 e 1942; Kirzner, 1973; Baumol, 1993;	Inovação e Desenvolvimento
Finanças	Knight, 1921; Leibenstein, 1968	Risco
Gestão	Penrose, 1959; Howard Stevenson, 1983; Peter Drucker, 1985 Gartner, 1985;	Organização, Planeamento e Utilização de Recursos
Marketing	Venkataraman, 1997; Shane e Venkataraman, 2000	Identificação Oportunidades; Diferenciação da Oferta; Adaptação aos Mercados
Engenharia	Bain, 1968; Porter, 1981, 1990	Distribuição/Coordenação de Recursos

Fonte: Moura (2012)

No que diz respeito aos jovens e ao empreendedorismo, existem trabalhos e informações que permitem caracterizar o empreendedorismo em Portugal, como é o caso de “Empreendedorismo Jovem – Um Olhar sobre Portugal” da autoria do IFDEP, Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal, ou relatórios de empreendedorismo do Informa, contudo são trabalhos de uma natureza mais quantitativa e estatística como é possível verificar nos quadros apresentados abaixo.

Gráfico 1 - Opinião de quais os aspetos mais importantes para o indivíduo iniciar o próprio negócio



Fonte: Empreendedorismo jovem um olhar sobre Portugal, IFDEP Research, 2014, p.33

Como já foi referido anteriormente, o desemprego é uma das maiores preocupações dos jovens. Em maio de 2014, registou-se entre os 28 Estados Membros da União Europeia 5,2 milhões de jovens desempregados a baixo de 25 anos, por outras palavras, uma taxa de desemprego de 22,2%, contudo a situação era ainda pior em Portugal, sendo que a taxa era de 34,8%.

Tabela 1 - Taxa TEA em Portugal entre 2014 e 2016

Portugal	Taxa TEA
2014	9,9%
2015	9,5%
2016	8,2%

Fonte: Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal 2016

Através de estudos realizados ao longo dos anos, a Amway Europe conseguiu sondar que na faixa etária dos 14 aos 29 anos de idade os jovens vêm como um aspeto importante para criar o seu negócio o facto de terem de depender de um empregador, seguido das razões de auto-realização e melhores perspectivas de rendimento. A família

vem em quarto lugar, no sentido de os indivíduos quererem criar o seu próprio negócio para conseguirem conciliar família, lazer e carreira.

Tendo isto em conta, verifica-se através da tabela apresentada em baixo que entre os anos de 2014 e 2016 a taxa de atividades empreendedoras sofreu uma quebra de 1,7%, passando a proporção de empreendedores *early-stage* de 9,9% para 8,2%.

Ainda referente às razões que originam a criação de um negócio, nomeadamente no que se refere aos riscos e oportunidades, é possível verificar na figura 3 que em Portugal, em 2014, 71% dos empreendedores *early-stage* criaram um negócio motivados pela oportunidade, enquanto 28% o fizeram por necessidade.

No que se refere ao ano de 2015, à semelhança de 2014, 70% dos empreendedores *early-stage* criaram o seu negócio por oportunidade e 23% fizeram-no por necessidade.

E em 2016, em Portugal, 63% dos empreendedores *early-stage* criaram o seu negócio por oportunidade e 17% fizeram-no por necessidade.

Posto isto, é possível verificar que a oportunidade é a principal motivação para os jovens abrirem o seu próprio negócio, mas é importante referir que uma multiplicidade de motivos tem vindo a ganhar terreno de ano para ano.

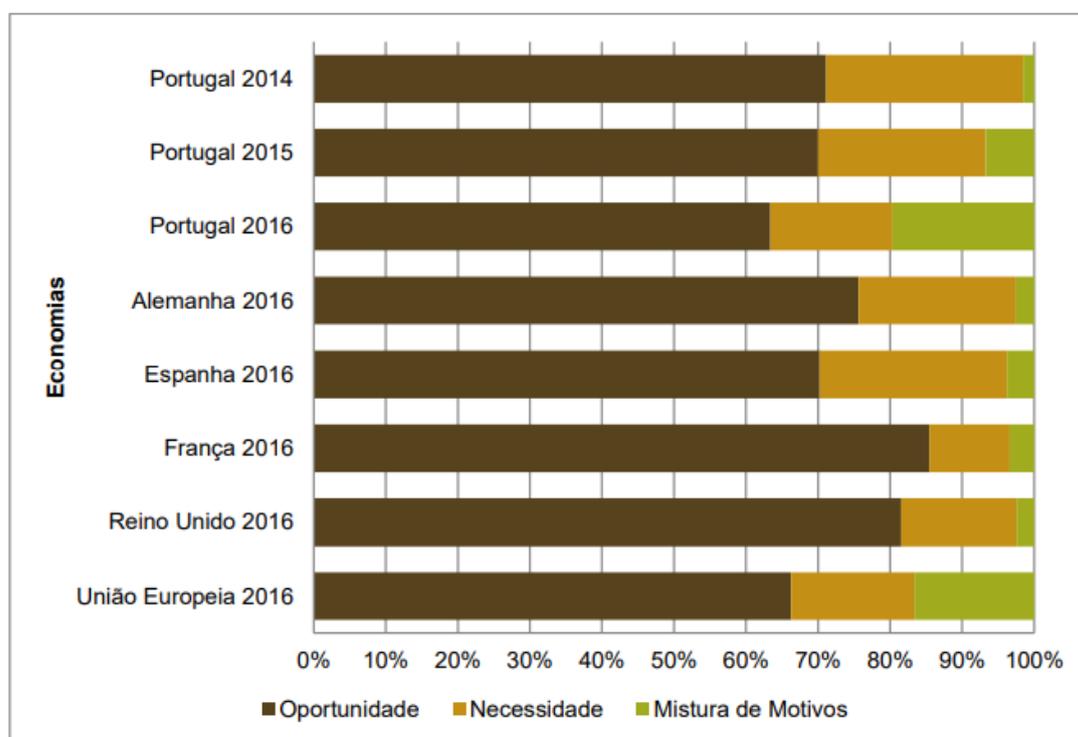


Figura 1 - Atividade empreendedora induzida pela oportunidade e pela necessidade
Fonte: Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal 2016

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, é importante destacar também o perfil sociográfico do empreendedor *Early-stage*, que a Amway Europe, 2014, identifica. Trata-se, maioritariamente, de um perfil jovem, masculino e com habilitações académicas ao nível do ensino superior.

Conforme a figura 4, é possível verificar que entre 2014 e 2016, em Portugal, existe um desequilíbrio entre os números de indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino no que diz respeito a atividades empreendedoras, sendo que entre 2014 e 2015 houve um aumento do sexo masculino na atividade empreendedora e uma diminuição do sexo feminino, também é possível verificar que de 2015 para 2016, houve uma quebra no que diz respeito a ambos os sexos.

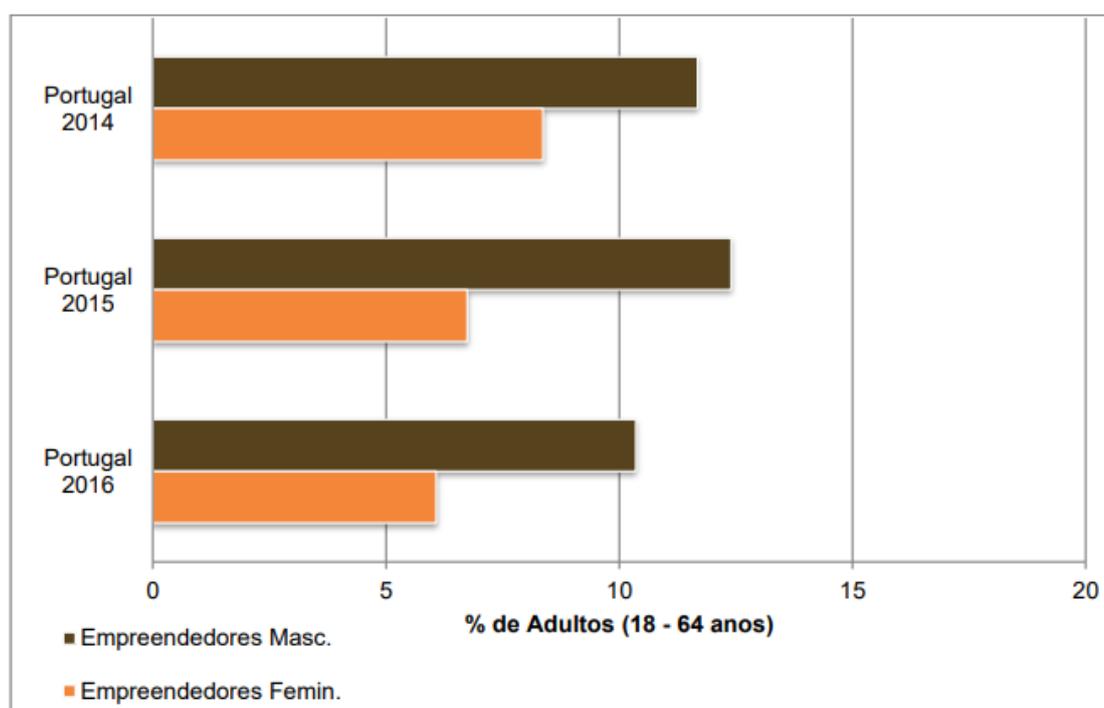


Figura 2 - Evolução da Taxa TEA por género em Portugal
Fonte: Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal 2016

Uma vez que as idades pertinentes ao meu estudo são entre os 18 e os 35 anos, apenas essas faixas etárias serão analisadas conforme a tabela 2.

Tabela 2 - Evolução da Taxa TEA por faixa etária em Portugal

Faixa Etária	Portugal 2014	Portugal 2015	Portugal 2016
18 a 24 anos	10,7%	7,5%	4,4%
25 a 34 anos	13,7%	12,2%	13,3%
35 a 44 anos	14,8%	11,4%	9,6%
45 a 54 anos	7%	9,1%	7,4%
55 a 64 anos	3,1%	5,9%	3,9%

Fonte: Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal 2016

Em Portugal, no ano de 2014, a faixa etária que regista a maior TEA é a que compreende as idades entre os 35 e os 44 anos, com 14,8%, sendo que a mesma faixa etária sofre uma quebra em 2015 e 2016. Em 2015 a faixa etária que regista a maior TEA é a faixa dos 25 a 34 anos, assim como em 2016. Analisado cada faixa, podemos verificar que a taxa que compreende as idades entre os 18 e os 24 anos, sofre entre os anos de 2014 e 2016, uma quebra de 6,3%.

A taxa das idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, mantém-se estável ao longo dos 3 anos, sendo em 2014, 2015 e 2016, uma taxa de 13,7%, 12,2% e 13,3%, respetivamente. A taxa das idades compreendidas entre 35 e 44 anos, tal como na dos 18 e 24 anos, sofre uma quebra de ano para ano, sendo que de 2014 (14,8%), para 2016 (9,6%) a perda é de 5,2%. A faixa dos 45 anos e 54 anos, também é uma faixa que primeiramente sofreu um aumento de 2014 para 2015, mas logo depois sofreu uma quebra de 2015 para 2016.

Tabela 3 - Taxa TEA por nível de escolaridade em Portugal

Nível de Escolaridade	Portugal 2014	Portugal 2015	Portugal 2016
Ensino Básico (2º e 3º ciclos)	6%	6,8%	5,6%
Ensino Secundário	10,6%	9,8%	7,7%
Ensino Superior (licenciatura)	12,6%	11,7%	10,8%
Formação pós-graduada (pós-graduação, mestrado e doutoramento)	19,6%	14,5%	15,1%

Fonte: Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal 2016

No que diz respeito à escolaridade, identifica-se a tabela 3.

Em 2014, em Portugal, o nível de escolaridade que regista a maior taxa TEA corresponde ao nível de Formação Pós-Graduada, isto é, Pós-Graduação, Mestrado ou Doutoramento, mas não só em 2014 como também em 2015 e 2016, este foi o nível de escolaridade que registou a maior taxa TEA. Sendo sempre seguido do nível de Ensino Superior (Licenciatura), Ensino Secundário e Ensino Básico.

Do ponto de vista sociológico, existe menos informação no que toca à relação entre empreendedorismo jovem e família. Existe, e é importante referir autores como Gibb, que identifica as cinco fases da vida nas quais os indivíduos podem adquirir influências, e onde se verifica que a família está presente em quase todas as fases; Sarkar, que nos diz com o empreendedor é influenciado através da educação e da cultura; e também Bohnenberger, Schmidt e Freitas que nos falam da influência em contexto familiar. Porém, do ponto de vista sociológico, da relação entre esses empreendedores e contextos familiares de origem, os estudos escasseiam. Deste modo, o trabalho a ser desenvolvido nesta dissertação é importante porque rarefaz a investigação sociológica que ajude a compreender em profundidade, e de um ponto de vista qualitativo, o papel da família na escolha dos percursos dos jovens, nomeadamente no que diz respeito à criação ou prossecução de um negócio de família.

A família empreendedora

A família empreendedora, assim como as empresas familiares, têm vindo a ganhar destaque e interesse ao longo dos últimos anos. No cenário mundial, este tipo de empreendedorismo possui uma relevância não só económica (afetando diretamente o PIB), como também social, uma vez que no seio da família pode criar empregos diretos (Lansberg, 1997).

Em comparação ao conceito de empresa, o que distingue a empresa familiar é o facto de que esta empresa se baseia na origem e desenvolvimento familiar, isto é, o empreendedor/ criador da empresa trabalha com os membros da sua família para um bem comum, podendo passar a empresa por vários membros da família, de geração em geração. Também se pode identificar o facto de que noutras empresas as ameaças que surgem são ameaças de mercado/ ameaças exteriores, enquanto nas empresas familiares as ameaças mais presentes são ameaças internas, que envolvem questões de gestão e financeiras, que afetam o desempenho da empresa, assim como as relações familiares (Campos & Saraiva, 2019). É neste sentido que Hoy e Sharma (2006), identificam a presença de membros de uma família na empresa como algo que pode prejudicar os objetivos da organização, pois os membros privilegiam as relações familiares e, deste modo, os empreendedorismos familiares são considerados empreendedorismos de natureza “menos profissional”.

No mesmo sentido, outro elemento que afeta a sobrevivência dos negócios de família é a interação entre diferentes gerações. Segundo Frank et al. (2011), para além das dificuldades relacionadas com o negócio temos também as dificuldades referentes à família, mais precisamente na dinâmica entre a família e empresa, pois existe uma mudança nas relações de poder instituídas entre os membros da família empresária, e há sempre a problemática da sucessão. Segundo Borges (2012), à medida que se verifica a participação de membros de diferentes gerações da família empresária há um correspondente aumento das possibilidades de fechamento dessas empresas.

Para Neto (1998), as empresas familiares detêm uma característica distinta das demais organizações, os laços de família, uma vez que estes asseguram o direito de alguém ocupar um cargo na empresa. São empresas que têm a intenção de unir a família no seio da empresa e, ao mesmo tempo, têm em vista o crescimento empresarial, mas também existem desvantagens, como é o facto dos cargos serem ocupados devido aos

laços de família e não às habilidades e competências do trabalhador, algo que pode causar o declínio da empresa. Como refere, “A maior preocupação das empresas familiares é a sua sobrevivência. A maioria delas enfrenta problemas existenciais ou estratégicos, isto é, dificuldades relacionadas à inadequação, tanto na utilização, quanto na escolha dos recursos disponíveis para o alcance das vantagens de mercado.” (Neto, 2001, p.7). Tendo isto em conta, nem todas as empresas familiares são representadas por esta lógica, empresas multinacionais, como por exemplo a Ford, Fiat, Carrefour, Michelin, L’Oreal e C&A, embora possam ser caracterizadas como empresas familiares, contrariam o estereótipo de falta de profissionalismo e desempenho, como se pode verificar através da sua prestação no mercado.

Nos trabalhos de Heck et al. (2008) e Hech e Mishra (2008) a perspectiva presente é que a empresa familiar é a junção da instituição família e o processo empreendedor dos seus membros. “Assim, o empreendedorismo familiar se articula a partir das possíveis sobreposições e interações entre família e empresa, fornecendo elementos para a compreensão de empresas familiares e para a geração de direções futuras de pesquisas” (Heck et al., 2008 *apud* Borges, 2012, p.3).

Lethbridge (1997) diz-nos que a gestão familiar tanto apresenta vantagens como desvantagens e que o futuro da empresa depende do posicionamento que a família adota no seu gerenciamento. Para o autor, estes tipos de empresas são caracterizados em três tipos:

- Empresa familiar tradicional, onde existe uma centralização nos negócios da família, para além de que o capital é fechado, não existindo assim uma transparência administrativa nem financeira;
- Empresa familiar híbrida, onde o capital é aberto, mas a família ainda tem o controlo do negócio;
- Empresa com influência familiar, onde a maioria das ações estão no poder do mercado, mas a família mantém influência estratégica, pois possui o maior controlo das ações.

Posto isto, podemos dizer que “As empresas familiares possuem o que podemos denominar de atributos bivalentes, isto é, características que podem ser, ao mesmo tempo, vantagens ou desvantagens dependendo da forma como as empresas são conduzidas,

como, por exemplo, a simultaneidade de papéis desempenhados pelos membros da empresa familiar, o envolvimento emocional e afetivo das pessoas que nela trabalham a identidade compartilhada dos parentes, sua história de vida comum e sua linguagem particular.” (Adachi, 2006, p. 49).

Noutros pontos de vista, para Oliveira (2006), o que caracteriza a empresa familiar é a sucessão do poder decisório de forma hereditária assente em uma ou mais famílias. Já para Leone (1992), a empresa só é dita familiar quando é inaugurada com uma pessoa da família e os membros da família desse indivíduo atuam de forma participativa na propriedade ou direção.

As empresas familiares por norma são construídas com a personalidade do fundador da empresa, assim como com a trajetória familiar do mesmo, pois o fundador é quem define as culturas e crenças que serão praticadas na empresa. Mosimann e Fisch (1999) identificam que as crenças e os valores dos empreendedores do negócio causam impacto nas crenças e valores da empresa, pois são estes os fatores que vão guiar as diretrizes da organização.

Castro et al. (2008) denominam que empresa e família são dimensões bastante diferentes. Do lado familiar, sobressaem os aspetos emocionais, de aceitação e proteção dos membros da família, enquanto do lado empresarial o que importa são os aspetos individuais assim como a procura de melhores resultados e objetivos. Seguindo essa mesma perspetiva, percebe-se que os objetivos e princípios organizacionais se confundem com os valores cultivados na família. Assim sendo, o equilíbrio entre os interesses individuais e/ou familiares e os objetivos organizacionais parecem ser a chave para a sobrevivência das empresas familiares (Tillmann & Grzybovski, 2005).

É neste sentido que Donnelley (1964) considera que uma empresa familiar estaria na posse de uma família há pelos menos duas gerações, sendo caracterizada quando a empresa e a família se influenciam mutuamente na estratégia e gestão da organização e nos interesses e propósitos da família. Na mesma linha de pensamento Lodi (1998) vê como principal característica da empresa familiar o facto de a sucessão estar estritamente relacionada com o fator hereditário. Para este autor, a empresa familiar apenas nasce na segunda geração de líderes, pois nas mãos do fundador, é apenas caracterizada como um negócio individual.

Relacionando agora família com intergeracionalidade, é pertinente mencionar a questão da sucessão das empresas familiares. Este processo de sucessão é a designação da transmissão de direitos ou bens. No caso das empresas familiares, é quando uma nova geração entra no negócio da família para participar nas suas atividades ou assumir o controlo da empresa. Muitos autores consideram esta ação o momento decisivo para a sobrevivência deste tipo de empresas. Segundo Bernhoeft “O processo sucessório na empresa familiar é assunto relevante e ao mesmo tempo delicado. Não pode ser tratado apenas sob aspetos puramente lógicos da administração, pois envolve pontos efetivos e emocionais, relacionados com a própria estrutura familiar. Existem seis pontos focais fundamentais que devem ser encarados para que esse processo não comprometa a sobrevivência da empresa. São eles: o sucedido, o sucessor, a organização, a família, o mercado e a comunidade.” (Bernhoeft, 1989, p.23).

Já Gersick estipula o conceito de sucessão como não sendo apenas uma coisa, mas muitas coisas. “Não é um evento único que ocorre quando um velho líder se aposenta e passa a tocha a um novo líder, mas um processo movido por um ‘relógio’ de desenvolvimento - começando muito cedo nas vidas de algumas famílias e continuando através do amadurecimento e envelhecimento natural das gerações.” (Gersick, 1997, p.201).

Como já foi referido anteriormente, certos autores classificam a sucessão como um momento pertinente na vida da empresa, pois é onde ela pode sobreviver ou falecer, Brockhaus (2004) é um desses autores. Para ele, a sucessão pode estimular o crescimento organizacional na medida em que insere novas práticas de gestão e novas diretrizes estratégicas (Tillmann & Grzybovski, 2005; Sharma et al., 2003). Em contraponto, também pode sentenciar a falência da empresa familiar, uma vez que podem surgir conflitos entre os membros da família em relação dinâmica entre família e empresa (Haveman & Khaire, 2004). Deste modo, a forma como o processo de sucessão ocorre determina as possibilidades de continuidade dos negócios (Grzybovski et al., 2008).

Tendo em conta que a sucessão não envolve apenas a gerência como também a transferência de propriedade para a geração seguinte, definem-se estes elementos como originais do processo de sucessão. É desta forma que a sucessão não é um fenómeno paralisado e simples, mas sim um fenómeno dinâmico que transmite empresas familiares para as gerações seguintes (Lima et al., 2007). Desta forma, pode-se afirmar que é um processo que não tem interrupções, isto é, começa muito cedo e nunca acaba, e deve

considerar os diferentes aspectos da empresa familiar e da família na empresa, tais como os fatores gerenciais, familiares, culturais, sociais e estratégicos (Lambrecht, 2005).

Autores como Hoy e Verses (1994), já referidos anteriormente, relacionam o empreendedorismo com empresas familiares nos seus estudos. Estes identificam que é possível existir sobreposição entre os conceitos, devido ao papel do empreendedor, à participação da família na abertura das empresas, ao crescimento das empresas e à inovação e criação de valor. Também Dyer Jr e Handler (1994) tentam relacionar as duas temáticas. Primeiramente, estes autores identificam o processo de sucessão como o ponto principal na relação das duas temáticas, questionando a capacidade das aptidões da geração sucessora, isto é, se o novo proprietário terá o mesmo espírito empreendedor do antecedente, e se conseguirá através da sucessão intergeracional trazer à empresa novas ideias, processos e novos horizontes para a empresa. Assim sendo, através da dinâmica empreendedora, voltada para o indivíduo empreendedor e para a compreensão do indivíduo, e a dinâmica família, direcionada para a manutenção e sobrevivência do negócio, sobrepõem-se em 4 pontos, sendo eles:

- 1) nas experiências que o empreendedor vive/viveu no âmbito familiar;
- 2) no envolvimento da família no princípio da criação do negócio;
- 3) na atuação da família na gestão dos negócios;
- 4) na atuação dos membros familiares na transmissão da gestão e da propriedade da empresa.

Fletcher (2004) também reforça a importância da sucessão. Através da sua perspectiva de (re)emergência organizacional e da complicada transferência da empresa familiar para as gerações seguintes vai permitir que o autor analise a presença da ação empreendedora e do intraempreendedorismo em processos hereditários. Tendo em conta esta análise, seria possível atentar uma visão de empreendedorismo intergeracional (*interpreneurship*), em que não só os membros da família interagem, como também produzem novas possibilidades para eles próprios, tanto na sua vida pessoal, como na da vida profissional (Fletcher, 2004).

Com a mesma ideia presente, Litz e Kleysen (2001) pretendem entender a forma como a inovação surge no seio das empresas familiares, considerando a mesma como um fator importante para a conceção e evolução de vantagens competitivas, seja através de

uma nova geração na gerência ou através de esforços coletivos da família na introdução de novas ideias, processos e produtos. Para os autores, a relação entre membros da família de gerações distintas é primordial para a sobrevivência da empresa, pois através desta relação poderão surgir resultados colaborativos e inovadores, e assim implementar um comportamento inovador intergeracional, tanto nos membros como na empresa.

Borges e Lima (2009) criaram o conceito de sucessão empreendedora, identificando-o como um processo que é construído através do relacionamento de predecessores e sucessores na esfera da empresa familiar, onde se verificam manifestações de ações empreendedoras dos sucessores dentro da empresa, isto é, ideias intreaempreendedoras. Também Lima et al. (2010), com base em Fletcher, abordam no seu trabalho a relação entre empreendedorismo e empresas familiares, tentando centrar a posição da família nesta interação. É nesta medida que ocorre a noção de empresa familiar empreendedora. Trata-se de práticas empreendedoras produzidas por antecessores e sucessores, por meio de ações empreendedoras criadas por membros da mesma família, cooperando assim para a estruturação de famílias empreendedoras, dirigidas para a (re)emergência organizacional de empresas familiares (Lima et al., 2010).

Com base nestes contributos foi-se construindo um percurso entre o empreendedorismo e empresas familiares que denominamos como Empreendedorismo Familiar (Family Entrepreneurship).

Heck et al. (2008), diz-nos através dos trabalhos de Schumpeter que os alicerces para o entendimento do empreendedorismo familiar são a criação de novos negócios e a atuação do empreendedorismo nas empresas já existentes. Em ambos o papel da família pode ser valorizado, isto é, na criação de novos negócios a família disponibiliza e fomenta recursos para a abertura da mesma (Steier, 2007), enquanto nas empresas já existentes se dá o investimento e fomento de novas práticas/ações inovadoras por meio dos seus membros (Heck et al., 2008).

Assim, o empreendedorismo familiar desenvolve-se através das múltiplas sobreposições entre a família e a empresa. Os processos de construção e reconstrução de empresas familiares com o passar do tempo permitem falar em Empreendedorismo Familiar Multigeracional. Podemos compreender a realidade de construir uma empresa familiar, onde através de recursos, habilidades, capacidades e competências, uma entidade empreendedora ou até mesmo uma família empreendedora, beneficia das

oportunidades existentes no ambiente. Através disto são fundadas organizações de essência familiar, determinadas pela ação recíproca entre família e empresa, e que têm como objetivo a conservação e continuidade de uma família empreendedora (Borges, 2012).

Noutra perspetiva, a reconstrução/inação de empresas familiares já constituídas ocorre quando a sucessão das empresas se identifica como um processo que é dinâmico, contínuo e multifacetado, e é capaz de impor novos estímulos para esse tipo de organização. É assim que antecessores e sucessores se relacionam e reorganizam a realidade da empresa, estimulando atividades inovadoras, criando valor e criando assim um espaço onde a manifestação do intraempreendedorismo e do empreendedorismo intergeracional se pode manifestar e crescer. A ação empreendedora de diferentes membros e gerações da família abastece a organização com novos planos, novas opiniões e novas direções, ajudando assim na modernização estratégica da empresa e, desta forma, a prolongar a vida do negócio. Assim, a noção de empreendedorismo familiar multigeracional auxilia no entendimento das atividades que dizem respeito aos distintos pressupostos de organização, renovação e duração de empresas familiares empreendedoras, isto é, as ideias e ações que os membros de gerações diferentes podem trazer para a empresa e implementar nela são obviamente diferentes, e ao mesmo tempo pode ser possível combinar ambas e contribuir para a evolução e crescimento da empresa.

A este propósito, Braga (2003) diz que “Na lógica de orientação empresarial, a inovação e a mudança são considerados como um estímulo e um potencial de desenvolvimento estratégico da empresa. Sem grandes receios na assunção do risco, o empresário procura descobrir novas oportunidades e novos mercados, assumindo deliberadamente um comportamento proactivo face ao futuro da empresa.” (Braga, 2003, p.14).

Desta forma, uma questão pertinente no seio da família empresária é “quem é família e que capital simbólico lhe disponibiliza?” (Bourdieu, 1978; Habbershon e Williams, 1999). Em questões de intergeracionalidade e sucessão, não se trata apenas da salvaguarda do património e da conservação do equilíbrio familiar, muitas vezes tem-se como missão comprometer o ditado “Pai rico, filho nobre e neto pobre”, e para isso é necessário transmitir às gerações seguintes não só o património económico, como também “o legado que o acompanha e deu sentido ao que foi criado com esforço e dedicação – capital cultural” (Bourdieu, 1979 *apud* Rodrigues, 2016).

Como capital simbólico, identificam-se as diferenças de poder que existem na sociedade, onde certas pessoas e/ou instituições conseguem convencer os outros das suas ideias. É aqui que Bourdieu contraria Marx na sua teoria de o capital ser apenas financeiro e económico, e identifica o capital como económico, cultural, simbólico e social. Na sua teoria, Bourdieu diz que as pessoas e instituições tornam o seu discurso mais eficiente através de fatores como o conhecimento, prestígio, reconhecimento e rituais (Bourdieu, 1978). A este propósito, é necessário falar de *habitus*. Entende-se por *habitus*, uma grade de leitura que os indivíduos utilizam para fazer uma leitura da vida social, isto é, é a partir deste *habitus* que os indivíduos conseguem perceber, sentir, fazer e pensar de outra maneira. Assim, o *habitus* é um conhecimento aprendido e também um “*haver*” (Bourdieu, 1989, p.61) que trabalha como um conjunto de modelos que produzem estratégias pessoais. Este *habitus* é essencial porque ajuda a entender “a pré-disposição dos membros da família empresária para participarem na luta pelo poder entre detentores de poderes diferentes (competição por uma posição na família empresária), nomeadamente, a partir do capital simbólico de cada um.” (Rodrigues, 2016).

Posto isto, um membro da família empresária que tenha uma certa capacidade empreendedora irá ter uma posição específica no seio da família empresária, isso mudará as suas opções em relação aos outros membros.

O perfil empreendedor

Filion (1999), citando Vénin (1982), afirma-nos que o conceito de empreendedor no século XII dizia respeito a alguém que originava discussões. Com o passar do tempo e atravessando várias fases, no século XVII o termo representava alguém que detinha responsabilidade, capacidade e disciplina para gerir uma ação militar. Mais tarde, no século XVIII o conceito passou a designar alguém capacitado de criar e orientar projetos ou empreendimentos.

Para o psicólogo David McClelland (1961) e também para Lowrey (2003), uma das particularidades que define um empreendedor é a sua motivação/ desejo de realização. Para McClelland, todas as práticas do dia-a-dia do homem são capazes de ser realizadas de um modo empreendedor. Rye (1998) reconhece que aspetos como visão, enfoque, dedicação, motivação e determinação são traços característicos de empreendedores bem-sucedidos, pois o empreendedor necessita possuir uma visão translúcida relativamente às oportunidades concebidas pela sua organização, assumindo os riscos e a determinação

exigida para encarar todos as dificuldades que possam emergir. Segundo Ferreira, Santos e Serra (2008), definir empreendedor não é uma tarefa simples. Contudo, ninguém nasce empreendedor, não é algo hereditário nem inato.

Não se pode também dizer que exista um único perfil de empreendedor. Os empreendedores têm idades distintas, assim como níveis de escolaridade, experiência profissionais, características emocionais, entre outras características. Mas podemos, segundo Ferreira, et al. (2008), identificar traços distintos associados ao perfil dos empreendedores de sucesso.

Quadro 3 - Características dos empreendedores de sucesso

Inovação	Otimismo	Orientação para os resultados
Liderança	Iniciativa	Capacidade de aprendizagem
Independência	Flexibilidade	Envolvimentos longo prazo
Criatividade	Autoconsciência	Tolerância à ambiguidade e incerteza
Tenacidade	Autoconfiança	Habilidade na utilização de recursos
Energia	Agressividade	Habilidade para conduzir situações
Originalidade	Sensibilidade aos outros	Tendência a confiar nas pessoas
Riscos moderados	Necessidade de realização	Dinheiro como medida de desempenho

Fonte: Ferreira, Santos, & Serra, 2008 *apud* André, 2015.

Tendo em conta o que foi dito anteriormente, Gibb (1987) identifica cinco fases da vida nas quais os indivíduos podem adquirir estas influências, sendo que cada uma delas apresenta características distintas:

- Infância (a influência surge através dos pais e da família, dos valores e dos objetivos de vida destes e a da situação de trabalho);
- Adolescência (influência da família na escolha da educação; preferências vocacionais; escolhas disponíveis para a educação; valores e objetivos fornecidos pela educação, amizade e comunidade);
- Idade adulta (escolha de mais educação e formação; *ranking* que o indivíduo obtém na sua turma; comunidade onde está inserido; influência residual da família e, por último, natureza do trabalho);

- Meia-idade (mobilidade entre classes; natureza do trabalho; relações no trabalho; família e amigos; sistemas de recompensa e satisfação no trabalho; interações no ambiente, tanto no trabalho como na sociedade);
- 3ª Idade (rendimento alcançado; situação familiar; objetivos comunitários; oportunidades extra de trabalho; satisfação no trabalho e a facilidade em obter reforma antecipada e pensões) (Gibb, 1987).

Sarkar (2014) chama a atenção para o pensamento e para os desafios que os investigadores têm em compreender se os empreendedores nascem com o “dom” do empreendedorismo, ou se são influenciados por meios externos e internos, desenvolvendo assim capacidades ao longo do tempo.

Segundo Sofia Rodrigues (2008), podemos identificar algumas características do perfil do empreendedor através da observação dos mesmos. Estas características passam pela identificação, exploração e comercialização de oportunidades, o elevado nível de criatividade (seja novos produtos, serviços ou processos) e, por fim, o pensamento “fora da caixa” visto que os empreendedores consideram novas formas de abordar problemas e observar a realidade.

Na mesma linha de pensamento de Gibb, Sarkar (2007) refere que embora o empreendedor tenha determinadas características pessoais, a educação e a cultura de um indivíduo são importantes na decisão de ser ou não empreendedor, e que embora haja pessoas que nasçam com capacidades empreendedoras natas, a maioria é influenciada por fatores extrínsecos, como a cultura da sociedade, fatores situacionais e influências antecedentes. Sarkar é um gestor, e o que ele nos diz acerca da influência da sociedade e outros fatores sobre o indivíduo se tornar empreendedor ou não, não é novidade para os sociólogos. Giddens (2008) diz-nos que a cultura faz parte dos aspetos da sociedade que são mais aprendidos do que herdados, e que no decorrer da socialização cada um de nós tem a capacidade de desenvolver uma identidade, ações e pensamentos independentes, Também Lakatos & Marco (1990) dizem, através de Rocher, que o indivíduo aprende e interioriza elementos sócio-culturais do meio em que está inserido, e integra os mesmos na sua personalidade, tendo influência da experiência de agentes sociais, e adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver.

Através da seguinte figura podemos verificar como Sarkar nos diz que nem todos nascem empreendedores, mas a maioria pode ser influenciada para tal.

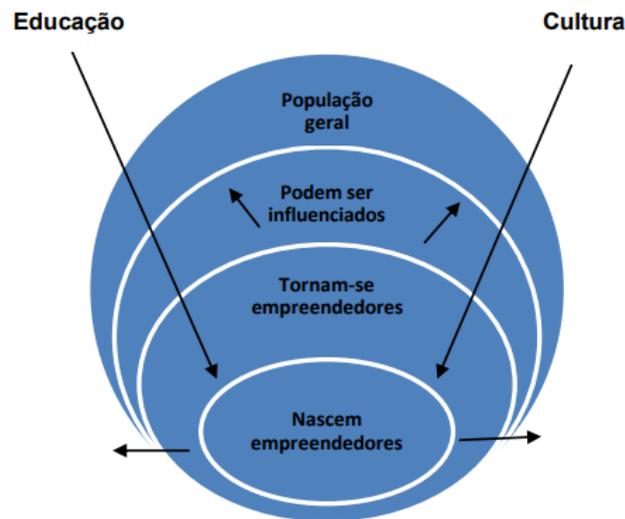


Figura 3 - Distribuição de empreendedores na sociedade
Fonte: Sarkar 2007

Em 1988, Gartner identifica o empreendedorismo como a criação de organizações, e que o que diferencia os empreendedores dos não empreendedores é que os primeiros arriscam e criam organizações, enquanto os segundos não. Filion (1999) diz que as características de um empreendedor são diferentes de um empresário. Segundo o autor, as características que o empreendedor detém, além de inovação, são a criatividade, liderança, iniciativa, persistência, flexibilidade, habilidade para controlar determinadas situações, assim como aproveitar recursos e assumir os riscos, isto sempre procurando possibilidades de criação e liderança de novos empreendimentos e realizações. Para este autor, duas correntes de pensamento distintas tratam o conceito de empreendedorismo. Entre os economistas o empreendedorismo é relacionado com a inovação; entre os comportamentalistas está ligado ao indivíduo e às suas características, criatividade e intuição.

Em ideia contrária, Shane e Venkataraman (2000) dizem ser improvável que se consiga explicar o fenómeno do empreendedorismo exclusivamente através das características pessoais do empreendedor, uma vez que existem sempre influências contextuais sobre o sujeito. Desta forma, para estes autores, o processo de

empreendedorismo envolve características pessoais e contextuais dos indivíduos. Para eles, a ideia de empreendedorismo é definida como “a análise erudita de como, por quem e com quais efeitos as oportunidades para criar serviços e produtos futuros são descobertas, avaliadas e exploradas” (Shane e Venkatarman, 2000, p.218). Ainda conforme estes autores, o facto de o empreendedor acreditar na possibilidade de lucro, excedendo o custo da ação e o investimento do capital são fatores de que a exploração da oportunidade vai depender, e também poderá ser influenciada pelas diferentes capacidades de percepção de cada indivíduo, isto é, a vontade do empreendedor assumir riscos, a sua tolerância, o seu otimismo, etc.

Para Bhidé (2002), o empreendedor é a pessoa que identifica e usufrui de uma oportunidade de mercado, construindo a partir disso, um novo negócio. Com base neste autor, não existe uma receita específica para o sucesso, então é imprescindível que o empreendedor se identifique com o negócio e saiba que tudo dependerá de si mesmo, ou seja, o sucesso do negócio depende da capacidade de adaptação do indivíduo.

Raposo e Silva (2000) dizem-nos que embora o processo de empreendedorismo comece com a conceção de uma nova empresa, os precedentes da criação são imprescindíveis no processo e devem ser considerados, isto é, a procura e identificação de oportunidades, a avaliação da possibilidade de criação de uma nova empresa, os traços individuais de cada indivíduo, as suas características demográficas, experiência anterior e educação, assim como as restrições do meio envolvente e os valores da sociedade não devem ser esquecidos e têm de ser considerados no processo do *entrepreneurship*.

Em relação ao perfil do empreendedor Dolabela e Fillion (1999) acreditam que os indivíduos que criam negócios têm alguns traços de personalidade comuns, mas ainda assim, têm também comportamentos que os distinguem dos outros. Fillion (1999) criou uma tipologia e afirmou os empreendedores como pessoas criativas, marcadas pela capacidade de atingir objetivos. Para este autor, não se pode avaliar uma pessoa e constatar que ela vai ter ou não sucesso, contudo pode-se constatar se essa pessoa tem características comuns que são encontradas nos empreendedores.

Já Carland et al. (1984) identificam a dificuldade em definir o perfil do empreendedor através de características de atitude e comportamento. Seguindo a filosofia de Vesper (1980), estes autores indicam que o mais indicado é um pensamento segundo

diferentes conjuntos de características, onde é possível identificar variados tipos de empreendedores.

Gonçalves e Pifano (2015), através do seu trabalho, dizem-nos que para um melhor entendimento sobre o empreendedorismo é necessário estudar como as ideias e comportamentos de cada indivíduo se relacionam com os fatores ambientais. Fatores estes que estão divididos em três grupos: fatores individuais, fatores interpessoais e fatores institucionais, económicos e sociais. O primeiro grupo divide-se em três segmentos, onde o primeiro é relativo aos fatores psicológicos e de personalidade. Diversos autores reforçam a importância das características psicológicas e características dos sujeitos, como por exemplo, as capacidades de iniciativa e inovação, tolerância ao risco e autonomia, como condições manipuladoras de decisão, isto é, manipulam se o indivíduo vai ou não empreender e criar o seu próprio emprego (Milton, 1989; Rauch e Frese, 2007; Fairlie e Holleran, 2012). Os indivíduos com um determinado nível de autonomia e controlo na tomada de decisões entendem que os resultados futuros, assim como o seu desempenho, são condicionados pelas suas próprias ações (Rauch e Frese, 2007), contudo, a característica mais estudada em relação ao perfil do empreendedor é a tolerância ao risco, uma vez que os indivíduos menos avessos ao risco são os que têm mais probabilidade de se tornarem empreendedores (Simon et al., 2000; Caliendo et al., 2009).

Para além destas características, outras também podem influenciar o processo empreendedor, como é o caso das “capacidades sociais (variedade de competências que ajudam os indivíduos a interagir eficazmente com outros), como a percepção social (capacidade de compreender os outros) ou a flexibilidade social (capacidade em adaptar as ações aos contextos sociais atuais)” (Baron, 2007 *apud* Gonçalves & Pifano, 2015, p.6).

Outra dimensão importante tem que ver com os fatores da situação de vida. Rosário (2012) diz-nos que “[a]s características demográficas são muito relevantes, em particular a faixa etária, [...], e também o género, sendo substancialmente menor a atividade empreendedora nas mulheres” (Rosário, 2012 *apud* Gonçalves & Pifano, 2015, p.6). Outros aspetos a ter em consideração são o nível de educação e a experiência profissional, e também o conhecimento sobre determinado produto ou serviço, uma vez que pode influenciar a escolha do setor de atividade. Baron (2007) também segue a linha de pensamento de que o conhecimento de um determinado serviço ou produto, assim

como a experiência profissional, permitem ao indivíduo identificar oportunidades de negócio.

Davidsson & Honig (2003) dizem que através dos estudos empíricos não é possível estabelecer uma relação entre capital humano e empreendedorismo, seja devido à grande multiplicidade do capital humano ou aos atributos individuais dos indivíduos de cada um, como o género, a idade, valores e expectativas, ou multiplicidade das aptidões e conhecimentos adquiridos (Bishop & Brand, 2014). Tendo isto em conta, tipos distintos de capital humano podem ter uma importância diferente conforme o setor da atividade e a fase do processo do empreendedor, pois um “capital humano mais específico sobre um dado tipo de negócio poderá ganhar importância na fase de implementação relativamente à fase de identificação de oportunidades e arranque do negócio” (Bishop & Brand, 2014 *apud* Gonçalves & Pifano, 2015, p.7). Aqui, os níveis de riqueza e rendimento são também importantes, na medida em que um negócio cresce através do nível de rendimento e riqueza.

Por último, nesta categoria estão também presentes as motivações pessoais pelas quais o empreendedor decide iniciar um negócio. Estas motivações podem surgir através de uma oportunidade (*push*), ou por necessidade (*pull*), ainda que condicionadas por diversos fatores. Segundo Vicenzi e Bulgacov (2013) enquanto a oportunidade permite usufruir de uma circunstância favorável no mercado, a necessidade resulta de falta de opção, isto é, o indivíduo não tem outra alternativa de trabalho ou rendimento. A oportunidade é referente a fatores *pull*, fatores positivos que impulsionam as pessoas para a criação do seu próprio negócio, e a necessidade é referente a fatores *push*, fatores negativos que afastam as pessoas de uma situação anterior.

Em relação aos fatores interpessoais, a influência familiar surge como o principal aspeto. Indivíduos que cresçam junto de pessoas com experiência de fundações de atividades empreendedoras são mais propensas a criar um negócio ou empresa, dependendo também da dimensão e durabilidade das atividades desses antecedentes (Falter, 2007). Esta ação da intergeracionalidade pode influenciar o processo empreendedor através da herança de um negócio ou dos recursos que a família pode oferecer; através de valores, conhecimentos e contactos pessoais e de características psicológicas e determinadas aprendizagens adquiridas dos antecedentes (Laspita et al., 2012). O sucesso escolar também é um fator neste campo. Numa investigação recente relativa a indivíduos ativos de famílias da Suíça, constatou-se que “os indivíduos cujos

pais completaram o ensino secundário ou superior têm uma maior probabilidade de serem auto-empregados do que aqueles cujos pais têm uma educação de nível inferior” (Falter, 2007 *apud* Gonçalves e Pifano, 2015, p.8).

No grupo dos fatores institucionais, económicos e sociais, os indivíduos são também influenciados através da envolvente legal e reguladora, das aptidões de gestão empresarial do país, assim como através da valorização cultural e social da atividade empreendedora. O principal protagonista neste grupo é o Estado, uma vez que esta instituição promove o processo empreendedor através de políticas governamentais de promoção do empreendedorismo, como projetos de auxílio financeiro, formação e apoio técnico (Roman et al., 2013). Alguns autores referem ainda que em países mais ricos, onde os salários são mais bem remunerados, o custo de oportunidade de criação de um emprego próprio é mais elevado (Carree et al, 2001), uma vez que são países maiores, com mais empresas, maior nível de investimento, com predomínio da indústria e serviços, isso afeta negativamente a criação de um negócio (Noorderhaven et al., 2004).

O quadro infra resume os fatores apresentados anteriormente.

Quadro 4 - Fatores que influenciam o processo empreendedor

Tipo de Fatores	Fatores
Fatores individuais	<ul style="list-style-type: none"> a) Fatores psicológicos e de personalidade <ul style="list-style-type: none"> – Perfil de risco – Autonomia – Capacidades de iniciativa e de inovação – Capacidades sociais b) Fatores da situação de vida <ul style="list-style-type: none"> – Faixa etária – Género – Situação perante o trabalho – Nível de educação – Nível de experiência profissional – Conhecimento sobre algum tipo de serviço/produto – Nível de riqueza c) Motivações pessoais <ul style="list-style-type: none"> – Oportunidade versus necessidade – Desejo de independência e de realização pessoal – Desejo de melhorar rendimento e riqueza – Falta de oportunidades de trabalho – Insatisfação com o emprego corrente
Fatores interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> – Influência familiar – Relações com empreendedores – Relações com tutores, amigos, sócios, capitalistas de risco e potenciais clientes
Fatores institucionais, económicos e sociais	<ul style="list-style-type: none"> – Envolvente legal e reguladora – Ambiente sociocultural – Ambiente económico e tecnológico

Fonte: Gonçalves & Pifano (2015)

Ritmos da nova juventude

Numa entrevista com Pierre Bourdieu, o sociólogo mostra o seu olhar perante os jovens e como “a “juventude” é apenas uma palavra”, através do relato de Bourdieu pode-se identificar outro lado da juventude e do que é ser ou não ser jovem. Bourdieu começa por afirmar que “O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias” (Bourdieu, 2003, p. 151) e que a fronteira entre a juventude e a velhice é objeto de disputa em todas as sociedades. Fronteira esta que numa divisão lógica se trata do poder e da divisão de poderes, isto é, as classificações, sejam elas por idade, sexo ou classe impõe limites e produzem uma ordem onde “cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar.” (Bourdieu, 2003, p. 151).

Ainda tentando decifrar o que são os jovens e o que representa a juventude, Bourdieu identifica o universo da adolescência como uma irresponsabilidade provisória, em que os jovens são adultos para umas coisas e crianças para outras, um *status* temporário onde se identificam como “meio-criança, meio-adulto”, “nem criança, nem adulto”. E nesta fase, a escola tem um papel importante pois é o local onde se aprende saberes e técnicas, mas também uma instituição que tem o poder de conceder títulos, direitos e aspirações, mas também é a instituição que separa os jovens em dois mundos. Por um lado, temos o filho do mineiro que começa a trabalhar na mina o mais rápido possível, porque é a entrada para o mundo dos adultos. E por outro lado, temos o burguês que sonha em prolongar a adolescência (Bourdieu, 2003).

Mas os tempos são outros e o sistema escolar encoraja os jovens e as famílias na integração desta instituição, contudo “Há a desvalorização pelo simples efeito da inflação e, ao mesmo tempo, também pelo fato de se modificar a “qualidade social” dos detentores dos títulos. Os efeitos da inflação escolar são mais complicados do que se costuma dizer: devido ao facto de que os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais frequente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se tornar acessível a pessoas sem “valor social” (Bourdieu, 2003, p. 157).

Neste domínio, impõe-se também uma nota sobre o conflito das gerações. As aspirações das diferentes gerações constituem-se através da distribuição de bens e oportunidades de acessos a diferentes bens, isto é, ter um carro para os pais era um privilégio, hoje em dia é algo banal, ou seja, o que para a primeira geração era uma conquista de uma vida, para a próxima geração é algo dado imediatamente. Aqui, o

sistema escolar pode ser visto como a origem dos conflitos entre as gerações, pois, “globalmente, esta geração é mais qualificada para um emprego igual do que a geração precedente (...) o simples fato de se relacionarem com diferentes estados do sistema escolar, faz com que sempre venham a obter menos de seus títulos de que a geração precedente. Há uma desqualificação estrutural da geração.” (Bourdieu, 2003, p. 161).

Não é fácil definir juventude. Na aceção comum, juventude é “um período da vida humana que se segue à infância e antecede a idade adulta” e “o conjunto de pessoas que estão nesse período da vida; jovens” (Dicionário de língua portuguesa, 2010, p.499). Para a sociologia, a definição de juventude vai mais além. Juventude é “(...) um período moratório, de experimentação e de auto-descoberta, que antecede a assunção de um conjunto de responsabilidades associadas ao estatuto de adulto.” (Erickson *apud* Alves, 2008, pág.28). Semelhantemente, José Machado Pais (1990) caracteriza a juventude como uma categoria socialmente manipulada e manipulável. E de acordo com Bourdieu (2003), o facto de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação.

Segundo Ana Paula Santos (2012), a juventude nas gerações anteriores era um tempo caracterizado pela prática de uma atividade assalariada que dava início ao percurso numa carreira profissional duradoura. Ou seja, este período correspondia ao final do percurso educativo e ao início de uma carreira profissional, juntamente com a saída de casa dos pais e a construção de uma família própria. Nos dias de hoje, essa já não é a realidade vivida, pois os jovens conseguem entre a adolescência e a vida adulta um período de liberdade e experiências, onde desejam viver a vida com o mínimo de preocupações possíveis, onde as oportunidades de educação são aceites de bom agrado e o tempo de estudos é prolongado, e assim adiada a entrada dos jovens no mercado de trabalho, o que faz com que se mantenham durante mais tempo na semi-dependência da família (Santos, 2012). Esta semi-dependência acontece devido às oportunidades de educação e de formação, o que cria uma tendência para o adiamento de decisões e responsabilidades vinculativas, e faz com que entre a adolescência e a entrada na vida adulta exista um período de escolhas, liberdade e experimentação. Por isso, na atualidade, muitos jovens parecem procurar viver uma vida de forma descontraída e sem grandes preocupações (Guerreiro & Abrantes, 2007, p.39).

Tendo em conta as várias definições apresentadas do conceito de juventude, “Se a adolescência é, de modo geral, uma fase de instabilidade na qual o que se busca, em última instância, é a criação de uma forma que será consagrada somente quando atingir a idade adulta, então quando o adolescente adquire o *status* de protagonista social, nota-se que a criação de identidade deste adolescente será agora facilitada pelo reconhecimento de outros adolescente, e não estará condicionada a referenciar-se necessariamente ao mundo adulto.” (Quiroga & Vitalle, 2013, p. 869).

De acordo com Vânia Vicente (2009), nos países desenvolvidos e industrializados, a rutura com os estereótipos anteriores acerca da caracterização das diferentes fases do ciclo de vida do indivíduo são notáveis. Esta rutura é influenciada vigorosamente por fatores sociais e económicos, que alteram hábitos, valores e comportamentos, o que leva a um consenso de que a fase de transição entre a adolescência e a idade adulta deverá ter uma identidade própria. Keniston (1971), assim como Erikson e Levinson, conceptualiza juventude como um período contínuo de experiências entre adolescência e idade adulta.

Tendo isto em conta, é pertinente falar sobre as representações sociais, ou seja, a tentativa de um indivíduo tornar algo que não é familiar, em algo familiar, “[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (Moscovici, 2011, p.54). Sendo que nesta etapa o indivíduo está a autodescobrir-se, a passar por transformações, “é possível afirmar que nesta etapa vista como período de crise, o adolescente se encontre na própria ideia geradora de representações sociais” (Quiroga & Vitalle, 2013, p. 866).

Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes (2007) declaram que na era da globalização, com a dispersão das inovações tecnológicas e com o fácil acesso à informação e todo um conjunto vasto de recursos, é possível encontrar cada vez mais focos de união entre as formas de ser jovem e de viver a transição para o estatuto de pessoa adulta.

Alinhado com esta ideia, José Machado Pais, diz-nos em *The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life* (2003) que apesar de os jovens imaginarem diversos cenários para o seu futuro, muitas vezes esse mesmo futuro é muito diferente de qualquer um que eles imaginaram e que os cursos de vida de muitos jovens são como labirintos de jardim, fáceis de entrar, mas difíceis de sair. Neste sentido, no meu ponto de vista, na transição da juventude para a idade adulta, os jovens são como uma escultura, onde eles

próprios se moldam à medida que cometem erros e aprendem com os mesmos, neste sentido são seres moldáveis que ainda estão a criar a sua identidade e uma projeção do futuro.

José Machado Pais, diz-nos ainda que “a sociologia da juventude não pode permanecer insensível às realidades em mudança. Por exemplo, quando analisamos a trajetória de vida dos jovens, o que descobrimos é que eles estão cada vez mais subordinados ao ‘princípio da incerteza’.” (Pais, 2003, p.121). É em virtude disto que “os sociólogos da juventude adjectivam as transições dos jovens para a vida adulta de modo a acentuarem a sua vulnerabilidade e imprevisibilidade. Falam de trajectórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas.” (Pais, 2001, p.11).

Neste sentido, é importante referir as transições escolares dos jovens para o mercado de trabalho e como o que antes podia ser identificado como rituais de passagem, hoje são classificados como rituais de impasse. Atualmente, diz, “os ritmos e as formas de transição da escola para o mercado de trabalho são diferentes das que foram vividas por gerações anteriores. Com efeito, a passagem do universo escolar para o mundo do trabalho deixou de ser um acontecimento biográfico e instantâneo para passar a ser um processo longo e complexo que começou inicialmente por afetar os jovens menos escolarizados para rapidamente se generalizar à população mais escolarizada. Detentores de títulos académicos que certificam trajetórias escolares longas e qualificantes, os jovens licenciados são, atualmente, confrontados com um futuro onde a incerteza e os riscos espreitam. Com efeito, a licenciatura já não garante, a muitos jovens, o acesso imediato aos empregos mais qualificados e mais bem remunerados (Marques, 2006; Alves, 2007; Gonçalves, 2009)” (Santos, 2012, p. 35).

Nas sociedades ocidentais industrializadas, os sistemas de idades que ordenavam o curso de vida consistiam na “infância” posteriormente a “juventude”, sucedia-se a “idade adulta” e, por último, a “velhice”. As transições de umas etapas para as outras eram assinaladas por um conjunto de eventos sociais ocorridos, principalmente no seio da vida coletiva, como é o caso da escola, o trabalho ou a família (Ferreira & Nunes, 2013-2014). Hoje, ser jovem é sinónimo de estar num período da vida cada vez mais prolongado, cheio de desafios, de impasses e de transições que vão muito para lá da esfera educativa. De facto, “os jovens, no seu percurso entre a infância e a idade adulta, explicitam os alicerces das sociedades contemporâneas, na medida em que transparecem questões tais como

papéis e responsabilidades face à própria sociedade que os alberga.” (Vieira & Cardoso, 2011, p.141). Etapas como a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a autonomia residencial, a constituição de uma nova família e a parentalidade são momentos que se adiam ou evitam de todo no tempo juvenil. Contudo, estes momentos podem ser afetados segundo variáveis como o género, nível de escolaridade, estatuto social, etnia, orientações valorativas, quer sejam políticas, religiosas, sexuais, entre outras, que são propícios a produzir diferenças nas formas de ver e de viver os calendários do curso de vida. Assim, a desritualização que acontece à medida que a condição juvenil se prolonga não tem como base o abandono dos marcadores tradicionais de passagem, mas sim o facto de o seu valor transicional possa por sua vez ser reduzido, ou então seja valorizado de outra maneira (Ferreira & Nunes, 2013-2014).

Pàmols e Pais (2020) dizem-nos que a admissão no ensino médio e superior é uma rampa de mobilidade e emancipação social, principalmente para os indivíduos do sexo feminino. Em contrapartida, Vítor Sérgio Ferreira (2017) alude que o diploma de ensino superior já não é uma garantia de fácil acesso e continuação de uma carreira, nem de um emprego que corresponda à qualificação do jovem. “Os diplomas são cada vez mais vistos como “cheques carecas” sem cobertura no ‘mercado de trabalho’”. (Pais, 2001, p.59).

É neste sentido que os jovens tentam tirar partido da sua profissão, formando atualmente novas conceções do lazer e do trabalho, descobrindo novos rumos. Se antes “as tradicionais profissões de sonho envolviam a mediação seletiva do ensino superior – tais como as de médico, advogado, arquiteto ou engenheiro, por exemplo –, hoje em dia existem novas profissões de sonho que já não são exclusivamente associadas a carreiras certificadas por um diploma universitário.” (Ferreira, 2017, p.478).

A inserção dos jovens no mercado de trabalho, atualmente, ocorre maioritariamente de forma precária, através de trabalho temporário, contratos a termos, ou outras formas de prestação de serviços como *part-time*, fazendo com que a transição da escola para o mercado de trabalho ocorra de modo instável, este facto leva a que muitas vezes os jovens aceitem empregos para os quais têm excesso de qualificação académica.

Esta tendência tem consequências no processo de transição para a vida adulta, pois, “a integração no mercado de trabalho continua a ser um passo indispensável no equacionamento da saída de casa dos pais, do casamento ou da parentalidade, sobretudo,

em países como o nosso em que os apoios estatais são reduzidos (Guerreiro e Abrantes, 2007; Marques, 2006, 2007)” (Santos, 2012, p.35).

Conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e segundo Ana Paula dos Santos (2012), no terceiro trimestre de 2010 o número de desempregados com o ensino básico era de 28,9 mil indivíduos, 28,6 mil com ensino secundário e unicamente 4,2 mil indivíduos tinham o nível de escolaridade completo ao nível do ensino superior. No que toca à taxa de desemprego jovem, “atingiu também picos nunca vistos (cerca de 40% em 2013). Intensificaram-se também as configurações mais estruturais do desemprego, na forma de desemprego de longa duração, acentuando fortemente a probabilidade de formas transitórias de desemprego como situação temporária se tornarem, com o tempo, formas circulantes de desemprego em condição intermitente, com risco de precariedade se enraizar no seu curso e estruturar os seus modos de vida devido à regularidade e temporalidade que adquire na idade adulta” (Ferreira, 2018, p.148).

Muitos jovens, atualmente, têm dificuldade em encontrar um emprego estável pelas mais diversas razões, daí se afirmar que “A relação dos jovens com o sistema de emprego é, assim, pautada por uma sucessão de empregos precários e provisórios, intercalados com momentos (mais ou menos longos) de formação ou de desemprego, dando origem a “trajectórias yo-yo” (Pais, 2001). (...) As próprias qualificações são, para muitos jovens enfadados com o sistema de ensino, uma necessidade para enfrentar o mercado de trabalho, mais do que uma verdadeira opção (Kugelberg, 1998; Nilsen, 1998)” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p.39 e 40).

Foi desta forma que as transições pararam, progressivamente, de ser processos lineares e bem definidos no tempo, começando a formar percursos longos, complexos e individualizados (Guerreiro & Abrantes, 2007). À vista disso muitos jovens andam “aos saltos”, de trabalho em trabalho, atravessando pelo desemprego, num constante movimento ioiô. Isto posto, a escola nem sempre funciona como um tampão ao desemprego. Segundo José Pais Machado (2001), relativamente ao abandono escolar, cotando apenas a Europa, Portugal continua a ser um dos países com maior percentagem de jovens que abandonam a escola antes dos 20 anos.

Através de dados estatísticos do INE conseguimos perceber que em 2001 quase metade dos jovens portugueses entravam cedo no mercado de trabalho e por conseguinte, iniciavam a sua jornada na vida adulta mais cedo que agora, isto porque, “[...] cerca de

40% dos jovens entra no mercado de trabalho antes dos 18 anos (Alves, 1998); 36% das pessoas que se casam e 19% das que têm filhos fazem-no antes dos 25 anos (INE, 2001).” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p.41).

Conforme refere Ramalho (2003), a entrada na vida adulta, entendida como equivalente à saída de casa dos pais, hoje acontece cada vez mais tardiamente, não apenas em Portugal, como na maioria dos países europeus. O aumento do tempo dos estudos, as dificuldades de inserção na vida profissional e decorrente desemprego, assim como a dependência económica, o retardamento da nupcialidade e da taxa de fecundidade são alguns fatores que ajudam a compreender a tendência progressiva para que a separação física em relação às figuras parentais se faça cada vez mais tarde, de tal forma que “Um total de oito em cada 10 jovens portugueses continua a viver com os pais, na faixa etária entre os 20 e 24 anos. Estes dados são interessantes por indicarem claramente que a maioria dos jovens da Europa, com especial relevo para os jovens das culturas do Sul, aos 20/24 anos ainda continua a partilhar o mesmo espaço familiar, quando o fim da adolescência se situa, por norma, por volta dos 18-20 anos de idade.” (Ramalho, 2003, p.55).

Com o passar do tempo, este assunto tem sido relativamente abordado pelos diferentes especialistas, ainda que, “É recente a visibilidade que a Juventude e as problemáticas que lhe são associadas têm adquirido na sociedade contemporânea, a nível nacional e internacional.” (Figueiredo, Silva & Ferreira, 1999, p.19).

Segundo Guerreiro & Abrantes (2007), aos 25 anos os jovens que seguiram a via profissional e os que seguiram a via escolar estão em diferentes etapas da vida. Enquanto que os jovens que optaram pelo emprego estão numa fase de estabilização profissional, onde se preparam para casar e ter filhos (quando já não os tiveram), os restantes estão ainda a terminar os cursos ou a integrar-se no mercado de trabalho, vendo o casamento e a paternidade um projeto ainda difuso e distante. Estas escolhas estão, por sua vez, fortemente condicionadas por variáveis sociais.

Neste sentido, sair de casa dos pais nem sempre coincide com o fim da escolaridade ou com o casamento. Embora, entraves como a insegurança profissional, precariedade económica, a difícil inserção no mercado de trabalho, a falta de recursos financeiros e a escassez de apoios sociais no acesso à autonomia residencial levam a que a maior parte dos jovens portugueses prologuem a sua estadia em casa dos pais,

conservando a sua dependência econômica, adiando a realização de projetos familiares privados, como ter uma habitação própria, casar e ter filhos (Aboim, 2011 *apud* Santos, p.38).

De acordo com Guerreiro & Abrantes (2007), a família continua a ter uma importância essencial na vida dos jovens. Desta forma, assiste-se a uma reconfiguração e transformação dos modelos familiares, pois os jovens sentem-se obrigados a experienciar períodos de dependência e independência em relação aos pais, desejando ainda a sua liberdade e individualização em contraste com a responsabilidade. Os jovens agora têm liberdade na escolha do cônjuge, podem casar e divorciar-se, podem nem chegar a casar e viver apenas com um companheiro/a. À vista disso, “a crise contemporânea da família aparenta mais radical quando a aceleração da individualização nas sociedades metropolitanas ameaça o equilíbrio em que até hoje a instituição familiar sobrevivera, combinando a forma hierárquica e o espírito individualizante.” (Duarte, 1995 *apud* Borges & Magalhães, 2009, p.46).

Num contexto vigorosamente reconhecido pelo risco, fragilidade e dúvida, na falta de segurança no emprego, carreira previsível, relações duradouras e envolventes, convém questionar se os mecanismos que tradicionalmente definiam o fato de se tornar um adulto ou não, perderam os seus valores sociais e de transição (Gauthier, 2000 *apud* Ferreira & Nunes, 2010). Efetivamente, a realidade social emergente permite aos jovens uma nova experiência social, mais difusa e labiríntica, em representação de uma sociedade mais instável e incerta (Ferreira & Nunes, 2010).

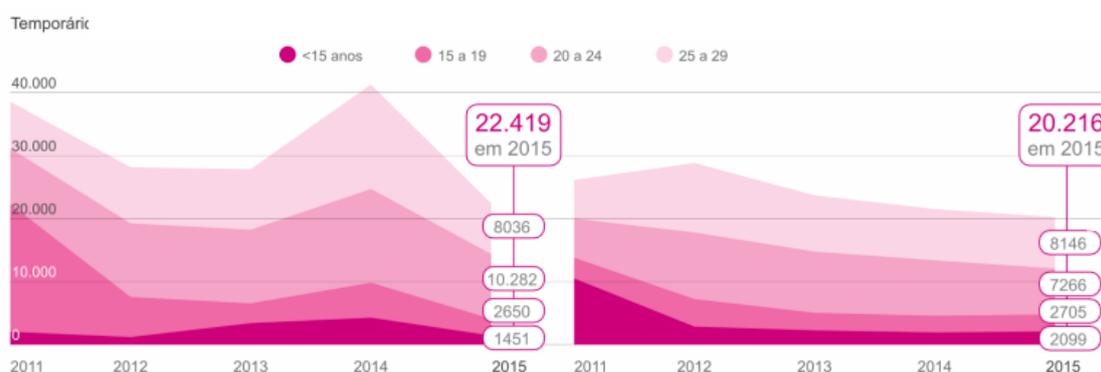
Pais (2009) refere com base no *European Social Survey* de 2006/2007 que no que toca à juventude, certos marcadores de passagem para a denominada idade adulta continuam a ser valorizados, como é o caso da aquisição de um emprego, o casamento ou o nascimento do primeiro filho. Ainda segundo este autor, podemos dizer que é certo que temos assistido a uma crescente dualidade das trajetórias para a vida adulta, emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem o que levou pais a propor o conceito de yoyogeneização da condição juvenil, este termo consiste numa “geração dominada pelo aleatório e parece assentar numa ética de experimentação que possibilita aos jovens que a integram uma deambulação pelos mais variados estatutos profissionais, estudantis ou conjugais – tornando possível o movimento ioiô.” (Pais, 2001, p.62).

Considerando ainda o tema do emprego, a questão da mobilidade está cada vez mais presente na sociedade e nos jovens, ao mesmo tempo que é um fator cada vez mais presente no mundo do trabalho. Atualmente, há muitos jovens que perspetivam a sua atividade como um trabalho feito e desenvolvido em muitas regiões do país e do mundo. Temos o exemplo concreto dos informáticos ou dos engenheiros civis, que não realizam a sua atividade profissional apenas numa única cidade ou numa única região, por isso, têm de estar suscetíveis a deslocarem-se do seu local de residência de modo a terem trabalho. As migrações por razões laborais são uma das dimensões mais evidentes da globalização. É um facto que as migrações existem desde sempre, fazem parte da história, pois as migrações são deslocamentos de pessoas de um local para outro, podendo ou não mudar de residência. Neste sentido, é importante classificar as migrações consoante a sua duração, sendo que podem ser:

- Migrações permanentes ou definitivas - quando os migrantes se deslocam para outro local sem intenção de regressar ao seu país de origem;
- Migrações temporárias - quando os migrantes estão pouco tempo no local para onde se deslocaram;
- Migrações sazonais - quando os migrantes se deslocam numa determinada época, sendo que permanecem no local durante algum tempo.

Em Portugal, até ao ano de 2015, segundo a Pordata, 22.419 jovens imigraram temporariamente, enquanto que as migrações permanentes apresentam um valor de 20.216 jovens, como é possível conferir no gráfico apresentado em baixo.

Gráfico 2 - Jovens imigrantes com idades até aos 29 anos



Fonte: Público (Pordata).

A Sociologia tem um papel muito importante no estudo da mobilidade geográfica, na medida em que pretende estudar o significado do território enquanto construção social, através da análise dos impactos nos modos como as pessoas se deslocam. Desta forma, já muitos sociólogos têm contribuído para este tema sobre a relação entre o território e as dinâmicas sociais, como Urry (2000), Giddens (1989), Goffman (2010) e Bourdieu (2003).

As razões que levam estes jovens a deslocarem-se para outro local são diversas e devem-se a vários fatores, por exemplo, atualmente existe uma tendência maior devido à globalização, em que há efetivamente uma crescente mobilidade e rapidez dos fluxos de informação e pessoas. Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente e segundo Giddens, a globalização pode ser definida como a intensificação das relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal forma que os acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a muitos quilómetros de distância e vice-versa. Com a simultaneidade da comunicação, o espaço deixa de significar distância, alterando assim a perceção e experiência individual e coletiva (Giddens, 2008).

Uma implicação fundamental das novas tecnologias é a reestruturação dos parâmetros da temporalidade no sentido de uma maior flexibilidade que possibilita ao indivíduo abstrair-se do local em que se situa e viver simultaneamente em diferentes contextos. Jean-Claude Kaufmann (2004), um sociólogo contemporâneo, identifica quatro tipos de mobilidade geográfica de pessoas, sendo estas: mobilidade residencial; migração internacional e inter-regional; viagem por turismo ou trabalho; deslocamentos quotidianas.

A questão de sair ou não sair da sua residência depende muito, mas não exclusivamente, do agregado familiar a que os jovens estão inseridos, pois a família é fundamental para a decisão de sair ou não sair. Ter o apoio familiar nestas situações é essencial, seja esse apoio monetário ou psicológico, porque trabalhar fora do local de residência envolve obstáculos para os quais os jovens têm que se preparar de forma ajustada ao local onde irá trabalhar e, conseqüentemente, é lá que irão refazer a sua vida, tanto profissional como pessoal.

A questão de os jovens saírem ou ficarem, como já foi mencionado anteriormente, pode ter apenas uma razão ou várias razões e isso depende de bastantes fatores. Em Portugal, existiu e continua-se a assistir, mais precisamente nos últimos dez anos, à chamada “fuga de cérebros” (Viana, 2016), isto é, a partida de jovens qualificados,

principalmente para os países da União Europeia. Como consequência, os emigrantes portugueses são cada vez mais jovens e escolarizados. Com base num relatório da Eurostat (2018), os jovens com maior grau de escolaridade tendem a ter mais facilidade em abandonar o país à procura de um emprego, sendo assim, o nível de escolaridade tem influência se uma pessoa sai ou não, do país. Vítor Sérgio Ferreira, um sociólogo que deu a sua opinião ao JPN (Jornalismo Porto Net), afirma que “alguns segmentos juvenis altamente qualificados têm a expectativa de encontrar um emprego com maior estabilidade, qualidade e equivalência em termos de salário e condições de trabalho na sua área de formação. Algo que muitos não conseguem arranjar em Portugal.” (Lopes, 2018).

No caso de Portugal, tem-se verificado o fenómeno da litoralização (Antunes, 2006). Este fenómeno refere-se ao processo da contínua afluência de pessoas e de atividades por toda a extensão do litoral de Portugal, porém o interior não acompanha este ritmo. Este facto é muito visível como consequência da evolução económica e demográfica. Existiram acontecimentos que levaram as pessoas a sair do interior que foram, principalmente, o êxodo rural e a emigração, o que originou um rápido e evidente crescimento da capital portuguesa, Lisboa e também da cidade do Porto, levando a outro conceito, intitulado de bipolarização. Verifica-se que o mecanismo da mobilidade geográfica teve impactos ao longo de décadas na desertificação do interior e na consequente concentração da população em grandes áreas urbanas do litoral.

Gerações X, Y e Z

Não é de todo fácil classificar períodos da vida dos indivíduos, contudo existe um certo consenso mundial a respeito da existência de quatro gerações, sendo elas, o *Baby boomer*, Geração X, Geração Y ou *millennials*, e Geração Z (Smola & Sutton, 2002).

Os *Baby Boomers* são indivíduos nascidos entre 1945 e 1964, posteriormente vem a geração X, que compreende o período de nascimentos entre 1965 e 1984. A geração Y é constituída por pessoas que nasceram entre 1985 e 1999 e por último, temos a geração Z com os nascidos a partir de 2000. Embora esta classificação tenha na sua origem uma ordem cronológica, é mais que isso, permite a descrição de características que de certo modo aproximam socialmente pessoas nascidas no mesmo período de tempo, uma coorte.

“Um grupo geracional, frequentemente denominado coorte, inclui aqueles que compartilham experiências de vida históricas ou sociais, cujos efeitos são relativamente estáveis ao longo de suas vidas. Essas experiências de vida tendem a distinguir uma geração de outra (Jurkiewicz & Brown, 1998)” (Smola & Sutton, 2002, p.364).

Os chamados *Boomers*, são o resultado de uma explosão populacional sucedida após o fim da Segunda Guerra Mundial. Estes são os indivíduos que atravessaram toda a época da evolução tecnológica, assim como o aparecimento e desenvolvimento dos meios de comunicação. Embora estejam adaptados ao mundo 4.0, os *Baby boomers* são menos dependentes do *smartphone* do que as gerações seguintes. Enquanto foram jovens, a geração *Baby boomer* valorizava bastante o trabalho e a sua principal preocupação era produzir um património e ter uma carreira profissional estável, sendo que permaneciam no mesmo emprego por décadas até a aposentadoria. Para esta geração, a criatividade e inovação não eram tão valorizadas quanto o tempo de experiência era mais valorizado do que a criatividade e a inovação. Tendo em conta que antes a concorrência no mercado de trabalho não era tão renhida e não havia tanta variedade de profissões como temos atualmente. Porém, é uma geração que não nasceu nem cresceu no mundo apressado em que vivemos hoje. Por isso, é uma geração mais resistente às mudanças, uma vez que prioriza a estabilidade, especialmente na carreira.

A chamada geração X, são os filhos da geração *baby boomer*, tanto que as pessoas ainda mantêm muitas das características da geração anterior, como é o caso da procura da estabilidade na carreira, embora também reforcem a ideia de liberdade, de serem e experienciarem o que quiserem. Uma vez que é uma geração mais cética em relação a autoridades e governantes, perde um pouco do senso coletivo e torna-se mais individualista e competitiva. “A geração X cresceu com insegurança financeira, familiar e social; mudança rápida; grande diversidade; e falta de tradições sólidas. Isso levou a um sentimento de individualismo sobre o coletivismo (Jurkiewicz & Brown, 1998)” (Smola & Sutton, 2002, p.365).

Como foram a primeira geração a experimentar os avanços tecnológicos, “Os membros da Geração X estão acostumados a receber *feedback* imediato de seus computadores pessoais e videogames, e foram ainda mais influenciados pela MTV, AIDS e competição mundial (O’Bannon, 200)” (Smola & Sutton, 2002, p.365).

Os *millennials*, ou geração Y, são os nascidos entre 1982 e 1994, e a tecnologia faz parte de seu dia a dia. Todas as suas atividades passam por meio de um ecrã. No entanto, eles não nasceram na era tecnológica, eles viveram na época analógica e migraram para o mundo digital. É uma geração que tem o rótulo de ser preguiçosa e egoísta, sendo que em 2014, foi classificada pela revista *Time* como a geração do “eu-eu-eu”.

Prensky (2001) menciona que os alunos de hoje em dia, desde o ensino básico à universidade retratam as primeiras gerações a crescer com essa nova tecnologia. “Eles passaram suas vidas inteiras cercados por e usando computadores, videogames, reprodutores de música digital, câmaras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, os formados na faculdade hoje passam menos de 5.000 horas de suas vidas lendo, mas mais de 10.000 horas jogando videogame (para não mencionar 20.000 horas assistindo TV). Jogos de computador, e-mail, Internet, telefones celulares e mensagens instantâneas são partes integrantes de suas vidas.” (Prensky, 2001, p.1). Em relação às funções que desempenham, são mais exigentes e não têm tanto medo de largar um emprego para fazer aquilo que lhes traga satisfação profissional e pessoal, além disso, estão sempre à procura de inovação. Assim, os seus valores estão muito mais focados na experiência do que na aquisição material, ou seja, o facto de construir um património (ter uma casa, carros próprios) fica para segundo plano.

Os *millennials* nasceram com a informática e a globalização, e por terem nascido desta forma não querem mais o mundo que os pais e avós deixaram. São indivíduos que priorizam a sustentabilidade porque se preocupam com o futuro do planeta, e defendem o consumo consciente, da mesma maneira que gostam de ajudar em causas sociais.

A Geração Y tornou-se uma referência para os mais jovens e uma inspiração para os mais velhos. Portanto, eles têm um alto poder de influência no consumo. “Então, o que isso significa para o resto de nós? Aqueles de nós que não nasceram no mundo digital, mas, em algum momento posterior de nossas vidas, ficaram fascinados e adotaram muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, Imigrantes Digitais.” (Prensky, 2001, p.1 e 2), por outras palavras, “Os mais velhos de hoje foram "socializados" de maneira diferente de seus filhos e agora estão aprendendo um novo idioma.” (Prensky, 2001, p.2).

A geração Z, também conhecidos como *centenials*, por terem vindo ao mundo em plena mudança de século, chegaram com um *tablet* e um *smartphone* na mão, a Internet faz parte do seu ADN. “Os membros da Geração Z têm os mesmos problemas que as gerações anteriores, mas suas oportunidades técnicas fornecem novas estruturas em suas vidas que tornam o seu comportamento incompreensível para as gerações mais velhas. Os jovens de hoje são membros da geração que cresceu usando a Internet e conhece o mundo verbal e visual da Internet. Isso significa que eles lidam com informações curtas, atualizadas e em tempo real com fotos.” (Töröcsik, Szűcs & Kehl, 2014, p.30). Para além disso, eles usam expressões e palavras que muitas vezes outras gerações desconhecem, então podemos dizer que a globalização está contida até na própria linguagem (Tari, 2011 *apud* Töröcsik, Szűcs & Kehl, 2014, p.30).

Devido a serem os indivíduos que estão sempre *online* indiferentemente do sítio ou da hora, a geração Z apresenta algumas dificuldades em socializar fora do ambiente virtual. “Os jovens passam cada vez mais o seu tempo livre nas redes sociais, o que significa imobilidade ou consumo de tempo na mobilidade. Isso significa que eles têm menos tempo para atividades ao ar livre.” (Töröcsik, Szűcs & Kehl, 2014, p.30).

Se a geração anterior, se preocupa com as questões ambientais e sociais, a Geração Z vai mais além e transforma essa preocupação em ativismo. Através do poder da internet, eles manifestam-se e expõem as suas opiniões sobre temas importantes, como é o caso da homofobia, racismo, machismo, xenofobia, entre outros. Contudo, ainda tendo o mundo nas suas mãos, a insegurança com o futuro é uma característica desta geração, “os jovens de hoje não podem ser descritos com características uniformes, eles não consistem em iniciadores de vida felizes porque também têm que lutar com problemas. A confiança e o desejo de dinheiro e sucesso são típicos deles, mas também precisam de ajuda enquanto buscam sua identidade” (Töröcsik, Szűcs & Kehl, 2014, p.43).

Empreendedorismo jovem

Com base na filosofia de Fillion (1999) os jovens terem presente um meio que os estimule para o desenvolvimento do empreendedorismo é decisivo. É desta forma que jovens que cresçam num negócio de família ou perto de uma realidade empreendedora têm mais probabilidades de eles próprios se tornarem empreendedores, pois “A importância das experiências prévias estende-se às redes familiares e de sociabilidade dos indivíduos. O contacto próximo com familiares ou amigos que desenvolveram atividades empreendedoras proporciona a partilha de conhecimentos e experiências que podem vir a ser bastante úteis na decisão de um indivíduo se tornar empreendedor e na forma como essa opção de carreira é concretizada (Greve; Salaff, 2003; Kuratko, 2005; Nabi; Holden, 2008)” (Guerreiro, Caetano, Rodrigues, Barroso, Couto, 2013, p. 66).

Na mesma linha de pensamento, Bohnenberger, Schmidt e Freitas comprovaram através de um estudo a influência do contexto familiar no desenvolvimento do comportamento empreendedor de jovens. Chegaram à conclusão que a família, o primeiro grupo social, influencia fortemente na construção dos empreendedores através da educação, embora o comportamento empreendedor também possa ser aprendido. É nesta situação que as organizações procuram apoiar os jovens, fornecendo-lhe competências e conhecimentos (Teixeira, Ducci, Sarrassini, Munhê apud Marinha, C., et al, 2014, p.26). “A ideia de que os/as empreendedores/as nascem e não se fazem, embora seja ainda uma ideologia presente em diferentes tipos de discursos, tem vindo a perder terreno (Gorman et al., 1997; Kuratko, 2005; Man, 2006 *apud* Guerreiro et al., 2013, p.63)

Neste sentido, o empreendedorismo tornou-se visível e essencial no meio académico, pois os jovens têm de optar por trabalharem por conta própria ou por conta de outrem, sendo que estes últimos exercem uma atividade remunerada ao serviço de uma entidade empregadora. Assim, a educação constitui um papel importante no seu desenvolvimento, pois “quanto mais elevado o número de anos de estudo, maior é a probabilidade de um indivíduo optar por trabalhar por conta própria e ser bem-sucedido em termos de crescimento, lucros e remunerações do novo negócio (Block et al., 2013; Matlay, 2008; Nabi; Holden, 2008)” (Guerreiro et al., 2013 p.64).

Ao longo do tempo o empreendedorismo tem vindo a tornar-se num fenómeno importante no desenvolvimento económico e social de um país. Os países têm-se tornado mais competitivos. Atualmente residimos numa economia de conhecimento. O

conhecimento (bem como a aptidão para o criar, a sua acessibilidade e uso eficaz) é um instrumento importante da inovação, concorrência e sucesso económico. Em vários países, o sucesso e ampliação de pequenas e médias empresas está ligado à inovação. Desta forma, é necessário investir nas pessoas e nas suas capacidades, e também na mudança nas mentalidades para que se possa progredir. Em Portugal, embora certas instituições de ensino já tenham introduzido a abordagem ao empreendedorismo nos seus planos curriculares, outras instituições ainda não vêm esta mudança como fundamental para a evolução dos jovens e da economia do país (Libório, 2012).

Visto que as dinâmicas sociais estão cada vez mais competitivas, quer entre pessoas ou entre países, é exigida uma maior preparação/esforço por parte dos cidadãos para manterem o seu nível de vida. Um bom exemplo disto é a necessidade de investir na educação superior. Aliás, as próprias empresas estão cada vez mais exigentes com as qualificações dos seus funcionários.

A escola transmite conhecimentos científicos e técnicos e veicula normas sociais, noções éticas básicas, divulga a ideologia dominante e reproduz as desigualdades sociais. A cultura escolar tem-se distanciado da cultura social, face ao dinamismo da mudança social tem-se mantido estática (Saragoça (s.d)).

A educação é um processo de socialização através do qual um ser humano adquire conhecimentos num processo de desenvolvimento intelectual físico e moral, para que se possa integrar de uma melhor forma na sociedade ou no próprio grupo, e tem como função transmitir normas de comportamento, conservar a organização social, veicular a doutrina dominante, iniciar a jovem geração na vida social, socialização e homogeneização. Neste sentido podemos afirmar que a educação é um meio de controlo social, isto é, as pessoas são induzidas a atuar como se presume que devam fazê-lo (Horton, 1973 *apud* Saragoça (s.d)).

Desta forma, a sociedade influencia real e intensamente a escola e a educação, pois esta é o reflexo da mesma. Contudo, a educação influencia a sociedade em sentido real e em sentido ideal.

A teoria funcionalista, defendida por Émile Durkheim, demonstra o papel relevante da educação no indivíduo à socialização que é feita dentro da instituição, provando que o ser humano não pode viver sem comunicação, contacto e interação com os outros, pois é através dela que o homem assimila as regras e comportamentos aceites pelo grupo envolvente, que são comuns a todos naquela realidade social específica,

garantindo assim uma integração do indivíduo na sociedade. Para os funcionalistas, o desenvolvimento pleno de uma sociedade, está assim dizendo, dependente de uma boa educação, isto é, de uma educação que consiga adotar o ser humano às regras morais e reproduzir nos indivíduos os valores próprios da sociedade que integra.

Para Durkheim existem duas formas que caracterizam a educação na sociedade, uma e múltipla. Na educação una o indivíduo deve ser socializado com ideias que fazem parte do meio social onde este vive. Na educação múltipla transmitem-se conhecimentos diferentes, que variam de classe para classe social ou de profissão para profissão. Assim, a educação produz a divisão do trabalho social e cria classes sociais. Para Durkheim existem alguns pontos positivos em relação à divisão do trabalho social, uma vez que “que quanto mais o trabalho se divide, mais o seu rendimento é elevado. Os recursos que põem á disposição são mais abundantes; também são de melhor qualidade. A ciência se faz melhor e mais depressa. As obras são melhores e mais refinadas. A indústria produz mais e os produtos são mais perfeitos. Ora o homem necessita de todas estas coisas (...) dito isso explica-se facilmente a regularidade com a qual a divisão do trabalho progride” (Durkheim, 1893, p. 225).

Para fortalecer e aperfeiçoar a educação para o empreendedorismo no meio académico é essencial ter em conta as três dimensões-chaves que o caracterizam, “o *know-what*, que representa os conhecimentos para a gestão de um negócio; o *know-why*, que compreende as normas, motivação e atitude para empreender; e o *know-how*, que se refere aos conhecimentos práticos” (Haase & Lautenschläger, 2011 *apud* Ifdep, 2014, p.28).

Tendo em consideração cada uma das dimensões, é importante perceber como cada uma contribui para a instrução acerca do empreendedorismo. Primeiramente, o *know-what* pode ser compreendido tendo como base o método expositivo ou interativo, isto é, ligado à divulgação de conhecimento. Segue-se o *know-why* que é exposto através do contacto com experiências ou realidades relacionadas ao empreendedorismo. Por último, a dimensão, *know-how* é a mais complexa do ponto de vista da transmissão, pois depende de uma componente mais prática que por sua vez está sujeita às experiências pessoais. No entanto, é também a dimensão em que o empreendedor “aprende” mais do ponto de vista da autonomia, criatividade, ética, liderança, diálogo, auto valorização, resolução de problemas, utilização eficaz de recursos, entre outro. (Palma & Silva, 2014).

Nos últimos anos, a temática do empreendedorismo vem assumindo um papel de destaque no meio político como forma de superação em relação às dificuldades da situação financeira europeia. Por outras palavras, o empreendedorismo torna a Europa cada vez mais competitiva. “Com efeito, tem-se verificado um forte investimento em políticas públicas de concessão de apoios e incentivos vários ao empreendedorismo. Na Europa foram produzidas orientações estratégicas e diferentes tipos de ações a este respeito, que assentam essencialmente na promoção da cultura empreendedora entre os jovens por via da educação para o empreendedorismo, na melhoria e no estímulo ao financiamento por entidades diversificadas, na redução da complexidade e burocracia associadas à criação de empresas, no aumento da tolerância face ao risco e na orientação para o crescimento e competitividade (OECD, 2012 *apud* Guerreiro et al., 2013, p. 58).

O contexto académico não tem sido o único palco de investimento no empreendedorismo. Associações e organizações várias, como por exemplo, em Portugal, a AIESEC ou a ANJE promovem as competências empreendedoras dos jovens, assim como as suas *soft skills*. A promoção do empreendedorismo é uma prioridade política na União Europeia, pois apesar de os desempregados jovens e seniores altamente qualificados serem apenas uma pequena parte da população desempregada, são uma reserva nacional do capital humano, com grande importância. Assim, “é reconhecida a importância do empreendedorismo associada à evidência de que as pequenas empresas criam uma parcela mais importante de novos empregos, representam uma importante fonte de inovação e aumentam a produtividade nacional. Por estas razões, a promoção do empreendedorismo é considerada como uma prioridade política.” (Gonçalves & Pifano, 2015, p.3).

Por todas estas razões, a promoção do empreendedorismo nas universidades tem vindo a ganhar destaque, uma vez que prepara os alunos para as novas condições de trabalho. Esta adaptação dos conhecimentos lecionados permite também às empresas empreendedoras renovar o tecido empresarial, isto é, quando as antigas empresas abandonam o mercado, novas empresas vão surgindo. Contudo, de acordo com o Guia do Empreendedorismo – Portugal 2007, no ensino superior, os cursos de Empreendedorismo são inexistentes nas licenciaturas. O mesmo não acontece no que se refere a pós-graduações, mestrados e formações avançadas (SEDES, 2007). Uma vez que no 1º e 2º Ciclo e ensino secundário as matérias de empreendedorismo também são inexistentes, devia pois existir uma aposta na promoção e formação das características empreendedoras

desde cedo, mais concretamente, a nível do ensino secundário, pois é onde os jovens começam por escolher o seu futuro profissional (SEDES, 2007). Posto isto, é necessária uma educação empreendedora onde se aprende, empreendendo (Figura 2).

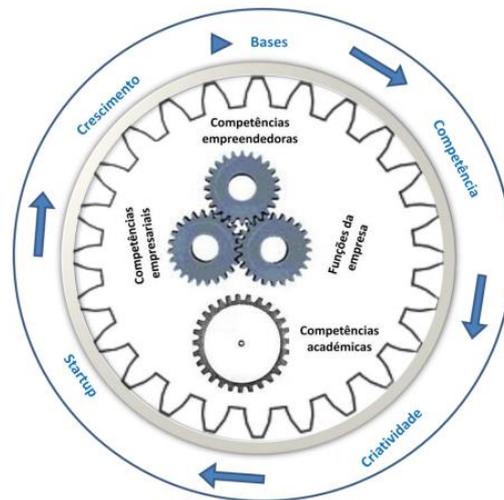


Figura 4 - Processo de educação empreendedora
Fonte: Consortium for Entrepreneurship Education, (2012)

Tendo em conta o que foi referido acima em relação aos jovens terem de optar por trabalhar por conta própria ou por conta de outrem, sendo que estes últimos exercem uma atividade remunerada ao serviço de uma entidade empregadora, é pertinente distinguir trabalho e emprego.

Muitas das vezes os conceitos de trabalho e emprego são confundidos, pois no dia-a-dia utilizamos estas palavras como se fossem sinónimos, quando assim não é. O olhar sociológico sobre o trabalho sistematiza o conjunto de problemáticas do trabalhador nos contextos de trabalho.

O conceito de trabalho refere-se às condições de exercício da atividade profissional, a que se associa a organização do trabalho, a estrutura hierárquica, assim como, os salários, as oportunidades de promoção e valorização, o conteúdo das tarefas e funções, as qualificações e competências requerida, a autonomia e criatividade, os horários, entre outros (Lurol, 2001). É uma ação que compreende as atividades, pagas ou não pagas, de produção e distribuição de bens e serviços que se revestem de utilidade social (Ortega, 1995). O trabalho pode ter lugar tanto na esfera económica, no espaço

doméstico e na comunidade, como ter expressão em atividades cívicas e de voluntariado. Quando se aborda o termo trabalho, não falamos exatamente do determinismo da atividade, mas sim, dos chamados efeitos racionalizadores que têm abordagens diversas, tais como tayloristas, fordistas, burocráticas e relações humanas. Tendo isto em conta, a problemática que se coloca acerca do conceito propriamente dito de trabalho é que o trabalho não é exclusivamente uma atividade, mas sim a função social que dispõe e também a sua relação da ideia de trabalho num quadro dos processos produtivos (Ortega, 1995).

“Mas, quando se fala de emprego ou trabalho há alguma dificuldade em entender os contornos destes dois conceitos” (Marques, 2000). O emprego é utilizado para designar as regras, normas e relações contratuais que estão estabelecidas para regular as atividades de trabalho. O horário, os tempos de saída, as remunerações e as férias, tudo isso está relacionado com o emprego. Desta forma, o emprego é uma questão que se prende com a insistência de normas, regras, princípios e regulamentos que regulam as entidades de trabalho. Posto isto, o emprego corresponde à ocupação de um determinado posto de trabalho, que é remunerado, e que se associa a um determinado estatuto, sendo que este estatuto tem duas vertentes, quando obedece a uma relação salarial, neste caso, trata-se de um trabalhador por conta de outrem, ou quando não obedece a uma relação salarial, nesta situação estamos a falar de um trabalhador por conta própria.

É importante também abordar uma questão que se prende com os jovens quando encontram um emprego. Quando os jovens terminam os estudos e começam a trabalhar, isso funciona como um marcador social de transição para a vida adulta, onde permanece um sentido de responsabilidade maior, pois os mesmos vão estar no controlo da sua vida e todas as decisões que tomam daí em diante podem ter vantagens ou consequências diretamente imputáveis a si próprios. Por outras palavras, existe uma autonomização relativamente aos seus pais ou educadores.

O trabalho e emprego de hoje não são o mesmo que o trabalho e emprego de antigamente. Hoje os jovens têm perceções diferentes, para além de que atualmente se começa a trabalhar mais tarde devido à aposta na educação, seja essa aposta na licenciatura, mestrado, doutoramento ou até mesmo ações de formação. As competências de cada um contribuem para um melhor ou pior desempenho no mercado de trabalho, seja ele em que área for. “O papel das universidades é qualificar o indivíduo através do grau que lhe é conferido, e dotá-lo de competências para fazer com que a sua entrada no

mercado de trabalho seja bem-sucedida. A aprendizagem decorre ao longo da vida do indivíduo.” (Pimpão, 2011, p.7).

A precariedade de emprego entre os jovens tem sido um assunto muito debatido de há uns tempos para cá, pois está cada vez mais difícil encontrar um emprego estável, flexível e permanente, pelo que os jovens têm de optar por atividades profissionais de caráter precário, secundário ou até mesmo recorrer às influências pessoais designadas por “cunhas” (Carmo & Matias, 2019). Outrora as pessoas conseguiam um trabalho, faziam planos para o futuro, pois em princípio iam ficar com esse trabalho para o resto da vida ou mesmo se não ficassem não existia a dificuldade que existe atualmente para encontrar outro.

Se por um lado é difícil para os jovens hoje planearem o seu trajeto profissional; por outro, existem inúmeras hipóteses de diferentes experiências e desejos profissionais que porventura não existiam no passado. Apesar de existirem políticas que definam escolaridades mínimas, circuitos escolares e formação profissional, nem todos os jovens passam por elas e isso não significa que estes tenham menos ou mais sucesso que os que passam, apenas escolheram um curso de vida diferente, por as mais variadas razões. Atualmente existem situações cada vez mais frequentes de precariedade no trabalho. Como refere José Machado Pais, “Encontrar trabalho é para muitos jovens uma lotaria e o que lhes sai na rifa é, frequentemente, trabalho precário.” (Pais, 2001, p. 15).

O mercado de trabalho tem implicações sociológicas, isto é, deve ser estudado pela Sociologia, nomeadamente em termos da estratificação e da mobilidade social, na maneira como as pessoas se distribuem pelos lotes disponíveis, mas também pode ser explorado a partir das novas significações dadas ao trabalho.

O desemprego apresenta-se como uma das principais preocupações dos jovens, porém podemos constatar que as gerações jovens da década do pós-guerra, socializadas num clima de crescimento económico, deixaram para segundo plano as preocupações com a segurança e o rendimento (valores materialistas), privilegiando os valores pós-materialistas alusivos à qualidade de vida, autonomia e participação (Almeida, 1990). Este novo contexto de socialização produziu uma incorporação de novas prioridades, “(...) sem anular efeitos dos percursos de vida pessoais e da sucessão de diferentes conjunturas, tenderiam a manifestar-se nos valores, atitudes e comportamentos dessas

coortes, que constituem atualmente a fração mais dinâmica da população adulta.” (Almeida, 1990, p. 84).

As dificuldades de acesso ao primeiro emprego, as elevadas taxas de desemprego e a precariedade das condições de exercício da atividade profissional poderão introduzir novas tonalidades persistentes nas orientações de valor relativas ao trabalho e à profissão em Portugal.

Kovács (2004) afirma que os trabalhadores que possuem uma vinculação a nível de contrato que não é estável estão mais propensos a ter uma posição mais frágil no mercado de trabalho por muitas vezes terem baixo nível de escolaridade e de qualificação. Com isto podemos verificar que os indivíduos que apresentam um baixo nível de escolaridade podem vir a realizar tarefas pouco estimulantes e cujo nível de exigência não permite o desenvolvimento de competências. Para além deste aspeto, não existe capacidade de negociação para obter melhores salários ou condições de trabalho e os indivíduos não apostam na sua formação profissional, o que acaba por diminuir as suas perspetivas profissionais futuras.

Assiste-se a uma crise no mundo do trabalho, uma vez que o trabalho estável apresenta uma redução a favor da difusão de uma variedade de formas de trabalho que apresentam flexibilidade a nível de contratos, tempo de trabalho, espaço e estatutos. Isto quer dizer que embora o trabalho seja o mesmo, os vínculos contratuais, horários, remunerações e formações são bastante diferentes (Kovács, 2004).

Segundo a perspetiva neoliberal, anuncia-se o fim do trabalho assalariado por consequência da emergência de novas formas de trabalho. Assim sendo, a empresa passa a organizar-se em torno de trabalhos e/ou tarefas a realizar por trabalhadores independentes. Por esta lógica, entramos numa nova época do pós-emprego, onde os trabalhadores deixam de fornecer mão-de-obra às empresas, passando então a ser trabalhadores independentes que prestam serviços. Estes, enquanto detentores de capital humano, realizam contratos e gerem o seu trabalho para vários clientes e empregadores; criam o seu próprio emprego e são responsáveis pelo desenvolvimento de toda a sua carreira (Kovács, 1997). Segundo os críticos desta perspetiva, a difusão do trabalho por conta própria atribui uma responsabilidade da gestão da força de trabalho a quem a fornece, enquanto significa um retorno ao trabalho por encomenda.

As formas de emprego flexível simbolizam uma situação débil relativamente aos rendimentos, acessibilidade à formação profissional e da melhoria da empregabilidade. O emprego com contrato de duração determinada é um tipo de emprego considerado precário, uma vez que se sabe quando começa e quando acaba. Inicialmente, a celebração deste tipo de contratos tinha o objetivo de, mais tarde, assinar um contrato de duração indeterminada. Atualmente, este tipo de contrato não garante o acesso a um emprego estável, visto que no final do mesmo, os indivíduos ficam em situação de desemprego e voltam a uma situação de precariedade. Contudo, “alguns trabalhadores começam a ter o trabalho temporário como escolha de flexibilização laboral fora do carácter de imposição e constrangimentos de uma entidade patronal, proporcionando-lhes a obtenção de novas oportunidades e novos projetos, dando-lhes a liberdade que anseiam” (Simplício, 2019).

Em relação ao trabalho temporário, é bastante semelhante ao emprego com contrato de duração determinada, porém, podemos verificar que este revela uma diminuição do investimento na aprendizagem e enriquecimento do capital humano, acabando por colocar os recursos humanos num ativo de baixo valor, tornando-os importantes consoante as necessidades da empresa. Desta forma podemos falar de dois tipos de trabalhadores temporários, sendo que o primeiro grupo engloba contratos de duração inferior a doze meses e o segundo refere-se a trabalhadores a contrato com duração de um a três anos.

Um trabalhador independente ou auto-emprego define-se como sendo um indivíduo que exerce a sua atividade por conta própria, sendo trabalhador e empresário ao mesmo tempo. Esta prática resulta da combinação de dois fatores bastante distintos: a desvalorização do trabalho, “na medida em que serve essencialmente para transferir a gestão do trabalho e os riscos para os trabalhadores que têm pouca qualificação ou se encontram numa situação de vinculação contratual precária” (Kovács, 2004, p. 40), e a valorização do trabalho, uma vez que existirá um desenvolvimento de competências por parte dos trabalhadores autónomos que adquirem elevados níveis de qualificações. Esta modalidade caracteriza-se pela duração do tempo de trabalho e foi bem recebida por parte dos trabalhadores e empresários, pois para além de reduzir o desemprego, facilita a conciliação da vida profissional e vida pessoal. Segundo Rebelo (2006), através de estudos realizados a nível europeu, uma das características gerais do trabalho a tempo parcial é a forte feminização. Em setores como restauração e hotelaria, limpeza, distribuição e comércio é bastante evidente a forte concentração de emprego feminino.

Embora esta forma de trabalho tenha sido bem recebida, os trabalhadores com horários inferiores manifestam a vontade de ter um emprego com horário completo. Estudos realizados (BIT, 1992) apontam para alguns aspetos negativos no que diz respeito aos trabalhadores a tempo parcial: ganham, em média, menos à hora do que os trabalhadores com horário completo e ocupam cargos subalternos, sendo até mesmo prejudicados relativamente a alguns aspetos, como a atribuição de prémios, situações de doença, formação, direitos ligados à antiguidade, dias de licença pagos, prestações da segurança social, higiene e segurança no trabalho, participação em atividades sindicais, etc. Apesar dos trabalhadores estarem sujeitos a menores níveis de pressão e intensificação do trabalho do que os empregados a tempo inteiro e de ter havido um incremento dos níveis de qualificações na década de 80, não houve mudanças a nível salarial e a avaliação das oportunidades de carreira é mais pessimista quando comparada com trabalhadores a tempo inteiro.

Todavia, o trabalho a tempo parcial também apresenta vantagens, tais como a possibilidade de os jovens entrarem progressivamente no mercado de trabalho assim como os trabalhadores mais velhos saírem gradualmente do mesmo e a facilidade de gerir a vida pessoal e profissional.

Em suma, é possível constatar que esta modalidade trará mais benefícios para estes grupos de indivíduos do que para qualquer outro, auxiliando tanto a inserção como a saída do mercado de trabalho e constitui uma alternativa para sair de uma situação de inatividade. Quanto aos empregadores, o trabalho a tempo parcial permite responder às exigências de flexibilidade e adaptabilidade que o meio impõe, porém apresenta inconvenientes como o recrutamento e formação. Além disto, o indivíduo, por vezes, não tem possibilidade de escolha relativamente ao ingresso neste tipo de modalidade de trabalho pois é a única opção que tem para sair ou evitar uma situação de desemprego.

II. Metodologia

2.1 Modelo de análise, problematização e operacionalização

A metodologia é uma das componentes essenciais de um projeto, porque nos permite refletir de modo integrado sobre o processo de construção de conhecimento. Este projeto assenta numa abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995), apesar de a teoria estar presente na investigação, na abordagem qualitativa os pressupostos teóricos vão sendo descobertos e formulados à medida que o estudo se desenvolve, através da obtenção de dados descritivos acerca de pessoas, lugares e processos interativos, mediante o contacto do investigador com o público-alvo que colabora no estudo. Como refere este autor, “[o]s estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada.” (Godoy, A., 1995, p.62).

Segundo Quivy & Campenhoudt (1995), as fases de um processo de investigação científica consistem num procedimento científico dividido em três fases e sete etapas. As fases baseiam-se na definição do problema, na construção do modelo de análise e na verificação, já as etapas assentam na pergunta de partida, na exploração, na problemática, na construção, na observação, na análise das informações, e por último, a conclusão.

A definição do problema abrange as três primeiras etapas em que se atribui o nome de rutura, a construção diz respeito à quarta etapa e a verificação nas três últimas etapas, conforme esta tipologia foi desenvolvido o cronograma de trabalho, de outubro de 2020 a setembro de 2021. O cronograma é um instrumento de planeamento, que tem como intenção planear, de forma mais fácil, o tempo de concretização das tarefas. Pois, uma vez que esteja tudo detalhado e com o período estimado para cada tarefa, é mais fácil manter o trabalho organizado. Tendo em conta que o cronograma, é o planeamento temporal das várias etapas de execução de um projeto de investigação, este inclui as etapas (apresentadas em linha), e também a afetação temporal por etapas, que no meu caso está por ano e os meses detalhados (cf. Quadro em anexo VIII).

Explicando mais aprofundadamente a proposta de Quivy & Campenhoudt, a fase da Rutura é onde o investigador deve disseminar os preconceitos e falsas evidências que dão a ilusão de compreensão das coisas. Na fase de Construção, pretende-se que o investigador consiga definir as proposições explicativas do fenómeno a estudar, delinear

o plano de pesquisa e as operações e, prever as consequências que estão por vir, já na fase da Verificação, pretende-se que através da verificação dos dados se possa inserir a investigação no estatuto científico. Estas três fases são consideradas padrão para paradigma seguido por qualquer investigador.

A etapa primordial na construção de uma investigação, é a definição da Pergunta de Partida, pois investigar é procurar o conhecimento e para isso é necessário definir muito bem um fio condutor, evitando desvios e angústias, mesmo que este seja provisório e reformulado numa etapa seguinte (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Desta forma, uma boa pergunta de partida deve ser: clara, de forma que se evite várias interpretações da mesma; exequível, realista principalmente no que respeita aos recursos pessoais, materiais e técnicos; e pertinente, evitando cair em juízos de valor, mas sim, tentando compreender. Para isso, a pergunta deve ser “aberta”, dando espaço a várias respostas e não a uma resposta pré-concebida. A pergunta de partida consiste em procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta através da qual o investigador tenta exprimir o que pretende saber.

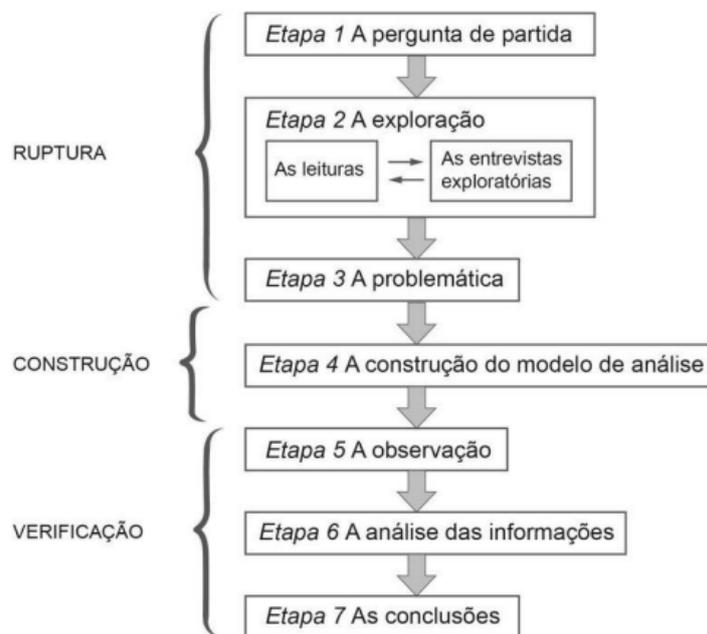


Figura 5 - Modelo de investigação em ciências sociais
Fonte: Quivy & Campenhoudt in Manual de investigação em ciências sociais

Com base no que foi exposto anteriormente, foi elaborada a pergunta de partida, “Qual é o papel da família na legitimação da decisão de permanecer no concelho de residência (Elvas) por parte de jovens empreendedores?” e definidos os objetivos: (i) caracterizar as trajetórias de empreendedorismo familiar entre jovens que permanecem no concelho de Elvas; (ii) identificar e distinguir motivações e expectativas que sustentam o empreendedorismo familiar por parte dos jovens; (iii) compreender as lógicas de legitimação do empreendedorismo no cruzamento entre familialismo e individualismo. Uma vez que o modelo de análise tem a ver com os conceitos, dimensões e indicadores, conforme Quivy & Campenhoudt afirmam “A fase de construção do modelo de análise constitui a charneira entre a problemática fixada e o trabalho de elucidação sobre um campo de análise restrito e preciso.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 109), após esta etapa foi imprescindível estabelecer os conceitos, dimensões e indicadores, de maneira a finalizar o guião da entrevista (cf. Quadro em anexo I), e simplificar a análise de dados. Desta forma, com o apoio das questões de investigação determinou-se o conceito da caracterização e trajetória familiar suportado em duas dimensões: socioeconómica e sociofamiliar; e no conceito de empreendedorismo três dimensões: trajetória escolar, trajetória profissional, motivações e expectativas. A partir dos conceitos e dimensões foram depois estabelecidos os indicadores (cf. Quadro em anexo I). Tendo esta fase concluída, procedi à construção do enquadramento teórico, onde explorei principalmente os conceitos de família, jovens e empreendedorismo. Para além destes conceitos foram também explorados muitos outros, que através das leituras fui considerando relevantes e procurei aprofundar com literatura afim.

Uma vez reconhecido o problema a tratar, comecei por identificar a informação necessária para tratar o problema, e procedi à pesquisa da mesma através de livros, jornais, revistas, e em bases estatísticas. Após esta fase procedi à avaliação da informação recolhida, designadamente, estabeleci critérios e limites de pesquisa, e organizei a pesquisa propriamente dita. Através das leituras primárias que selecionei previamente fui encontrando outras leituras. A análise das mesmas ocorreu primeiramente através da leitura dos textos, do resumo da informação, assim como a elaboração de notas. Seguidamente procedi à técnica de leituras diagonais (estratégia em funil), a referências bibliográficas e análise estatística de dados encontrados nas leituras e pesquisa. Ao longo de todo o processo fui redigindo o relatório e principalmente o enquadramento teórico, através da documentação recolhida na pesquisa e também através

de textos e referências que me foram chegando através da orientadora, de outros professores e colegas.

2.2 Unidade de observação e constituição da amostra

2.2.1 Tipo de amostra, critérios de inclusão e procedimentos para o recrutamento e seleção de casos

Segundo Carmo e Ferreira (1998), “[...] uma parte ou um subconjunto de uma dada população ou universo que se denomina de amostra, de tal maneira que os elementos que constituem a amostra representam a população a partir da qual foram seleccionados.” (Carmo e Ferreira, 1998, p.191). A amostra usada neste estudo, foi primeiramente uma amostra intencional, facto que me leva à necessidade de justificar e refletir os casos seleccionados e a conveniência dos mesmos. Isabel Guerra (2006) menciona que “A amostra não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar. Diversas formas de amostra são possíveis [...]” (Guerra, 2006, p.43). Em concreto, foi desenvolvido um estudo de casos múltiplos, em que a unidade de análise definida são indivíduos residentes do Concelho de Elvas, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, que após a conclusão dos percursos escolares tenham optado por se tornar empreendedores e/ou trabalhar no negócio da sua família, e posteriormente foi utilizada a técnica da bola de neve (*snow-ball*), isto é, alguns dos entrevistados recomendaram-me outras pessoas que correspondiam aos critérios de inclusão e essas pessoas foram abordadas e foi-lhe falado do trabalho que estava a ser realizado, após um breve resumo de tudo o que estava a ser feito e de ser tudo explicado, algumas pessoas concordaram com a realização de uma entrevista e outras recusaram. Esta técnica da bola de neve (*snow-ball*), é uma amostragem sobre os indivíduos de uma determinada amostra e é utilizada para analisar populações específicas, consiste em os inquiridos fornecerem ao investigador, nomes que possam fazer parte da amostra (Vicente et al, 1996). As razões pelo qual o Concelho de Elvas ter sido o Concelho eleito para este estudo, deve-se ao facto de ser o meu Concelho de residência, e de me permitir ter uma maior facilidade na recolha dos dados e contacto com os entrevistados, e também, devido ao facto de Elvas pertencer à Eurocidade Elvas-Badajoz-Campo Maior, o que permiti aos jovens trabalharem fora do Concelho e ainda assim conseguirem residir no mesmo.

2.3 Procedimentos de recolha de dados

2.3.1 Entrevista semi-estruturada: apresentação, justificação e operacionalização

A análise qualitativa tem como propósito compreender os fenómenos através da recolha de dados narrativos para estudar as especificidades e experiências individuais e é utilizada para tentar perceber os motivos, opiniões e motivações das pessoas referentes a um determinado tema (Silva, 2013, p.2).

Para a recolha de dados foi usado como principal instrumento de recolha de dados a entrevista individual, semiestruturada, pois o objetivo era recolher respostas abertas, mas o mais enriquecedoras possível. Foram realizadas 11 entrevistas, que por força da situação pandémica que vivemos atualmente, decorreram de duas formas: presencial e à distância (e.g. WhatsApp, Zoom, Skype, Facebook Messenger). O tempo da entrevista não foi pré-definido, permitindo ao entrevistado a liberdade de falar o tempo que fosse necessário para responder a cada questão. Segundo Boni e Quaresma, este tipo de entrevista potencia que haja uma “(...) interação entre o entrevistador e o entrevistado o que favorece as respostas espontâneas.” (Boni & Quaresma, 2005, p. 75).

É importante referir que a entrevista passa sempre por três momentos: planificação, onde será necessário selecionar os entrevistados, tendo em conta alguns critérios que sejam pertinentes à investigação; execução, onde se realiza a entrevista propriamente dita, sendo que neste caso a investigadora será simultaneamente a entrevistadora; por último, o tratamento da informação. Neste domínio, antecipa-se que a análise foi realizada através da análise de conteúdo de tipo categorial, onde se procuram identificar as categorias que estruturam o discurso do entrevistado. Foi também utilizado um procedimento de tipo semi-aberto, conjugando categorias pré-existentes com outras que poderiam vir a ser identificadas de modo indutivo (Bardin *apud* Valentim, 2005, p.176).

A análise de conteúdo é pertinente na medida em que a realização da entrevista permite que o investigador fique na posse de um *corpus* de informação que importa compreender em profundidade, Bardin (2011) refere que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise foi apoiada por *software*, nomeadamente o NVivo 12 Pro® (licença da Universidade de Évora), o qual possibilitou a exploração sistemática das entrevistas, permitindo organizar e gerir as informações, tornando a análise mais fácil e rápida. e também pelo *software Express Scribe* que facilitou a transcrição das entrevistas.

Outro aspeto importante a referir é que o registo dos dados foi executado através de gravação de áudio, recorrendo ao programa *Voice Recorder* e também ao gravador do telemóvel, isto mediante pedido de autorização prévio, através de consentimento oral.

2.3.2 Entrevista semi-estruturada: planificação, contactos e preparação prévia

A planificação da entrevista procurou pessoas que cumprissem os requisitos de constituição da amostra. Através de uma divulgação através das redes sociais pessoais, assim como conhecimento através de amigos consegui encontrar indivíduos que se enquadravam nos critérios de inclusão. Realizei um contacto prévio com várias pessoas, onde expliquei as minhas intenções e a maneira como ia recolher os dados e se aceitariam colaborar. A maioria dos apelos à participação foi positiva e aceite, e ainda através dos contactos estabelecidos com os primeiros entrevistados, consegui encontrar mais indivíduos que se enquadravam nos requisitos.

A maioria das entrevistas foi marcada conforme a disponibilidade dos entrevistados, sujeitando-me sempre à sua disponibilidade e preferência. Os dias da recolha dos dados podem ser verificados na agenda que realizei de modo a estar sempre organizada e não sobrepor entrevistas (cf. Quadro em anexo II).

Ainda que o guião da entrevista ficou pronto, procedi à realização de um pré-teste de maneira a garantir que a entrevista fosse o mais profissional possível e que não surgisse nenhum contratempo durante a realização da mesma, Ghiglione e Matalon (1992) dizem que o pré-teste permite entender se as perguntas são compreendidas e também emendar erros de vocabulário e de formulação, assim o pré-teste permite limar arestas antes da entrevista. Após o pré-teste, precisei de realizar um segundo pré-teste pois durante a gravação tive dificuldades em obter uma gravação de voz com boa qualidade, que me facilitasse o trabalho mais tarde. Posto isto, e superado o pequeno obstáculo técnico, realizei várias leituras do guião da entrevista de maneira a que no momento realizasse

uma conversa face-a-face, ou à distância, não ter que estar sempre a recorrer ao guião da entrevista.

Como se pode ver na agenda de entrevistas em anexo as entrevistas foram realizadas entre 6 de abril e 13 de junho, e o tempo das mesmas variou entre os 12 minutos e os 46 minutos, conforme os entrevistados e o que queriam dizer.

A grande maioria das entrevistas foi realizada *online*, através de plataformas como WhatsApp, Zoom, Skype, Facebook Messenger devido à pandemia e de forma a respeitar todas as normas de segurança. Contudo, três entrevistas foram realizadas presencial, num espaço escolhido pelos entrevistados, nomeadamente os locais de trabalho e na casa de um dos entrevistados. Em todas elas tive o consentimento oral para gravar o registo áudio das entrevistas e no caso das entrevistas presenciais foi possível observar e respeitar as medidas de segurança e distanciamento, assim como o uso de álcool gel e máscara de proteção, como já foi referido anteriormente. O maior desafio desta etapa foi colocar os indivíduos à vontade, de maneira a promover o conforto e liberdade, para que este não sentisse receio ou vergonha das suas respostas estarem certas ou erradas, e fossem ou não fossem adequadas ao meu estudo.

Várias vezes, tanto no início como no fim das entrevistas fiz questão de agradecer aos entrevistados o tempo que disponibilizaram e a cooperação na realização das entrevistas e recolha de dados, relembrando o facto de tudo ser feito através de anonimato.

2.4 Procedimentos de análise de dados e interpretação de resultados

2.4.1 Análise de conteúdo inter-casos: apresentação, justificação e operacionalização da análise de conteúdo assistida por software

A análise e interpretação dos dados recolhidos começou logo nas entrevistas, isto é, à medida que realizava uma entrevista imediatamente procedia à transcrição *verbatim* para facilitar o tratamento dos dados e a análise das informações recolhidas. Recorri ao programa *Express Scribe Transcription Software*, que é uma ferramenta pertinente que me ajudou a transcrever as entrevistas de forma mais rápida e eficiente.

Posto isto, foi utilizado o *software* NVivo. Este *software* é um *software* profissional para este tipo de análise de dados, pois ajuda a organizar, analisar e encontrar informações. É um *software* que através dele conseguimos analisar toda a informação

com uma maior rapidez e facilidade, tem locais para organizarmos e gerirmos das formas mais simples as nossas informações, de forma a que fique tudo arrumado e com fácil acesso. Comecei por importar as transcrições das onze entrevistas realizadas anteriormente, e formar nós. Os dois nós principais denominam-se de “Caracterização e trajetória familiar” e “Empreendedorismo”, dentro desses criei cinco principais nós, os quais foram as dimensões de análise, dentro desses cinco, coloquei os indicadores correspondentes que pretendia analisar. Com este sistema de nós procedeu-se ao selecionamento dos excertos das entrevistas que faziam referência a cada indicador, onde se selecionou a informação e arrastou-se para o nó correspondente (Cf. figura 6).

Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por
Caracterização e trajetória familiar	0	0	03/07/2021 18:30	AM	03/07/2021 18:30	AM
Socioeconómica	0	0	03/07/2021 20:33	AM	03/07/2021 20:33	AM
Idade	11	11	03/07/2021 18:30	AM	05/07/2021 17:40	AM
Sociofamiliar	0	0	03/07/2021 20:33	AM	03/07/2021 20:33	AM
Aspirações dos pais em relação ao f	11	13	03/07/2021 18:48	AM	03/07/2021 19:25	AM
Escolaridade e profissão dos pais	11	11	03/07/2021 19:20	AM	03/07/2021 19:25	AM
Fonte de rendimento durante as fas	10	10	03/07/2021 18:36	AM	03/07/2021 19:25	AM
Empreendedorismo	0	0	03/07/2021 19:29	AM	03/07/2021 19:29	AM
Trajectoria escolar	0	0	03/07/2021 20:34	AM	03/07/2021 20:34	AM
Escolaridade entrevistado	11	11	03/07/2021 19:30	AM	03/07/2021 19:43	AM
Trajectoria profissional	0	0	03/07/2021 20:36	AM	03/07/2021 20:36	AM
Profissão e situação profissional atu	11	13	03/07/2021 19:45	AM	03/07/2021 20:04	AM
Pessoas com quem trabalha	11	13	03/07/2021 19:46	AM	03/07/2021 20:05	AM
Motivações e expectativas	0	0	03/07/2021 20:37	AM	03/07/2021 20:37	AM
Continuidade geracional	11	12	03/07/2021 20:08	AM	03/07/2021 20:21	AM
Surgimento de oportunidade de tra	11	11	03/07/2021 20:08	AM	03/07/2021 20:22	AM

Figura 6 - Programa NVivo (printscren nós)
Fonte: Elaboração própria

Desta forma, foi realizada a comparação dos indicadores das 11 entrevistas, sendo uma análise conseguida de forma bastante simplificada. Este *software* permitiu também criar um mapa de projeto (Cf. figura 7), uma árvore de categorias e subcategorias e um relatório de resumo da codificação por nó (Cf. figura 8).

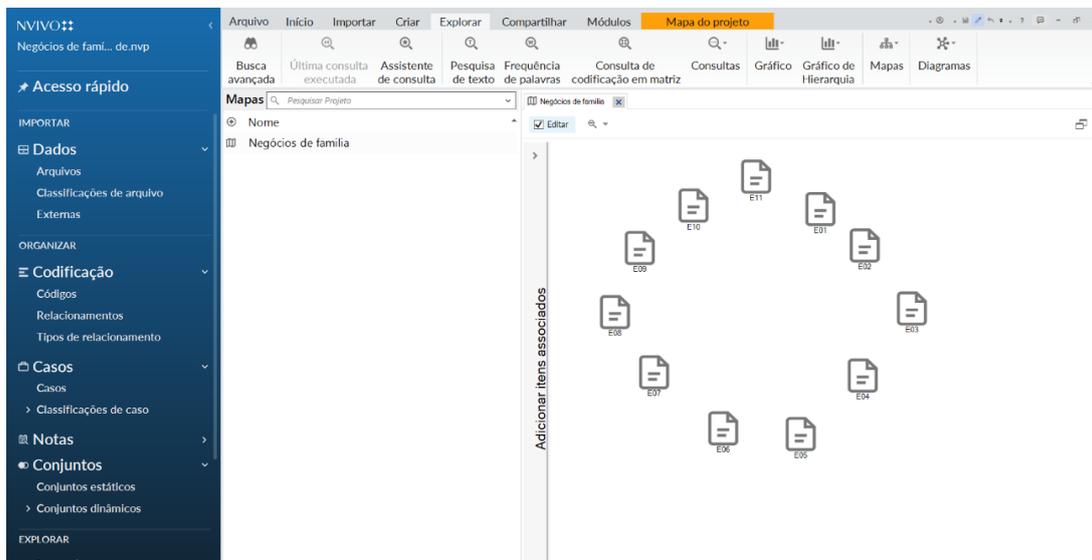


Figura 7 - Programa NVivo (printscren mapa de projeto)
 Fonte: Elaboração própria

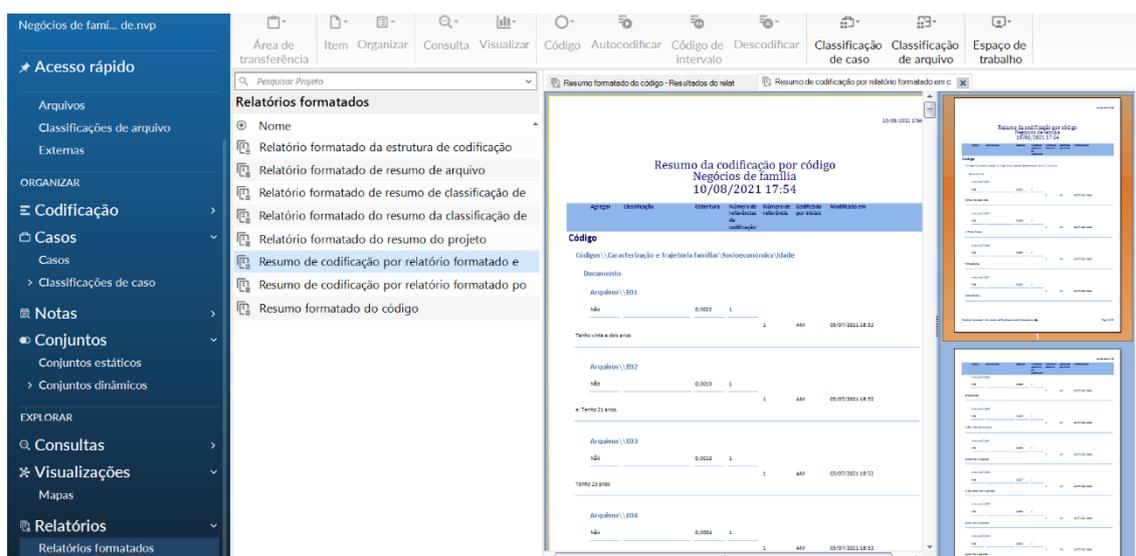


Figura 8 - Programa NVivo (printscren relatório de resumo de codificação por nó)
 Fonte: Elaboração própria

Ainda no que concerne a recursos a *softwares*, foi utilizado o programa GenoPro para construir genogramas familiares dos entrevistados, segundo Costa (2013) o Genograma ou genetograma é uma representação gráfica de uma dada família que apresenta através das suas características, o desenho ou mapa da família.

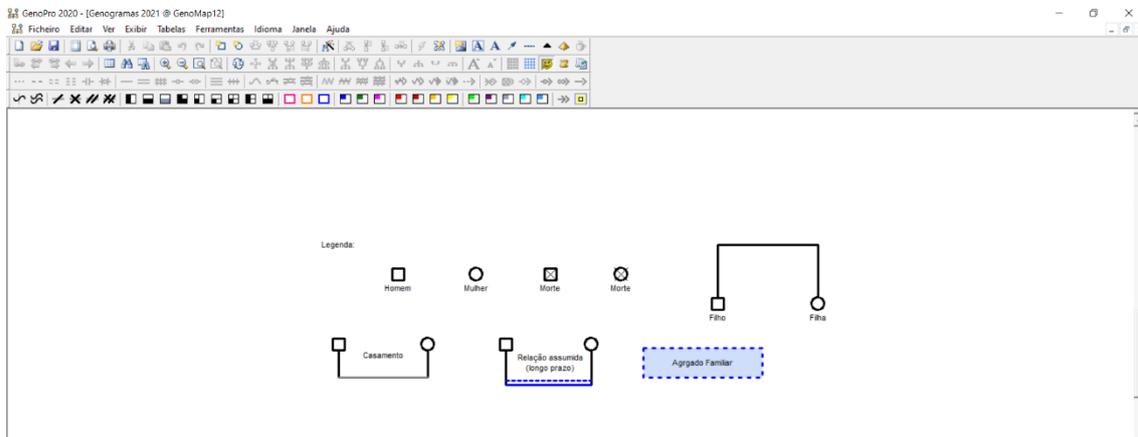


Figura 9 - Programa GenoPro (legenda Genogramas)

Fonte: Elaboração própria

Após uma análise das 11 entrevistas, as mesmas foram separadas, tendo de um lado os jovens que criaram o seu próprio negócio e posto de trabalho e do outro, os jovens que trabalham no negócio de família.

Tendo realizada esta separação procedi à análise e comparação das entrevistas de cada grupo e dentro dos dois grupos separei as entrevistas em duas secções, isto é, no grupo dos negócio de família dividi entre jovens que são a continuidade do negócio, ou seja, o negócio vem de gerações anteriores, os jovens são os herdeiros em formação e têm total apoio dos pais e da família e jovens que sentiram a necessidade de voltar, porque estavam condicionados por diversos fatores, tinham falta de opções em relação ao seu rendimento ou outro motivo.

Em relação aos jovens empreendedores o grupo foi dividido em duas secções sendo elas os jovens que os pais apoiaram a indivíduo e o negócio desde o início, e os jovens que não receberam o apoio da família e correram o risco de investir e inovar criando assim o seu próprio posto de trabalho.

Tendo esta divisão definida, foram escolhidas as entrevistas mais representativas de cada categoria e foi feita uma análise mais profunda, onde se compara e analisa o papel da família em cada uma delas, isto é, se a família apoiou o jovem ou não, e por que razão isso aconteceu, quais os motivos, quais os valores que foram tidos em conta nesse momento, e que influência teve a família.

A categorização resulta da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa (teórica e prática) que descreve e interpreta o conteúdo do conjunto de documentos e textos de uma investigação e ajuda a compreender os

significados além da leitura comum. É uma análise que procura investigar quem emite a mensagem (Moraes, 1999). Bardin (2011) indica que a análise de conteúdo tem três fases, sendo elas: a pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados. O procedimento utilizado na análise de conteúdos neste estudo foi: i) preparar a informação; ii) transformar os conteúdos em unidades; iii) classificar as unidades em categorias; iv) descrever; e por último v) interpretar.

Neste estudo foi realizada uma análise intra-casos, através de uma análise de conteúdo categorial, como foi descrito acima. Em concreto, foram definidas as unidades de contexto, registo, categorias e subcategorias. Existem dois tipos de procedimentos principais, o procedimento aberto e o procedimento fechado (Bardin, 2011). Neste caso, foi utilizado principalmente o procedimento fechado, embora o procedimento aberto também tenha sido utilizado, nomeadamente para chegar à organização final do perfil dos negócios de família.

2.5 Observações éticas

A ética e a deontologia são conceitos complexos e próximos um do outro. Em relação à recolha de dados, é necessário observar as questões relativas à confidencialidade dos dados, bem como aos limites entre o público e o privado, o anonimato, o nível de intrusão e o grau de sensibilidade da informação recolhida e tratada.

A Associação Portuguesa de Sociologia e a Organização Internacional de Sociologia possuem códigos éticos e deontológicos dirigidos aos seus associados, códigos esses que abrangem o exercício da profissão. No exercício da sua atividade profissional, o sociólogo deve privilegiar os princípios da privacidade e da confidencialidade. Neste sentido, muitas vezes os sociólogos recorrem a declarações de consentimento informado, adaptados à realidade concreta que querem estudar e isto também será observado nesta investigação.

Para além destes fatores, os participantes têm ainda o direito de, a qualquer momento, recusar participar na pesquisa. Isto significa que o entrevistador precisa deixar claro que a participação é sempre voluntária. De modo a evitar falhas de comunicação, o investigador deve começar por se apresentar e explicar ao entrevistado a natureza e os objetivos do estudo, informando-o dos seus direitos relativamente à participação,

incluindo o direito à recusa em participar, e também sobre a finalidade da recolha e do tratamento de dados, neste caso deixar claro que os dados são apenas para fins académicos e que não serão usados em nenhuma outra circunstância, e sempre de acordo com o Código Deontológico dos Sociólogos. Este código tem como preocupação fundamental explicitar os principais tipos de responsabilidades dos sociólogos, isto é, em termos gerais, as responsabilidades para com a Sociologia e a sociedade, um dos assuntos que chama à atenção é o facto de o sociólogo dever “(...) velar pela proteção dos arquivos de informações ou bases de dados sujeitos a confidencialidade ou anonimato.” (APS, 2008).

Compreendendo o que foi referido anteriormente, as medidas adotadas por mim desde início foi deixar claro que a participação do entrevistado era voluntária, que o entrevistado poderia recusar ou terminar a entrevista a qualquer momento, assim como o facto de não existir uma resposta certa ou errada, pelo que falasse conforme achasse necessário e conforme a sua vontade. Também, desde o primeiro momento em que entrei em contacto com os indivíduos que respeitavam os critérios de inclusão da amostra, tive sempre o cuidado de observar e respeitar as regras do código deontológico da APS, nomeadamente, garantir aos entrevistados o anonimato e total confidencialidade de quaisquer informações que me fossem transmitidas, fiz questão de referir várias vezes que os dados iriam ser usados exclusivamente na minha dissertação de tese, no meio académico e que é obrigação dos sociólogos zelar pela proteção de informação dos entrevistados, assim como pela sua identidade. Contudo, foi necessária uma especial atenção com os indivíduos com quem tive contacto direto/presencial, uma vez que foi necessário estar atenta às medidas de segurança, nomeadamente o uso de máscara de proteção, o uso frequente de álcool gel e também um distanciamento de pelo menos dois metros, que por vezes dificultou um pouco a conversação entre entrevistado e entrevistador.

Quanto à entrevista numa vertente mais prática, a entrevista semi-estruturada é um tipo de entrevista exigente que, para ser bem-sucedida, exige uma grande competência por parte do entrevistador. Durante a entrevista o entrevistador precisa estar sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo para mostrar que está atento. Isto fará com que a troca de informação seja mais natural e empática (Gil, 2008, p.118). Nesta etapa tentei manter o melhor relacionamento possível com os entrevistados, dando pequenas confirmações durante os relatos dos mesmos, mantendo sempre o respeito e uma oralidade adequada, deixando-os à vontade e tranquilos, fazendo com que se

sentissem compreendidos e seguros de si. Tentei que não existisse uma barreira de comunicação entre nós que prejudicasse o estudo em questão. Outro aspeto tendo em conta a obrigação dos sociólogos em zelar pela proteção de informações sujeitas a confidencialidade ou anonimato, durante a entrevista garanti que apenas a voz dos entrevistados estava a ser gravada e que não comprometia a sua identidade de maneira alguma.

Em relação à análise e interpretação dos dados, foi realizada uma transcrição *verbatim* das entrevistas, que por sua vez não serão anexadas ao trabalho final, pois os entrevistados falam sobre as suas vidas, e comprometem a suas identidades, identidades de familiares e pessoas próximas, assim como a identidade das suas empresas/negócios. Com isto, é minha intenção salvaguardar o seu direito à privacidade e anonimato.

A análise e interpretação de dados foi uma etapa apenas da investigadora sem contacto com os entrevistados. Então nesta fase, em relação às entrevistas utilizadas para representar a categorias onde estavam inseridas, o principal método para salvaguardar o direito de privacidade e anonimato dos entrevistados foi atribuir a cada um deles, um pseudónimo e também às pessoas citadas pelos entrevistados durante as entrevistas, pseudónimo esse atribuído a partir da primeira letra do apelido dos entrevistados e pessoas citadas.

III. Análise de dados, interpretação e discussão de resultados

Neste capítulo serão apresentados os principais resultados provenientes das informações obtidas nas entrevistas. Através da organização e sumarização dos dados, pretende-se responder às questões de investigação e a mais algumas questões que tenham surgido durante o percurso. Posto isto, o que se segue é a análise dos jovens que trabalham no negócio de família e dos jovens empreendedores que criaram o seu posto de trabalho, segundo tipologias. Como descrito anteriormente estas tipologias surgiram na sequência de um trabalho qualitativo, eminentemente indutivo.

Relativamente aos negócios de família, procedi a uma divisão categórica entre jovens que são a continuidade do negócio, ou seja, o negócio vem de gerações anteriores, os jovens são os herdeiros em formação e têm total apoio dos pais e da família. Por outro lado, os jovens que tiveram necessidade de voltar às suas origens, condicionados por

diversos fatores, como falta emprego ou outro motivo, e jovens que não abriram espaço para outras opções, isto é, jovens que após o ensino obrigatório entraram imediatamente no negócio da família sem abrir portas a outras oportunidades e que foram apoiados pela família porque a mesma via o gosto dos indivíduos em fazer parte do negócio da família.

No que toca aos jovens empreendedores o grupo foi dividido em duas categorias, uma que inclui os jovens cujos pais apoiaram o indivíduo e o negócio desde o início, e outra que inclui os jovens que não receberam o apoio da família e correram o risco de investir e inovar, criando assim o seu próprio posto de trabalho. Esta análise será apoiada com base na apresentação de excertos *verbatim*s das entrevistas para categoria encontrada. Em alguns casos foi opção explícita analisar de forma aprofundada apenas algumas entrevistas por serem essas as que melhor dão conta das categorias em análise.

3.1 Negócios de família

3.1.1 Herdeiros em formação

No total dos 11 entrevistados, quatro integram esta categoria. As entrevistas E10 e E11, espelham de forma particularmente clara esta categoria.

Glória [E10], tem 27 anos, e trabalha no negócio de venda e compra de ouro dos seus pais. Passou a sua infância com os pais e irmãos e diz que nunca teve uma educação “nem tanto, nem tão pouco”, então viveu bem, mas nunca teve tudo. Tirou a sua licenciatura “graças à sua mãe”, porque ao longo do percurso foi desmotivando. No que diz respeito ao mundo laboral acredita que os pais “queriam mais para ela”.

Gabriel [E11], tem 22 anos e conta apenas com o 9.º ano nas suas habilitações literárias. Aos 15 anos saiu de casa e foi estudar para Évora, o que veio a constituir um marco significativo na sua vida. Quando tinha 18 anos nasceu a sua irmã, com quem vive agora juntamente com os seus pais. A sua fonte de rendimento na adolescência eram os seus pais e os seus avós e diz “nunca lhe ter faltado nada”.

Quer Glória, quer Gabriel já estão imersos no negócio da família; ambos cresceram com proximidade a experiências empreendedoras, tendo eles próprios integrado no negócio. Apesar de atualmente serem “meros funcionários”, um dia vão estar em condições de herdar o negócio e continuar o legado familiar. Estes são indivíduos que se afirmaram com o apoio da família, e que por estes foram influenciados, adquirindo

uma herança de valores e conhecimentos, ao mesmo tempo que trazem inovação para o negócio. Por estas razões, também eles podem ser chamados de empreendedores.

Os pais de Glória [E10], são ambos gestores comerciais, o pai com o 9.^a ano, e a mãe com o 6.^o ano. Segundo a filha apesar de quererem para ela “mais que aquilo que tem atualmente”, deixaram que ela “escolhesse o seu caminho” e ensinaram-lhe que “é preciso batalhar pelo que quer”. Como refere:

[...] Os meus pais sempre me quiseram dar uma educação de que... nem tanto, nem tão pouco. Ou seja, o que eles me quiseram transparecer é que eu até poderia ter tido mais coisas, mas não tive por opção.

(Glória, 27 anos, comerciante)

No que toca aos pais de Gabriel [E11], a mãe conta com o 9.^o ano e é auxiliar de ação direta num lar, e o pai tem como habilitações literárias também o 9.^o ano e é pedreiro. Em relação ao nível de vida que proporcionam ao seu filho, Gabriel conta que:

Inicialmente... inicialmente quando era mais novo um sete [Escala de 1 a 10]. Quando, a partir dos quinze para cima já foi um cinco, porque os meus pais cortavam-me um bocado mais as rédeas. Começava a gastar dinheiro em porcarias, e os meus pais então cortavam-me um bocado.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Em ambos os casos, os entrevistados contam que os pais sempre quiseram mais para eles, contudo deixaram-nos seguir o próprio caminho e aprender por eles próprios. Mas apesar disso, sempre contaram com o seu apoio “acima de tudo”.

Após concluir a sua licenciatura, em parte “graças à sua mãe”, Glória conta como foi difícil iniciar a sua vida fora do seu agregado familiar inicial e que por mais que tentasse, não foi capaz. Contudo, hoje em dia e graças à sua avó que lhe disponibilizou uma casa, conta que: “vive sozinha e tem as suas coisas sozinha”.

Andei, pronto a tentar fazer pela minha vida, mas não... pronto, depois verifiquei que sozinha não, não era capaz. E tive que regressar para casa dos meus pais.

[...] Eventualmente alugar uma casa, e ter os meus custos e tudo mais, sozinha não consigo, neste momento. Então sim, tive que regressar a casa dos meus pais depois de vir da licenciatura.

(Glória, 27 anos, comerciante).

O percurso de Gabriel foi diferente, aos 15 anos foi estudar para longe do seu agregado familiar, pois a única opção de seguir o caminho que queria era ir para onde houvesse uma oferta formativa na área do desporto. Desde essa altura que se habitou a viver sozinho, mas os seus pais sempre foram o seu maior apoio, não só financeiramente, como a ajuda que ele necessitava para “perseguir os seus sonhos”. Nunca se sentiu pressionado e sempre teve margem para tomar as suas decisões. Conta que:

Eles [os pais] sempre fizeram, sempre me apoiaram nas minhas escolhas, ah::: sempre me, epá sempre apoiaram o que eu gostava de fazer. Eles estavam lá para me apoiar, ajudaram-me bastante e fizeram bastantes esforços para eu conseguir tirar, conseguir tirar e fazer aquilo que fiz e tudo mais. Eles sempre me apoiaram mesmo muito.

[...] E eles sempre fizeram esforços por mim e para eu conseguir tirar aquilo que, aquilo que eu queria, aquilo que gostava de fazer.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Podemos concluir que em ambos os casos descritos, os pais não foram alguém que fez pressão explícita nos filhos para seguirem uma formação ou ter um determinado trabalho, mas foram alguém que sempre esteve ao seu lado, apoiando-os nas decisões mais importantes.

Após concluir a sua licenciatura, Glória conta ter tido muitos trabalhos, a começar pelos estágios, pelos trabalhos de verão desde os dezasseis anos, “porta-a-porta”, *call centers*, trabalhos em lares de idosos e infantários e funções como relações-públicas, Glória já conta com uma certa bagagem de experiências e um currículo recheado, contudo

nenhuma dessas experiências conquistou Glória como o trabalho da sua família. Mesmo não sentindo pressão para trabalhar com a família, esse acabou por ser “o seu destino”.
Recorda que:

[Os pais] *Sempre me deram a mim a minha opção de seguir com aquilo que eu tirei, com aquilo que eu estudei, e qualquer coisa que eu gostasse. Não, o meu pai perguntou-me mesmo, foi uma questão, eu é que achei que fosse uma estabilidade diferente.*

(Glória, 27 anos, comerciante)

Quando questionada sobre como surgiu a oportunidade de trabalhar na empresa da família, Glória diz que a oportunidade surgiu quando o pai encontrou um espaço livre para mais uma loja e a questionou se ela queria trabalhar junto deles. Glória aponta como causa do seu ingresso no negócio, o facto de no trabalho anterior não ter a certeza se era algo fixo. Ao contrário, o negócio da família, via-o como:

Era uma coisa fixa, era um ordenado que eu sabia que poderia ter um dia de amanhã com covid e sem covid e mais problemas e menos problemas, era uma estabilidade.

Então acabei por vir para cá.

(Glória, 27 anos, comerciante)

No que toca às relações familiares dentro do trabalho, a entrevistada diz que não existe falta de respeito entre eles, mas que como sempre conviveram uns com os outros, estão habituados a falar de forma diferente, e que como filha do seu pai dá a sua opinião para tudo, o que vê como um aspeto positivo.

Como aspeto negativo de trabalhar numa empresa de família, vê o facto de estarem “todos no mesmo barco”, se a empresa tem problemas, todos têm problemas e não vê como se possam ajudar uns aos outros. A este propósito, exemplificou com a crise pandémica:

[...] por exemplo, agora no covid tivemos que fechar as três lojas, eramos todos em casa. Se um por exemplo falha, é óbvio que eu como filha dos meus pais se falhar o meu ordenado ou algumas contas, eu vou pedir aos meus pais e nesse caso eu acho que é um erro que nós cometemos é estarmos todos na mesma empresa a trabalhar.

(Glória, 27 anos, comerciante)

Contudo, estando “dentro da empresa” diz que comparando com outras experiências que teve é completamente diferente, pois:

[...] pronto é mais uma coisa de a gente saber com o que é que pode contar do que, sendo que é uma empresa familiar eu vou estando mais a par, e pronto, também vejo as nossas contas, aquilo que nós fazemos. E estou um bocadinho a par daquilo que nós podemos ou não contar. E nas outras empresas não, e de facto era mesmo o que eu avaliava era a minha estabilidade. [...] É mesmo aquele ditamos que nós dizemos “não é meu, não é do meu pai. Estou-me borrifando”. Lá está, é a isso mais que eu me refiro.

Acho que não é o mesmo ambiente, nem é a mesma mentalidade de trabalhar numa empresa familiar do que noutra que não é nossa, que não nos diz nada. Não temos a mesma responsabilidade, eu acho.

(Glória, 27 anos, comerciante)

No que toca a inovação e papel na empresa, Glória diz ser uma mais-valia porque ela representa mais uma loja aberta, mais uma fonte de rendimento, mais saída de material e mais dinheiro. Diz que com a sua formação e experiência tem mais tempo para fotografar, medir peças e atualizar o site, tendo em mente aquilo que o mercado *online* representa hoje em dia.

Embora diga que o negócio continua a ser dos seus pais e que ela e a irmã são “meras empregadas”, Glória vê de dia para dia o crescimento da empresa, e tem os olhos postos no futuro, perspetivando o vendo o negócio atual como “uma mais-valia” no futuro.

[...] futuramente, penso que sim, eu gostava também [o negócio passar para gerações seguintes]. Penso que os meus irmãos também e de facto é uma mais-valia, eu penso que não é uma hipótese de deitar fora [risos]. Acho que temos que aproveitar também.

(Glória, 27 anos, comerciante)

No que diz respeito a Gabriel [E11], o percurso é diferente. A trajetória escolar ficou pelo nono ano, pois acabou por não apresentar a sua PAP¹. Diz que teve os seus biscates, mas que este é o seu primeiro trabalho de verdade, o seu primeiro contrato e a sua primeira profissão. Conta que:

[...] assim que eu saí da escola andava, por acaso meti por volta de três ou quatro currículos, fui a duas ou três entrevistas e não fiquei com nenhum dos empregos. E estava a começar a ficar... estava mesmo dececionado, porque não estava a conseguir arranjar emprego e não sabia como é que havia de ser dali para a frente, e era novo.

Não sei, não tinha experiência nenhuma da matéria e então, estava a ficar dececionado.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Um dia comentou com o seu primo a situação pela qual estava a passar e este acabou por lhe dizer que precisava de pessoal para a empresa e perguntou-lhe se ele estaria interessado, o que acabou por ser a sua “maior alegria nesses dias”. Desde então, a empresa tem vindo a passar entre os membros da família e parece estar no seu melhor momento:

¹ Prova de Aptidão Profissional (PAP) realizada por alunos do ensino secundário dos cursos profissionais de modo a obterem uma dupla certificação (certificação do ensino secundário e certificação profissional) correspondente ao Nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações - Portaria n.º 782/2009, 23 de julho.

[...] a empresa era do meu tio, há muitos anos atrás. Entretanto foi abaixo, depois o Sandro² pegou também, o filho dele, o filho mais velho dele. O Sandro pegou, também não conseguiu. Ah::: entretanto o Simão pegou novamente e aquilo começou a crescer.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Gabriel não vê o cargo que ocupa atualmente como um “mero acaso”, pois diz sempre ter gostado do que o tio fazia. Conta ter trabalhado na empresa durante os verões e que já tinha uma ideia do que era trabalhar com o negócio do peixe, tanto na parte operária como administrativa. Conta que:

[Em relação ao seu destino no mundo laboral] *Isto já estava, já estava, já estava escrito*
[risos]. *Isto, já tenho sangue de peixeiro, corre nas veias.*

O meu trabalho, o meu trabalho é pouquinho de tudo. Eu faço trabalho de armazém, faço trabalho de escritório, faço contabilidade... ah::: faço basicamente tudo, e sei fazer praticamente tudo.

Acho que é isso que as empresas pretendem, pessoas que façam de tudo. Se eu souber fazer duas coisas, não vale a pena estarem duas pessoas diferentes, a pagar dois salários. É mais dispendioso para a empresa.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Gabriel diz ver a empresa sempre a maximizar o lucro e beneficiar os funcionários. Conta que um dos pontos fortes é ser da família e ter mais benefícios que os outros funcionários, mas que se não trabalhar é impensável ser beneficiado.

Ali só somos beneficiados se trabalharmos conforme, conforme eles pedem e se fizermos as coisas em condições, porque praticamente é tudo família, por isso não vou ter grandes, mas pronto.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

² A fim de preservar o anonimato dos dados, os nomes de pessoas citadas pelos entrevistados foram anonimizados.

Na sua perspectiva, outro ponto forte é o facto de os funcionários verem a empresa como “sendo deles”, não lhes ser indiferente deixar trabalho por fazer, se a empresa perde dinheiro ou não. Diz que:

Mas em questões de família vou ficar preocupado se eu fizer a minha empresa perder, ou se não fizer o meu trabalho bem feito e os meus primos, que eu vejo assim, lá está, diferenciar o trabalho de família, não é fácil mesmo nestas coisas e torna-se bom. Por um lado, torna-se bom porque vimos aquilo como se fosse nosso, é isso.

(Gabriel, 22 anos, Administrativo)

Gabriel conta ainda que mais de sessenta por cento dos empregados são da família, e que os que não são é como se fossem, são todos amigos, e o único ponto negativo que encontra é “chatearem-se uns com os outros” devido ao excesso de confiança.

Em relação ao futuro, vê a empresa crescer todos os meses e que embora esteja a ter um aumento “brutal”, o futuro está em causa, pois o seu primo (proprietário da empresa) diz que se a filha quiser a empresa, precisa de trabalhar por ela e de se esforçar tal como ele fez.

Em suma, do que foi observado, conclui-se que nesta tipologia a família não exerce um papel de pressão forte, mas que apoia os indivíduos a seguir o seu caminho, deixando-os ser autónomos e procurar “a sua felicidade”. Não esquecendo que neste caso tanto Glória como Gabriel têm um historial de empreendedorismo na família e que isso pode os ter influenciado indiretamente na sua toma de decisões.

3.1.2 Jovens que se afirmam de novo no negócio

Para esta categoria analisam-se de forma profunda duas entrevistas, E03 e E07. Este são jovens que embora o seu plano fosse seguir o negócio da família, a determinada altura “a vida troca-lhe as voltas”, contudo afirmaram-se novamente no negócio da família e receberam apoio dos membros da mesma. Também é possível verificar através das entrevistas que ambos os entrevistados têm formação relacionada à área do negócio, quer

tenha sido o objetivo explícito de os entrevistados procurá-la, ou apenas uma área de interesse dos mesmos em que apostaram.

Carol [E07] é a entrevistada com mais idade, em relação aos outros entrevistados. Tem 35 anos e nasceu em Barbacena, no concelho de Elvas. A sua infância foi marcada pelo convívio com a grande família que tem, mas nem sempre conseguiu estar perto deles, pois a sua vida é caracterizada por “um vaivém”. Assim que terminou a sua licenciatura foi trabalhar para longe da sua residência, mas quando o contrato acabou precisou regressar a casa dos pais. Voltou a sair para trabalhar, e após ter engravidado precisou ficar em casa com a filha. Entretanto surgiu ao marido uma oportunidade de emprego na terra natal dela e voltou a Barbacena, onde de momento reside com o seu marido e filha, e trabalha com a sua mãe num negócio, agora conjunto.

No caso de Carol, o seu envolvimento no negócio da família é assinalado não pelo “regresso às origens”, mas como uma necessidade, isto é, não tinha outra opção para conseguir sustentar a família.

A vida de Carol é marcada por mudanças. A primeira vez que mudou de casa com a sua família, por volta dos 10 anos. Mais tarde quando saiu para estudar e trabalhar, embora tivesse que regressar a casa dos pais novamente, e por último uma nova mudança que acabou novamente num retorno à sua terra natal. Mas apesar destas mudanças constantes sempre teve a família por perto.

Morámos numa casa, entretanto os meus pais compraram outra maior, e mudámos para aí mais ou menos quando eu fui para o quinto ano [...]. Hum, a infância foi uma infância boa. Com a família, que tenho uma família muito grande, os primos, com os tios. Morávamos, morámos sempre todos perto uns dos outros. Portanto, tivemos sempre a família muito presente na minha infância.

(Carol, 35 anos, esteticista,)

Diz ter tido um nível de vida “muito bom”, mas sem grandes luxos porque não havia o que há hoje, contudo, comparando com outras pessoas, como amigos, colegas e vizinhos diz por vezes ter sentido que vivia “um pouco melhor”, pois ambos os pais trabalhavam por conta própria. Ao longo da sua infância sempre teve contacto direto com

o empreendedorismo, pois lembra-se de o seu avô ter uma casa de mobílias e de mais tarde os seus tios fundarem uma empresa agrícola.

Tínhamos uma vida boa, com tudo aquilo que precisávamos e que, que era necessário para a altura.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Os seus pais, apenas com o quarto ano, mas ambos trabalhadores por conta própria, o pai no ramo da construção civil e a mãe com um cabeleireiro, sempre sonharam para os filhos um curso superior na área de interesse deles, Carol considera esse o principal objetivo deles. Assim o fez Carol, a sua primeira mudança no ponto de vista familiar, foi sair para estudar, mas não sabia que ela própria ia ser um “yoyo” do seu percurso.

Eu saí de casa para, para estudar. Fui para Portalegre tirar a minha licenciatura, aí tive cinco anos, entretanto quando acabei o meu curso arranjei logo trabalho e fui trabalhar para Beja, portanto tive em Beja à volta de três/quatro anos também. Ficando desempregada, depois desse tempo voltei para casa dos meus pais e permaneci por mais talvez um ano. Ah::: altura em que... em que comecei a trabalhar, mas trabalhar fora de casa, mas morando com os meus pais.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Passados vários anos na volta de “vai-vem”, Carol passou a viver com o marido com quem está casada há seis anos e foi morar para Vendas Novas, onde viveu durante quatro anos e teve uma filha. Atualmente está grávida pela segunda vez. No que toca à sua formação escolar diz que:

Foquei-me muito na licenciatura, tirei a formação de formadores, ah::: mas não, nunca tirei outro tipo de curso ou formação mais especializada, porque entretanto quando

acabei, comecei a trabalhar na área e não tive grande necessidade também de ter mais formação nessa, nessa área.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Avalia o seu percurso com altos e baixos, mas pensa que os outros o avaliam “bem”. Diz que sente que os pais estão orgulhosos dela, principalmente porque o seu foco nunca foi estudar, nem ter uma licenciatura, então muito do seu percurso foi feito a pensar nos pais, embora atualmente não trabalhe na área da animação sociocultural, na qual tirou o curso. Após o fim do seu percurso académico, participou no projeto TEIP³, um projeto financiado, durante quatro anos. Ao fim desse tempo o projeto acabou e Carol ficou sem emprego. Mas, “não baixou os braços”, diz não conseguir ficar parada muito tempo e aventurou-se na área da estética. Voltou para casa dos pais e foi para Badajoz tirar um curso enquanto estava no desemprego. Desde então, a área da estética tem vindo a ser a sua maior fonte de rendimento. Conta que:

Trabalhei na área da depilação a laser por mais, à volta de, por mais de quatro anos.

Foi uma experiência boa, muito diferente daquela que eu estava habituada, porque tinha que fazer muitos quilómetros, tinha que andar sempre de um lado para o outro, ah::: mas pronto, deu-me para, deu para perceber um bocadinho o que é que eu realmente queria. Quando engravidei, tive que abandonar esse trabalho, por falta mesmo de disponibilidade, porque não conseguia estar semanas fora de casa com uma bebé pequena.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Foi desta forma que Carol viu mais um capítulo da sua vida encerrado. Depois de 14 meses em casa com a sua filha, sem trabalhar e a viver longe dos pais, Carol voltou ao

³ O Programa TEIP (Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) é uma iniciativa governamental implementada em escolas localizadas em territórios económica e socialmente desfavorecidos e tem como objetivos a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos.

trabalho. Desta vez numa fábrica de peças automóveis, que diz não ter sido uma boa experiência. Apesar de ainda lá ter trabalhado durante um ano, considera que:

Mas pronto, não é mesmo, de todo uma área que eu gostei ou um trabalho que eu gostei, não. Foi uma coisa que tinha de ser, porque precisava de trabalhar e surgiu essa oportunidade, mas não gostei, não gosto, não, não foi mesmo uma fase boa, nem bonita da minha vida.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Entretanto, surgiu ao marido uma proposta de emprego em Barbacena, na terra natal de Carol. Carol “não pensou duas vezes” e despediu-se da fábrica de peças automóveis. Anteriormente, quando vivia fora e visitava a família na terra natal, Carol aproveitava para fazer uns biscates na área da estética, então com a mudança “juntou-se o útil ao agradável” e abriu um gabinete de estética no salão de cabeleireiro da mãe. Desde então tem feito também formação complementar na área.

Pronto, então eu trabalho em Barbacena. Tenho o meu gabinete de estética, juntamente com a minha mãe que é cabeleireira. Somos as únicas duas profissionais, ela enquanto cabeleireira, eu enquanto esteticista.

Entretanto, também já tirei mais formações na área da estética, coisa que ainda não tinha na altura quando tirei o curso, não tinha formação das unhas, o laser que foi a outra vertente da estética também me beneficiou bastante para conseguir ter esse serviço. Ah::: e pronto, tenho vindo a alargar mais nessa área.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Carol diz não ter sido influenciada por ninguém, mas ter sido influenciada pelas circunstâncias, sentiu necessidade de se juntar à mãe e o facto de ter formação na área foi “empurrão” que precisou.

Portanto, influenciada não, mas tudo influenciou, não é? O facto de não haver trabalho na minha área de licenciatura, o facto de ter a facilidade e a possibilidade de me juntar com a minha mãe e de trabalharmos em conjunto, não é? E foi tudo isso que facilitou a minha entrada nesta área.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Em comparação a experiências anteriores, Carol diz estar muito grata por esta oportunidade, que o destino “a trouxe até aqui” e que comparando com a sua área de licenciatura gosta muito mais daquilo que faz hoje em dia. Quanto às relações no seio do trabalho diz não haver qualquer competitividade e que existe uma pequena parte profissional, pois apesar de ela tratar da parte estética e a mãe da parte do cabeleireiro,

[...] claro que eu aprendo muito com ela, até porque ela tem muitos mais anos de experiência do que eu, e claro que vou sempre todos os dias aprendendo com ela.

(Carol, 35 anos, esteticista)

Considera o facto de não existir distância, nem separação da família a maior vantagem de trabalhar com a sua mãe. Diz que não se quebram laços criados ao longo dos anos e que dá valor a estar sempre próxima da mãe e a lutarem juntas pela evolução do negócio. No que toca a pontos fracos, considera que o meio envolvente é o principal, isto é, estar numa aldeia pequena e não conseguir evoluir tanto como gostaria.

Quando questionada sobre a comparação de trabalhar num negócio de família e noutro negócio, enfatiza a mais valia de uma relação pessoal, à exclusiva/profissional:

Acho que, que o ponto fraco ou a parte mais negativa desses negócios é mesmo essa, é mesmo não se conseguir chegar à parte pessoal de cada um, não é? Enquanto que aqui, trabalhando as duas e tendo, estando no mesmo negócio e sendo família, temos uma relação profissional, mas principalmente pessoal, não é? [...] E enquanto que se for

uma relação estritamente profissional, a meu ver que dou relação às relações pessoais, há um afastamento muito maior e uma compreensão muito mais pequena.

(Carol, 35 anos, esteticista)

No futuro, espera conseguir levar o negócio da mãe à vante e abrir um espaço maior, noutra local. Não querendo acabar com o negócio da mãe, diz que a mãe talvez “fique por ali”, porque não vai trabalhar muitos mais anos; já ela “tem de continuar”. Em relação ao futuro, o brilho nos seus olhos⁴ não deixa dúvidas ao falar da sua filha e do meio em que trabalha,

A Madalena é menina, portanto toda esta área a fascina, não é? Mas tem cinco anos, portanto ainda que ela diga que vai ser cabeleireira como a avó ou que vai fazer unhas como a mãe [risos], daqui para a frente é que se vai ver mas, até pode acontecer como aconteceu comigo. Seguir outro caminho e no fundo depois de tanta curvinha...

(Carol, 35 anos, esteticista)

Como se verifica, não só os negócios de empreendedores dependem de fatores *pull* ou *push* como dizem Vicenzi e Bulgacov (2013). No caso de Carol, o seu retorno à terra natal e a inserção no negócio da mãe foi determinado sobretudo fatores *pull*, isto é, a falta de opção e de alternativa, fatores negativos que afastaram Carol de uma situação anterior. Neste caso, os pais de Carol tiveram um papel crucial e a influência familiar foi o principal aspeto que aqui pode ser encontrado, pois não só se verifica que os pais de Carol a receberam de volta e ajudaram nessa fase da vida em que ela já estava fora de casa, já tinha o seu agregado e a sua “vida feita”, como também o facto de Carol seguir o marido e apoiá-lo no seu trabalho, mesmo sem ter planos para ela. Em todo este percurso a família foi o seu “porto de abrigo”.

Marco [E03] viveu em Beja até ao seu sétimo ano e diz que a família se mudou para Elvas porque o seu pai tinha o objetivo de trabalhar com o seu avô e recuperar o

⁴ Nota de campo em entrevista realizada a 25/04/2021

negócio da família. Tem cinco irmãos, três raparigas e dois rapazes e o seu agregado durante a sua adolescência era composto por ele, os seus pais, irmãos e avós.

Apesar de ter uma vida pacata e viver no campo, o pai com o sexto ano e trabalhador rural, e a mãe doméstica contando com o nono ano, sempre lutaram para um futuro e uma vida melhor para os seus filhos. Marco decidiu “seguir o bichinho” que tinha dentro dele e perseguir o sonho de trabalhar com o pai e o avô:

[...] os meus pais sempre me falaram muito em... em estudar e a aplicar-me na escola, para poder ter uma vida melhor. Ah... eu não, eu não, eu não segui esse caminho, mas as minhas irmãs ouviram os meus pais e... e tiraram as três licenciaturas. Um dos meus irmãos foi para a tropa, e o meu outro irmão ficou como eu.

(Marco, 25 anos, trabalhador rural)

Contudo, a vida “trocou-lhe as voltas” e passou por grandes mudanças familiares, como a morte do seu pai [aos 64 anos] e da sua avó, e a saída dos seus irmãos de casa. Outrora tinha uma casa cheia, de momento apenas vive com uma irmã, a mãe e o avô. Marco conta com o décimo segundo ano num curso profissional de Técnico de produção Agro-pecuária, e diz ter tido uns “contratempos” pelo seu percurso, pois não gostava de estudar, era uma coisa que não se via a fazer a longo prazo.

[...] a minha mãe e o meu pai, quando o meu pai era vivo... diziam que devia ter estudado mais, para ter uma vida melhor. E que, que me queriam uma vida diferente da deles. Mas, mas eu sempre quis isto. Eu quis esta vida assim, e trabalhar com o meu avô e o meu pai.

(Marco, 25 anos, trabalhador rural)

Em relação ao seu percurso profissional, diz que o trabalho sempre foi aquele, porque era o seu interesse e nunca deu oportunidades a outras coisas. O seu dia de trabalho

típico passa por cuidar do monte e do gado, juntamente com o avô que é “quem manda”, e outros três funcionários, que diz “ver como família”. Para Marco o trabalho é:

[...] no fundo é lidar com a minha família todos os dias para organizarmos tudo isto.

(Marco, 25 anos, trabalhador rural)

Contudo, trabalhar com a família “tem os seus pontos fortes e os seus pontos fracos”. Apesar de estar junto da sua família e de pessoas que lhe são próximas, Marco vê como principal desvantagem o tempo que precisa de dedicar ao negócio; diz que apesar de não ser despedido e de ter uma maior margem para errar e isso serem vantagens,

[pontos] fracos são o facto de não ter férias, não é? Porque isto é um trabalho que acontece ao longo de todo o ano. Pronto, o trabalho é todos os anos basicamente até ao Natal, até à passagem de ano. Ter ali duas ou três ocasiões de maior descanso. Mas... mas é isso, não é? É muita responsabilidade, e uma coisa que ocupa o dia todo. É estar 24 horas disponível.

(Marco, 25 anos, trabalhador rural)

Em relação ao futuro, Marco espera que o negócio cresça e espera ajudar sempre a família, mas também, construir a sua própria família.

[...] quero começar a criar uma família daqui a alguns anos e... e pronto. Para a seguir juntar um bocado as coisas. Gostava que os meus filhos, ou se assim poder ser, pegassem no negócio e lhe dessem continuidade.

(Marco, 25 anos, trabalhador rural)

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, é possível verificar que ambos os entrevistados desta tipologia têm um historial de empreendedorismo na família, e que

esse fator pode ter sido uma influência direta na sua própria trajetória. Em relação à família, nesta tipologia também não se verifica pressão, mas sim, um papel de apoio. Este apoio verifica-se por verem que o indivíduo tem gosto pela área, que o negócio tem interesse ou pelo facto de servirem de alicerce num período menos bom da vida do indivíduo. Desta forma, a família ajuda a compreender o percurso dos jovens através do apoio, da ajuda e do incentivo que lhes proporcionam.

3.2 Jovens empreendedores

3.2.1 Contra o risco e contra a família

No total dos 11 entrevistados, três dão corpo a esta categoria. São jovens que contra tudo e todos arriscam e criam o seu próprio negócio. A entrevista E06 e E09 foram selecionadas como as mais representativas desta categoria, sendo que os pseudónimos atribuídos são Rafael e Cátia, respetivamente.

Rafael [E06] nasceu em Elvas e ali viveu desde sempre com os seus pais e avós. Os seus pais desejavam que ele conseguisse um emprego numa empresa estável, contudo a sua formação académica trouxe-lhe a oportunidade de fundar o seu próprio negócio. Através do projeto final do seu curso, pensou e planeou uma empresa na área agrícola, que hoje através de uma bolsa de terras a que concorreu ganhou 36 hectares e sustenta 17 funcionários, sendo que o projeto foi também já alargado para a área do comércio.

Rafael começa por referir ter vivido sempre no mesmo sítio, e que o seu agregado familiar até ir para a universidade eram os pais e os avós, assim como a sua fonte de rendimento. Nesse tempo, o que os pais tinham “definido” para ele era uma licenciatura, uma vida melhor que a que eles tiveram, pois apesar de ambos terem o décimo segundo ano, a mãe ainda se mantém como doméstica e o pai está reformado. Tudo o que queriam era que,

[...] que tivesse um bom emprego, basicamente. Queriam que eu, que eu empregasse numa empresa boa. E pronto, e... tivesse, e tivesse um emprego estável, por assim dizer.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Após a conclusão dos estudos, Rafael não se viu obrigado a voltar a Elvas, mas quis fazê-lo, não por pensar numa possibilidade de emprego ou por um nível de vida melhor junto dos seus pais, diz que:

[...] deveu-se ao facto de ter grandes laços aqui em Elvas, e ser aquela, ser aquela sensação que é a nossa cidade, e não queremos voltar as costas a ela.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Atualmente reside com a sua namorada, não tem filhos e diz que não é casado porque o Covid-19 não o permite. No que toca ao seu percurso escolar, tem uma licenciatura em Gestão pela Universidade de Évora e classifica o seu percurso escolar como “muito bom”, tão bom que daí nasceu o que faz hoje. Fundou o seu próprio negócio, através do seu projeto de licenciatura e hoje pode considerar que é um sucesso:

É assim eu candidatei-me a uma bolsa de terras. (...) Que existia na altura. Que foi o Estado que criou essa bolsa de terras, devido à dificuldade que havia em encontrar terras. O Estado o que é que fez? Juntou todas as propriedades que o Estado tinha, e colocou-as numa bolsa. E essa bolsa, depois, depois aquilo foi um concurso em que eu me candidatei, e consegui ganhar, consegui ali na bolsa trinta e seis hectares de terreno. [...] a partir daí, fiz o meu projeto, que consistia basicamente em hortícolas para indústria.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Depois de realizar um investimento de duzentos mil euros e de as coisas não começarem da melhor maneira, começou por alargar o projeto e seguir outro caminho na área agrícola, onde realizava prestações de serviço agrícolas, como plantações de olivais, plantações de amendoal, acompanhamento técnico. Nesse ponto sentiu uma melhoria no seu negócio, mas sempre com olhos postos no futuro. Rafael teve o cuidado de me explicar que atualmente os produtos agrícolas têm um valor baixo no mercado e que a parte do comércio sempre fez parte do seu plano, então, de modo a escoar a produção e a vender diretamente ao consumidor consegue vender o produto com mais valor.

No que toca às suas funções diz que:

faço desde, faço trabalho financeiro, faço trabalho comercial, faço trabalho de recursos humanos [...] Ou seja, e tapo os buracos que há, pronto.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Quanto aos relacionamentos no trabalho, diz contar até à data com dezassete funcionários, sem familiares envolvidos, e que:

Uma das coisas que eu aprendi, aprendi no curso, nomeadamente numa cadeira de recursos humanos. É que... nós enquanto gestores, devemos... devemos coiso, devemos liderar a equipa e não chefiar a equipa. [...] E a maneira como eu, como eu resolvo essa situação, a maneira mais fácil de, de motivar o pessoal, é... eu lido com o meu pessoal como se eles fossem a minha família. [...] Ou seja, eles para mim são... Não são funcionários, são familiares que eu tenho, em que eles trabalham para mim, mas eu também trabalho para eles. Vá, basicamente. Estou aqui para o que eles precisarem.

(Rafael, 26 anos, empresário)

No que toca ao projeto, diz não ter sido influenciado por ninguém, diz que este era o seu sonho e que viu no projeto de curso uma oportunidade para trabalhar nele “à seria” e avançar. Para além da bolsa de terras concorreu também ao PDR 2020⁵, e diz que tudo o que fez veio derivado da experiência que tem, uma vez que a sua família sempre esteve ligada à área agrícola, mas que nunca teve formação na área.

Comparando o seu negócio com outros, diz que:

É assim. Quando as coisas estão a correr bem... dá gosto de ter seguido o meu sonho. [...] Ah... quando as coisas estão a correr mal, [risos]. Aí a gente às vezes, começo a pensar “será que fiz bem em ter seguido este projeto?” Ou se tivesse aceitado as oportunidades que tive...

(Rafael, 26 anos, empresário)

⁵ O PDR 2020 é um Programa de Desenvolvimento Rural de Portugal que procura apoiar as atividades do setor rural e visa o crescimento sustentável do sector agroflorestal em todo o território nacional.

Quando questionado sobre qual a posição da família em relação ao seu negócio, confessa que não teve o apoio que desejava por parte dos pais e que “foi muito complicado”. Segundo diz, os pais tinham muito receio.

Como te disse há um bocado, os meus pais queriam que eu, que eu seguisse um emprego estável, estás a ver? Que eu, ou seja, que eu tive duas ofertas, uma para a [empresa] Delta ... E outra para uma empresa que está em Angola. Ah::: e eles preferiam que eu tivesse aceiteado uma dessas propostas do que ter seguido o meu projeto.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Apesar de tudo, Rafael afirma estar “feliz com o seu negócio”. Diz sentir a liberdade de seguir o que quer e de trabalhar de uma maneira própria, fazer o que acha correto sem ninguém o contrariar. Em contraste, diz que vê as horas e o salário como uma desvantagem, pois:

Nunca, nós nunca sabemos qual é o nosso salário. Não é como aquelas pessoas, não é como as outras pessoas que chegam ao dia trinta ou dia trinta e um, têm lá o ordenado, sabem que têm lá mil euros ou setecentos. E tu, e tu fazes a tua vida com base, nesse valor. Enquanto empresário, podes ter mais, podes ter menos. Podes estar a perder dinheiro, nunca se sabe.

(Rafael, 26 anos, empresário)

Em relação aos negócios de família, diz ter vários pontos de vista, mas que acha por bem as pessoas seguirem sempre esses negócios e dar continuidade. Porém,

[...] também às vezes costuma ser mau porque é assim, depois nós queremos evoluir e quem está acima de nós, como os nossos pais, ou uns tios ou uns avós, ah::: depois podem nos limitar um bocadinho, estás a ver?

(Rafael, 26 anos, empresário)

Rafael, diz falar por experiência própria ao dizer que no seu dia-a-dia, trabalha com muitas empresas familiares e que essas empresas sofrem de problemas hierárquicos, pois os mais velhos estão habituados a uma certa “maneira tradicional” e “não deixam evoluir”; há muito “o estigma” dos mais novos quererem implementar novos métodos e novas maneiras, mais atuais, mas,

[...] a pessoa que está em cima hierarquicamente, ou o pai ou o avô, não deixa evoluir a empresa com ideias da pessoa que está abaixo, porque acham que “Ah, és novo. Não percebes disto. Andas cá há pouco tempo”, e acabam por não deixar a empresa seguir as ideias dos novos, estás a perceber?

(Rafael, 26 anos, empresário)

Em relação ao futuro, Rafael diz ter objetivos a longo prazo, mas que atualmente ainda é “um bebé” no ramo. Diz ter muito para trabalhar e alcançar no futuro. No que toca a gerações futuras e à transmissão do negócio, diz:

[...] acho que é o, o sonho de toda a gente é que uma pessoa quando começa um negócio fazes o a pensar nas gerações futuras, e acho que era uma grande tristeza as nossas gerações não seguirem as nossas pisadas.

(Rafael, 26 anos, empresário)

As motivações pessoais que levaram Rafael a abrir o seu negócio, para além do sonho, foi a oportunidade (fatores *push*). No que toca à posição da família no caso de Rafael, ele não recebeu o apoio que desejava e necessitava, contudo pode ter sido influenciado pela família devido ao facto de estes terem estado sempre em contacto com o ramo. Outro aspeto relevante é que Rafael não tem um historial de empreendedorismo na família, uma vez que a literatura diz que os indivíduos têm maior espírito empreendedor, quando na família já existe algum caso empreendedor. (Falter, 2007; Laspita et al., 2012). Este facto talvez ajude a explicar o receio dos pais quanto ao seu negócio e investimento.

Ao contrário de Rafael, o negócio de Cátia [E09] surgiu por “necessidade”. Cátia tem 25 anos e diz ter crescido na altura das “vacas gordas”. Os seus pais sempre se esforçaram para lhe mostrar o valor do trabalho, chegando a ter mais que um trabalho ao mesmo tempo.

A minha mãe tinha três trabalhos e o meu pai tinha dois. Conseguia conciliar sempre modos de investimento dele com o trabalho fixo dele. Tivemos um restaurante, faliu. Mas sempre trabalharam muito e sempre tive muito tempo em casa sozinha porque eles trabalhavam mesmo de sol a sol.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Sendo uns pais que sempre trabalharam muito para dar a Cátia e à irmã tudo o que precisavam, o seu pai, técnico de máquina de imperial, com o sexto ano, e a mãe com o nono ano, auxiliar de ação médica no bloco operatório, nunca viram no desporto “um futuro” para a sua filha. Como refere:

Ah... na verdade eles nunca quiseram que eu fosse para desporto. Sempre foi uma grande guerra em casa o facto de eu ter ido para desporto, porque nunca foi bem visto, nunca foi uma profissão fixa, nem estável. Para a minha mãe eu devia ter sempre ido para saúde ou uma coisa assim parecida, para a função pública que aí é que está a estabilidade, segundo ela, o que eu não acho que seja.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Ao longo da sua adolescência, os momentos que mais a marcaram foi ver os seus pais trabalharem tanto, o que a fazer crescer com determinados valores, o falecimento do seu pai quando tinha 17 anos, e quando foi para Roma em Erasmus. Diz que ter passado pela experiência de viver sozinha e no exterior lhe abriu muito os horizontes:

Abriu-me mais o facto, o sentido de termos que lutar por aquilo que queremos, e acho que os meus pais também sempre me inculcaram isso. Desde pequena que o meu pai, quando tínhamos o restaurante, ele dizia-me “ajudas-me e eu carrego-te o telemóvel”, ou seja, eu levantava-me às seis da manhã para servir pequenos-almoços e no final do dia ele carregava-me o telemóvel na altura com cinco euros, e eu ficava toda feliz, mas acabava por fazer isso o resto do mês porque não custava, eles inculcavam isso, o trabalhar para ganharmos aquilo que queremos.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Durante a entrevista Cátia revelou nunca ter trabalhado em época de aulas, pois “aprendeu com a má experiência” da sua irmã, contudo, e ao contrário de muitos jovens, não via o verão como férias e descanso, mas como sinónimo de trabalho e oportunidades:

[...] decidi tirar o curso de nadador-salvador, trabalhar o verão todo para ter esse dinheiro. E quando estava na praia a trabalhar, surgiu a oportunidade de trabalhar também num café. Ou seja, eu trabalhava, abria o café antes de ir para a praia, ia para a praia, vinha da praia e ainda fechava o café. E, eu acho que isso me deu uma boa alavanca para saber o que é que era a vida, e o que custava a ganhar.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Em relação ao negócio, a entrevistada nunca teve a intenção de voltar para Elvas depois de acabar a licenciatura. Pretendia sim ter muitas experiências e ter uma bagagem muito grande, para não ser apenas “mais uma” e conseguir sobressair em relação a outras pessoas da área. Terminada a licenciatura em desporto, condição física e saúde em Rio Maior, aí continuou a trabalhar num ginásio, procurando sempre mais trabalhos na área para poder diversificar a sua experiência. Mas a pandemia trocou-lhe as voltas:

[...] o meu objetivo não era vir [para Elvas]. Eu vim mesmo porque, não fui obrigada mas achei que, quando se ganha a autonomia tu depois não queres voltar a estar dependente de alguém.

Eu não queria vir por uma questão de profissionalismo e gostava muito de onde estava a trabalhar, e das pessoas. Mas eu não queria voltar a ser dependente da minha mãe ou de quem quer que fosse, e para ficar lá tinha que tomar essa decisão. Porque eu já não tinha como sustentar-me lá, eu já não tinha como pagar a casa, não tinha como alimentar-me, porque perdi totalmente os rendimentos todos, e então olha.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Explicando em que consiste o seu negócio e em como começou, Cátia diz que começou por dar aulas gratuitas na rua, juntava grupos de amigos e que a publicidade *online* ajudou a juntar cada vez mais pessoas. Contudo, após o verão, as pessoas voltam às suas rotinas, e ela não deixou de sentir esse impacto.

Mas depois do verão ouve uma quebra grande, porque maior parte das pessoas era universitária ou porque tinham outros desportos. Então acabei por me dedicar mais à parte do PT⁶, treinos personalizados, só uma pessoa ou duas, e quando veio o inverno a sério, achei que Elvas não tinha um sítio bom para se treinar na rua, mas que fosse resguardado da chuva e do frio. Então decidi alugar um pequeno espaço para que, as pessoas que tivessem a treinar, tivessem as mínimas condições e eu pudesse guardar o material. Não tivesse que andar sempre com o material para trás e para a frente.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Assim, surgiu o estúdio PT que tem hoje em dia. O seu intuito não é apenas oferecer o serviço de treinos, mas também outros serviços que ajudem as pessoas no seu bem-estar físico e psicológico. Além disso, Cátia “vê mais além” e diz querer utilizar o local como espaço de renda, isto é, oferecer a outros profissionais que paguem uma renda um espaço para poderem dar os seus próprios treinos.

No que diz respeito [à influência por parte dos outros] diz ter sido influenciada primeiramente pelos colegas e posteriormente pelo namorado. Em relação à posição da mãe, diz não ter mudado.

⁶ *Personal Trainer* é um profissional da área da Educação Física que elabora um programa de treino individual e personalizado a cada indivíduo, respeitando a individualidade biológica do mesmo.

Agora já... já não há nada a fazer, só se me pagar outra licenciatura que eu não pago de certeza. Mas, existe sempre a história de... para já eu pego muito com ela e estou sempre a brincar com ela porque ela é da função pública. Então é sempre aquela de ou “estão de férias, ou estão a gozar tolerância, ou estão não sei quê, ou estão de folga, os funcionários públicos não trabalham”, o que eu sei que é mentira porque não é bem assim. Mas ela depois está-me sempre a mandar também a boca de “ah, mas queres ser funcionária pública, ires para uma escola é que era”, ou seja, para a minha mãe desporto é só dar aulas de educação física ou trabalhar na camara.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

Quanto às vantagens e desvantagens, diz que ter o seu próprio negócio é diferente e tem muito mais responsabilidade, é necessário ter uma boa gestão e cuidado com o negócio, porque “se não se trabalha não se ganha”, não tem um ordenado fixo e certo no final de cada mês. Por outro lado, diz ter a sua própria autonomia e fazer o que quer e que acha que é melhor sem ter de receber ordens de outros. Comparando com negócios familiares diz que:

Dentro da minha perspetiva, eu acho que a família toda trabalhar no mesmo ramo é um perigo enorme. Porque, ou se zangam, ou dá chatices, ou então se acontecesse algum azar no negócio é um risco enorme para a família.

(Cátia, 25 anos, Personal Trainer)

No que toca ao futuro, Cátia mostra-se um pouco reticente e diz querer que os filhos sigam o que quiserem, já que não é apologista de os pais decidirem o futuro dos filhos.

A análise destes dois casos permite observar que, tal como a literatura diz, os negócios surgem através de necessidades ou oportunidades Vicenzi e Bulgacov (2013). No caso de Rafael, seguiu o negócio através de uma oportunidade, por ser o seu sonho. Mesmo não tendo qualquer historial de empreendedorismo na família, seguiu o que queria e sem o apoio da família. Cátia, apesar de ter um historial de empreendedorismo na

família, abriu o seu negócio por necessidade, mas sem contar com o apoio da mãe. A razão, segundo diz, pode ter a ver com o facto de a mãe trabalhar na função pública e ter “uma vida estável”, o que a faz querer isso também para a filha.

3.2.2. Necessidade e apoio

No que toca aos jovens empreendedores que construíram o seu próprio negócio e tiveram o apoio dos pais, tomo como exemplo a entrevistada E04. A esta entrevistada é atribuído o pseudónimo Amélia.

Amélia tem 26 anos e desde pequena que cresceu envolvida no seio do empreendedorismo, uma vez que os seus avós tinham um café e o seu pai abriu o seu próprio supermercado. Nasceu em Elvas, mas a sua infância, que diz ter sido “muito feliz”, foi passada em Vila Viçosa, perto dos seus avós. Aliás, a razão da sua mudança teve que ver precisamente com os negócios de família. Como refere:

O meu pai foi a nível de negócio, ele é empresário e os meus avós estavam lá e como estavam lá o meu pai decidiu ir para perto deles e também abriu um negócio dele. Os meus avós tinham um café e o meu pai abriu um supermercado.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Em relação à escolaridade dos pais, a entrevistada não mostrou ter certezas, contudo afirmou que a mãe tinha frequentado a quarta classe e o pai ter “mais que isso”. O pai de Amélia é empresário e conta com a mulher como sua colaboradora, Amélia diz nunca “lhe ter faltado nada” e que os pais sempre a ajudaram em tudo o que podiam e não podiam, e que nunca exigiram nada dela enquanto estudante. Reconhece no entanto que, apesar disso, também os pais têm sonhos em relação aos filhos:

E o meu pai, o sonho dele era que algum dos filhos fosse para a universidade, tirasse advocacia, que fosse médico, que fosse assim uma coisa... E então, infelizmente nenhum dos filhos lhe conseguiu dar essa alegria, mas pronto.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Amélia conta ter tido em tempos a ambição de ser educadora de infância ou professora primária, mas não seguiu o caminho dos estudos. Diz nunca ter sido uma aluna de excelência e sempre ter sido direta com os seus pais, chegando a dizer-lhes que não ia para a universidade porque não era o que queria fazer e que não queria gastar o dinheiro dos pais. Ao invés disso, seguiu o seu caminho e diz:

[...] segui a veia do meu pai de empreendedora.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Apesar de ficar pelo décimo segundo ano e de mais tarde ter criado o seu próprio negócio, Amélia passou por vários trabalhos e experiências, “amores e amarguras” foram constantes ao longo do seu percurso:

[...] eu comecei através de estágio na câmara, depois acabei por acabar o ano de estágio e ainda tinha direito a desemprego. Quando terminei o desemprego, tive dois, quatro meses no desemprego, tive a usufrui do desemprego à mesma pela camara e depois entrei em recibos verdes. Tive dois anos e meio, três anos a recibos verdes, sempre a trabalhar... sempre a trabalhar não. No primeiro estágio eu andei a fazer de tudo na camara. Desde limpezas de piscinas, pinturas, organização de dossiês, andei a trabalhar na rua, andei a pintar, andei a lavar casas de banho cheias de porcaria, eu andei a fazer de tudo, mesmo assim.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Após estas experiências, Amélia foi colocada para trabalhar como funcionária numa escola e “não podia estar mais feliz”, pois fazia o que mais desejava, trabalhar com crianças. Contudo, no final de um ano de contrato através da câmara, por “recibos verdes”, o contrato não lhe foi renovado e o modo como a entrevistada conta esta etapa da sua vida, deixa perceber como realmente a marcou:

[...] foi um choque para mim porque era, era uma área que me sentia muito confortável a trabalhar, e era aquilo que eu gostava de fazer, e estarem-me a tirar aquilo que eu mais gostava de fazer custou-me. Foi, os tempos a seguir foram muito difíceis, eu por mais que... eu sabia que precisava de trabalhar e que, que tinha que trabalhar, eu não era capaz.

[...] estava a tentar aceitar, aceitar o que me tinham feito. Porque eu não sabia o porquê. E como eu não sabia o porque estava a entrar em tipo modo, não estava, pronto já estava a flipar demais e não estava a conseguir, ah... não estava a conseguir... seguir com a minha vida e seguir com... com outros projetos ou o que fosse.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Após esta fase “menos boa” da sua vida e com o apoio dos seus pais, Amélia seguiu em frente. Arriscou primeiramente na área da estética e tirou uma formação em “unhas de gel”, que diz ter feito mais para desanuviar e se sentir ocupada. Entretanto surgiu a oportunidade e trabalhou nove meses para o seu pai, através de um estágio. Foi aí que o seu namorado começou a falar em vender roupa *online* e que seria uma boa ideia tentarem. Após várias conversas e após a época do Natal, Amélia sentiu que “não tinha nada a perder” e arriscou.

Chegámos ao norte, comprámos o que podíamos com cento e sessenta euros. Chegámos ao hotel, começámos, eu estava doente, super doente, estava constipadíssima, já com o cabelo todo amarrado, de pijama, e o Rui “vamos já fotografar isto e vamos já criar página”. Portanto no dia nove de janeiro nós coletámo-nos e no dia dez foi quando fomos para o norte, comprámos as coisas e no dia dez, estávamos a publicar.

(...) começámos a fazer publicações, começamos a fazer isso tudo, olha, quando chegámos cá abaixo [Elvas] já tínhamos tudo vendido.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Apesar de à primeira impressão o negócio ter corrido bem, Amélia não queria apenas “despachar” as roupas que tinha, ela queria “marcar pela diferença”. Foi assim que surgiu a ideia de fazer desfiles. Começaram por fazer um desfile numa pequena aldeia, entretanto percorreram outros locais e acabaram por fazer também o desfile da “miss Portugal da zona do Alentejo”. Mas mais uma vez viu “as suas voltas serem trocadas” com a chegada da pandemia os desfiles tiveram de terminar. Porém, nem por isso o negócio abrandou:

[...] nós começámos a crescer de tal forma online e como nós já estávamos a fazer, já não tínhamos espaço para ter a roupa, porque o investimento cada vez era maior, o leque de clientes era maior, e como nós já não conseguíamos ter espaço de onde ter a roupa, decidimos então... pensar, em abrir uma loja física.

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Desde o início da pandemia até à data da entrevista, a loja se mantém ativa, assim como o negócio, e Amélia já conta com uma marca registada. Embora trabalhe sozinha olhando para trás, para todos “os amores e dissabores” no mundo laboral diz:

[...] em termos de profissional estou muito, estou, estou completa. Gosto de fazer, gosto daquilo que estou a fazer...

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Apesar de ter passado por uma “fase má”, sentiu muito a influência e motivação por parte do namorado para arriscar e abrir o seu próprio negócio, contando igualmente com o apoio dos pais, que lhe deram força e sempre estiveram presentes:

[...] *eu fui logo muito clara, muito... muito direta com os meus pais. Disse “olha vou fazer isto, assim, assim”. O meu pai estando no meio em que está, e... e sendo calculista em certas coisas. Sempre me deram apoio, nunca me disseram assim “não vás, não faças. Vai, faz. O que tiver que ser será. Pode correr bem, pode correr mal. Mas isso, tudo é um risco, tudo é um risco na vida”.*

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Tendo contacto com o empreendedorismo desde cedo, e tendo trabalhado no negócio do pai, Amélia diz estar muito feliz com o seu próprio negócio, não deseja “trocar por nada”. O único ponto negativo que encontra é o facto de ser “muito mais cansativo trabalhar por conta própria” e “não ter horários”, contudo, diz que não há nada melhor do que trabalhar para ela própria. Quando questionada acerca de como vê os negócios familiares em comparação com outros negócios, diz não ver grande diferença, talvez por ter tido sempre o maior apoio dos seus pais.

[...] *mesmo não estando a trabalhar para o meu pai sempre o auxiliiei muito, mas lá está, em termos de comparação não... é igual, sei lá. Porque não... não vejo assim diferenças. O meu pai trabalha para ele, apesar de ter a minha mãe como empregada e de já me ter tido a mim, não é? Mas... lá está, estamos a trabalhar em família... em termos disso, a gente não... não choca muito.*

(Amélia, 26 anos, comerciante)

Em relação ao futuro, Amélia diz não querer ficar por Elvas e conseguir “estender o leque de lojas”. Acrescenta que um dia gostava de ver outras gerações integradas no projeto que ela própria começou, pois considera que “o vender já corre no sangue da família”.

Gostava, gostava que passasse de geração em geração. No entanto... no caso de se eu agora se tivesse um filho, nunca iria obrigar o meu filho a seguir aquilo que eu tenho. Hum... Não ia obrigar, acho que cada um tem que seguir aquilo que realmente gosta. Eu lá está, foi o que aconteceu comigo, calhou eu abrir um negócio, não é? E o meu pai

também ter um, acho que também está um bocadinho no sangue, o vender. O vender acho que também está um bocadinho no sangue.

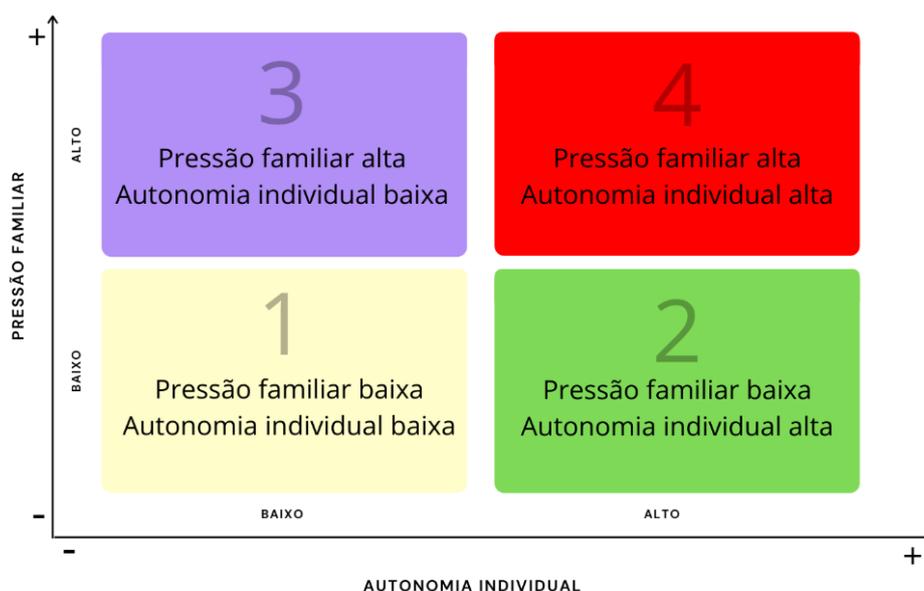
(Amélia, 26 anos, comerciante)

Conclui-se que o apoio da família e que o facto de estar em contacto com o empreendedorismo desde nova foram condicionantes muito importantes para Amélia arriscar e criar o seu próprio negócio e, conseqüentemente, abandonar uma “fase má” da sua vida.

3.3. Negócios de família e jovens empreendedores “que ficam”: as raízes e as asas

Com base no que foi exposto, verifica-se que a relação entre família e empreendedorismo pode organizar-se em quatro grandes categorias. Por um lado, temos os jovens que vêm na continuidade, aqueles que são os herdeiros em formação e um dia vão herdar o negócio. Seguem-se os jovens que se afirmam de novo com o apoio da família, isto é, por uma questão de necessidade ou por a família perceber que o indivíduo tem “jeito” para o negócio. São indivíduos que integram o negócio e têm ao seu lado a família. Por outro lado, e em relação ao empreendedorismo, podemos identificar os jovens que criam o seu próprio negócio contra a vontade da família, pois estas receiam a instabilidade do mercado e gostariam que os filhos, tal como eles, tivessem uma vida estável, com um ordenado garantido. Por fim, os chamados jovens empreendedores que criam o seu próprio negócio, têm a sua autonomia e contam com o apoio dos pais, que incentivam os filhos a correr atrás da própria felicidade.

A matriz que se apresenta em baixo relaciona a autonomia individual dos jovens, com a pressão familiar que os mesmos possam sentir na prossecução/criação de um negócio (figura 10).



Fonte: Elaboração própria

Figura 10 - Matriz pressão familiar/autonomia individual

Tendo em conta a análise desenvolvida sobre os dados recolhidos é possível dizer que os jovens que participam dos negócios de família pertencem à quadrante número dois, isto é, são jovens que têm o apoio dos pais e não sofrem pressão por parte dos mesmos, ao mesmo tempo que têm a sua própria autonomia, sendo que a justificação para participarem do negócio familiar está no facto de assim o entenderem e gostarem do que fazem. Estes jovens parecem contrariar a teoria de Borges (2012), que diz que a participação de membros de diferentes gerações da família aumenta a possibilidade de fecho das empresas. Podemos olhar para o caso de Glória e Gabriel que entraram no negócio da família e além de sentirem uma segurança que não sentiam noutros empregos, veem o seu trabalho dar frutos e as empresas crescerem mais a cada dia.

Em relação ao campo dos empreendedores, é possível verificar que os jovens empreendedores que criam o próprio negócio sem o apoio da família se encaixam na quadrante número quatro, pois apesar de estarem a fazer o que querem no momento, os pais fizeram pressão sobre os mesmos para seguirem outro destino, como trabalharem por conta de outrem, ou seguir outra área no mercado de trabalho, pois queriam para os filhos uma estabilidade diferente que aquela que o empreendedorismo lhes pode, no seu entender, proporcionar. Nesta situação, embora os pais não apoiem os filhos na criação

do seu próprio negócio, eles próprios podem ter influência na escolha dos filhos. Sarkar (2007) refere que apesar de o empreendedor ter certas características pessoais, a educação e a cultura de um indivíduo são fatores de peso na decisão de ser ou não empreendedor, assim, os indivíduos são influenciados pela cultura da sociedade, mas também por influências e antecedentes, isto acontece nos casos de Rafael e Cátia, que criaram o seu próprio negócio, sem o apoio dos pais. Contudo, é o que os faz feliz e é o seu sustento.

Neste campo ainda é possível identificar que empreendedores que recebem o apoio da família no início do negócio pertencem à quadrante número dois. Por norma, estes empreendedores recebem o apoio da família, pois são indivíduos que crescem perto do empreendedorismo, uma vez que alguém na família já seguia o ramo anteriormente.

A influência familiar é o principal fator interpessoal da decisão de os indivíduos se tornarem empreendedores ou não, pois indivíduos que cresçam perto de pessoas com experiência de fundações de atividades empreendedoras são mais propensas a criar um negócio ou empresa. Este processo pode acontecer através da herança de um negócio ou de recursos que a família pode oferecer, sejam valores, conhecimentos, ou aprendizagens adquiridas através dos antecessores. Como Heck et al. (2008) advogam, o empreendedorismo familiar tem como base a criação de novos negócios e a atuação do empreendedorismo em negócios já existentes. No caso de Carol e Amélia verificamos isso mesmo. O papel da família é valorizado nestas duas situações, pois Carol representa no negócio o investimento e fomento de novas práticas/ações inovadoras (Heck et al., 2008), enquanto Amélia representa o papel que a família teve na criação do seu negócio, mais propriamente, a disponibilização e fomento de recursos para a abertura do seu negócio (Steier, 2007).

Com base nestas observações e ao encontro da literatura consultada, podemos concluir que a introdução de uma nova geração no negócio parece ser sinónimo de novas ideias, processos e produtos. Litz e Kleysen (2001) consideram a inovação nas empresas familiares um fator importante de evolução de vantagens competitivas, e que a relação entre os membros da família é essencial para o bem-estar da empresa, pois possibilita através da relação dos mesmos, uma colaboração que os leva a resultados inovadores.

Através da análise das entrevistas, sob a orientação da literatura, é possível também concluir que o desemprego jovem é uma realidade que afeta muitos indivíduos, independentemente do seu grau académico, e que a realidade vivida há anos atrás, pelos

pais/avós dos indivíduos, não é a realidade que se vive atualmente. A criação ou manutenção de um negócio onde a família desempenha papel importante é em alguns casos a solução para esse labirinto.

A entrada na vida adulta é feita cada vez mais tarde, consequência do aumento do tempo dos estudos, das dificuldades de inserção na vida profissional e da dependência económica. A família continua a ter uma importância essencial na vida dos jovens, desta forma, assiste-se a uma reconfiguração e transformação dos modelos familiares, pois os jovens sentem-se obrigados a experienciar períodos de dependência e independência em relação aos pais, ainda presando a sua liberdade e individualização em contraste com a responsabilidade (Guerreiro & Abrantes, 2007). De acordo com Aboim (2011), sair de casa dos pais nem sempre representa o fim da escolaridade ou um casamento. A difícil inserção no mercado de trabalho e a falta de apoios sociais no acesso à independência residencial levam uma grande parte dos jovens a prolongar a sua estadia em casa dos pais, adiando assim a realização de projetos familiares privados (Aboim, 2011 *apud* Santos, p.38).

É sabido que a família constitui um dos principais agentes de socialização, e é considerada o primeiro filtro da vida social. Assim como é uma das instituições mais importantes na fase de formação do indivíduo com grande área de influência, que deriva do contributo da aprendizagem da socialização primária, contudo, a família enquanto grupo de convivência comumente altera-se em distintos aspetos ao longo do tempo, identicamente o seu papel na vida de cada um dos seus integrantes modifica-se conforme o seu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual.

Deste modo, desde cedo que o indivíduo é influenciado pela família em várias etapas da sua vida, no que concerne ao empreendedorismo, não é diferente, pois, Bohnenberger, Schmidt e Freitas comprovaram nos seus estudos sobre o contexto familiar e o comportamento empreendedor, que o desenvolvimento do empreendedorismo é influenciado, principalmente, pelo primeiro grupo social, a família. Embora, este comportamento empreendedor possa também ser aprendido (Teixeira, Ducci, Sarrassini, Munhê *apud* Marinha, C., et al, 2014, p.26).

Em suma, com tudo o que foi descrito acima, é possível dizer que as raízes dos jovens, nomeadamente a família, o trabalho e a dedicação lhes permitiram ganhar asas e

voar. Embora tenham tido um início difícil e com obstáculos, atualmente têm a sua própria autonomia, sentindo-se felizes e realizados com o que fazem.

Considerações finais

Este trabalho procurou compreender o papel da família nas lógicas de legitimação da decisão de permanecer no concelho de residência (Elvas) por parte de jovens empreendedores. Recorrendo a uma perspetiva sociológica, pretendeu estudar o lugar e a importância dos negócios de família, sejam empresas pré-existentes, sejam empresas fundadas pelos próprios, nas decisões dos jovens elvenses ficarem a residir no concelho após a conclusão dos seus percursos escolares ou de formação profissional.

A literatura aponta no sentido de que a família influencia a atividade empresarial através de um envolvimento direto nos negócios da empresa, seja através do controlo da propriedade, seja através da gestão da sociedade, ou por via do emprego. Esta dissertação serviu para mostrar que as relações entre família e empresa não são tão rígidas como sugerem as teorias da gestão, isto é, os indivíduos não ingressam no negócio da família apenas por obrigação e sucessão, e que a família exerce uma influência multinível nas decisões dos jovens ficarem a residir no concelho.

A metodologia deste estudo assentou numa abordagem qualitativa, sendo que o principal instrumento de recolha de dados foi a entrevista, presencial e à distância, de tipo semiestruturada e individual. A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo de tipo categorial, apoiada por *software* de análise qualitativa.

Procurando responder ao objetivo geral, é possível concluir que a família desempenha um papel importante nas lógicas de legitimação da decisão de permanecer no concelho de residência (Elvas) por parte de jovens empreendedores. Por um lado, a família exerce sobre o jovem um papel que pode ser de apoio e motivação, isto é, ajuda e incentiva o jovem a seguir o percurso que ele quer, com demonstrações várias de suporte e aprovação. Por outro lado, por vezes a família funciona como um obstáculo no caminho do jovem, pressionando-o em relação ao caminho a seguir no mundo laboral ou não apoiando as suas decisões. Isto acontece maioritariamente quando um jovem quer criar o seu próprio negócio e o seu próprio posto de trabalho, e os pais, seja por experiência própria ou por desejarem para o filho uma vida mais estável, não apoiam os filhos.

Como resultado da análise desenvolvida, é possível afirmar que os jovens estudados permanecem no Concelho de Elvas em grande medida por influência da família, mormente dos pais. Quer ingressem no negócio da família, quer criem o seu próprio negócio, ou quer tenham saído do Concelho e mais tarde regressado, os pais significam uma fonte de segurança e refúgio para os jovens. Mesmo nos casos em que inicialmente os pais não apoiavam o negócio dos filhos, esses negócios foram criados no Concelho, pois os jovens não tinham possibilidade de iniciar a sua atividade noutra localidade, onde tivessem que suportar despesas como habitação, alimentação e outras despesas externas. Desta forma, a família influencia o jovem a permanecer no Concelho devido ao suporte e conforto que esta lhe pode oferecer.

Sintetizam-se agora as principais conclusões obtidas por relação com os objetivos traçados. O primeiro objetivo visava, “caracterizar as trajetórias de empreendedorismo familiar entre jovens que permanecem no concelho de Elvas”. Como conclusão, verifica-se que a trajetória dos jovens entrevistado é fortemente determinada pelas suas habilitações literárias. Os indivíduos da amostra compreendem um nível de escolaridade que varia entre o nono ano e uma licenciatura. A escolaridade dos pais varia entre a antiga 1.^a classe e licenciatura, sendo que a maioria ficou pelo sexto e nono ano. Alguns dos entrevistados passaram por uma mudança no agregado familiar devido a outros membros da família que saíram de casa, porque casaram ou faleceram, mas a principal mudança apontada tem que ver com o momento em que estes saíram de casa para estudar ou trabalhar. No caso dos indivíduos que deixaram a escola cedo, nunca chegaram a deixar a casa dos pais e ingressaram diretamente no negócio da família, sem procurar outras oportunidades ou uma formação mais específica. No caso dos indivíduos que saíram para estudar, verifica-se uma série de retornos à casa e à família de origem, já que quando terminaram as suas licenciaturas não encontraram um mercado de trabalho “aberto” e a oferecer-lhe uma oportunidade de trabalho. A inexistência de trabalho constituiu assim o principal motivo do seu regresso a casa dos pais. Outro motivo é o facto de os jovens saírem da área de residência, ou quererem ter a sua própria casa, mas auferirem um rendimento insuficiente para se autossustentarem e garantirem a sua independência, nomeadamente para assegurarem as despesas de alimentação, transportes e habitação. Como a literatura deixava antecipar, atualmente, muitos jovens numa fase inicial da sua vida adulta, não têm a possibilidade de se sustentar sozinhos, sem o apoio da família.

Os dados trabalhados deixam perceber que os pais que foram a maior fonte de rendimento durante a infância/adolescência dos filhos, que sempre quiseram mais e melhor para os filhos, possibilitando-lhes uma melhor educação e nível de vida, acima do que eles próprios tiveram, vêm-se obrigados a ajudá-los enquanto estes não abandonam o “ninho” e não conquistam a sua independência financeira. Quase paradoxalmente, estes pais olham para os seus filhos que têm mais oportunidades, melhor formação e melhor nível de vida, como alguém que precisa de ajuda, alguém que anda constantemente num vaivém e num impasse, que não lhes permite avançar com a vida, e assim, muitas vezes são obrigados a passar por um período de estagnação.

O segundo objetivo intentava “identificar e distinguir motivações e expectativas que sustentam o empreendedorismo familiar por parte dos jovens”. A este propósito, os principais motivos identificados pelos jovens como causa do seu ingresso no negócio de família são os pais, o facto de terem crescido naquele meio, e o facto de contarem com alguma experiência na área precisamente porque “ali cresceram”. Verificou-se que os indivíduos entrevistados com menos escolaridade apontam como principal motivo a falta de oportunidades e o facto de sentirem que pertencem aquele lugar, ao lugar onde cresceram e onde foram felizes. Já em relação aos indivíduos mais escolarizados e que ingressaram também no negócio de família, a principal razão apontada são os pais, tendo estes, influência decisiva no processo de empreendedorismo familiar. Embora estes sejam jovens com mais oportunidades no mercado de trabalho – porque mais qualificados também –, perante as dificuldades ou oportunidades optaram por ingressar no negócio da família, permitindo a eles próprios ter uma maior segurança financeira, fazer o que gostam e sentindo-se cada vez mais parte do negócio.

À semelhança do que acontece no empreendedorismo, nos negócios de família a motivação dos jovens pode surgir através de uma oportunidade (*push*) ou por necessidade (*pull*), e não apenas por sucessão ou herança. Tendo isto em conta, na maioria dos casos apresentados, os jovens ingressaram no negócio da família e vêm-se como empreendedores e uma mais-valia para o negócio, seja porque adotaram novas técnicas, pela oferta de novos serviços, ou porque abriram mais espaços, o que significa uma maior receita para a empresa.

Ainda no que diz respeito a este tópico, verificou-se que os jovens empreendedores que criam o seu próprio o fazem através de oportunidade ou necessidade, e por norma quando já têm um historial de empreendedorismo na família. Muitas vezes,

a família é contra o desafio que os jovens têm que percorrer, pois o medo da instabilidade é grande. Apesar de quererem apoiar os seus sonhos e vê-los felizes, a fazerem o que gostam, os pais tentam influenciar os filhos a terem uma estabilidade melhor ou igual à deles. Os pais destes indivíduos podem estar ou não envolvidos num empreendedorismo, contudo, consideram que os filhos trabalharem por conta de outrem é uma garantia e estabilidade acrescida, que lhes pode ser favorável.

No que toca ainda a motivações e expectativas, todos os jovens entrevistados mostram o desejo de apoiar os filhos naquilo que querem seguir e gostam de fazer, não escondendo o desejo de o negócio continuar para uma futura geração. Alguns afirmaram mesmo que quando uma pessoa começa um negócio, o faz a pensar nas gerações futuras e que é possível ver o brilho nos olhos, porque é algo que “faz parte deles”.

Quanto ao terceiro objetivo, o qual visava “compreender as lógicas de legitimação do empreendedorismo no cruzamento entre familiarismo e individualismo” os dados trabalhados permitiram construir uma matriz interpretativa que relaciona pressão familiar com autonomia individual. A leitura desta matriz permite concluir que a relação entre família e empreendedorismo se estrutura em quatro grandes categorias, sendo elas (i) os herdeiros em formação, aqueles que vêm na continuidade, os herdeiros em formação que um dia vão herdar o negócio; (ii) os jovens que se afirmam de novo com o apoio da família, sendo que este apoio se deve à necessidade do jovem ingressar no negócio da família por falta de opções/oportunidades, ou por a família perceber que o indivíduo tem “jeito” para o negócio; (iii) os jovens que criam o seu próprio negócio contra a vontade da família, pois estas têm medo da instabilidade do mercado e gostariam que os filhos, tal como eles, tivessem uma vida estável, com um ordenado garantido; e ainda, (iv) os jovens empreendedores que criam o seu próprio negócio, têm a sua autonomia, assim como o apoio dos pais, que incentivam os filhos a correr atrás da própria felicidade.

Em suma, é possível afirmar que a família exerce sobre os jovens um papel de pressão ou apoio nas trajetórias dos jovens adultos à entrada do mercado de trabalho. Em ambos os casos, a família parece exercer uma influência determinantes, seja porque apela à ligação às origens, seja porque incentiva e apoia os jovens à descoberta e à experimentação. Assim, e metaforicamente, esta influência situa-se entre as raízes e as asas para que a família remete enquanto história e estrutura e enquanto futuro em aberto e agência.

A terminar, é importante refletir sobre as dificuldades sentidas neste percurso. Do ponto de vista teórico-conceitual, o principal obstáculo enfrentado foi ir ao encontro da literatura de um ponto de vista sociológico. Esta é uma dissertação que conjuga a sociologia da família com a sociologia da juventude e o estudo do empreendedorismo. Apesar de haver muita literatura, abundam os estudos no domínio da gestão e da gestão de empresas, o que tornou mais difícil e morosa a revisão da literatura e a problematização de base sociológica. Apesar disso, o seguimento do cronograma realizado inicialmente não foi afetado.

Em termos de trabalho de campo, um dos principais obstáculos enfrentados foi o agendamento das entrevistas devido ao horário de trabalho dos entrevistados, e ao (pouco) tempo que os mesmos disponham. O facto de o mundo estar a atravessar uma pandemia não me permitiu realizar todas as entrevistas pessoalmente, como gostaria. Nos casos em que isso aconteceu, procurei respeitar todas as medidas de segurança que viabilizassem as entrevistas face-a-face, o que por vezes dificultou a transcrição das entrevistas, pois o distanciamento entre entrevistador e entrevistado, assim como o uso de máscara, dificultou um pouco o processo de captação de áudio. Outra dificuldade encontrada foi o colocar as pessoas à vontade para uma conversa aberta onde pudesse recolher informações mais aprofundadas. Tratando-se de entrevistas com uma orientação biográfica, era impossível aos entrevistados não citarem outras pessoas na conversa. Isto por vezes fez com que algumas respostas e entrevistas fossem mais curtas e diretas.

Concluindo a investigação, considero que seria importante replicar este estudo em outras zonas do interior de Portugal, complementando-o com outros métodos e técnicas, no sentido de obter uma maior e mais completa informação sobre o papel da família e dos negócios de família na decisão dos jovens permanecerem no seu local de origem e não optarem por (e)migrar. Neste sentido, percebendo as dificuldades, motivações e expectativas dos jovens em relação aos negócios de família, e uma vez que os jovens são um recurso fundamental na composição da população ativa de um país, outras medidas e apoios poderiam ser implementados no sentido de ajudar a fixar na região quem assim o desejar.

Bibliografia

Adachi, P. (2006). *Família S.A. Gestão de empresa familiar e solução de conflitos*. São Paulo: Atlas

Almeida, J. (1990). *Portugal: os próximos 20 anos VIII- Valores e Representações Sociais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Alves, C. (2015). *O efeito da influência da família no desempenho - evidência empírica nas empresas familiares portuguesas*. (Dissertação de Doutoramento). Covilhã: Universidade da Beira Interior/Ciências Sociais e Humanas.

Alves, N. & Viseu, S. (2001). *Educação e formação: análise comparativa dos subsistemas de qualificação profissional de nível III*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.

Alves, N. (2008). *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa, Educa - Unidade de I&D de Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

André, A. (2015). *Ser empreendedor com base em processo de inovação competitivo*. (Dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo). Instituto Politécnico de Lisboa, Instituto Superior de Contabilidade e de Administração de Lisboa.

Antunes, S. (2006). Mantém-se aumento da litoralização em Portugal. *Jornal de Negócios*. Disponível em: https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/mantem_se_aumento_da_litoralizacao_em_portugal (Consultado em: 13/08/2021)

APS. (2008). *Código Deontológico*. Obtido de APS - Associação Portuguesa de Sociologia: <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Baron, R. (2007). Behavioral and cognitive factors in entrepreneurship: entrepreneurs as the active element in new venture creation. *Strategic Entrepreneurship Journal*. N°1, p. 167-182.

Bernhoeft, R. *Empresa familiar: sucessão profissionalizada ou sobrevivência comprometida*. São Paulo: Nobel.

Bhidé, A. (2002). As perguntas que todo empreendedor deve responder. *Harvard Business Review*. Empreendedorismo e estratégia. Rio de Janeiro: Campus, p. 9-34.

Bogdan, R., & Bilklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria*. Porto: Porto Editora.

Boni, V & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, N.º1 (3), p.68-80.

Borges, A. (2012). *Empreendedorismo Familiar Multigeracional: Uma Alternativa para a Análise de Empresas Familiares Empreendedoras*. XXXVI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro.

Borges, C., & Magalhães, A. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, V. 40. N.º1, p.42-49. Consultado em: 18/12/2020; disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3993/4140>

Bourdieu, P. (1978), Capital symbolique et classes sociales. *L'Arc*. 72, p. 13-19.

Bourdieu, P. (1979). Les trois états du capital culturel. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30, p. 3-6. DOI: 10.3406/arss.1979.2654

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Delfim

Bourdieu, P. (2003). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim De Século.

Braga, D. (2003). Culturas Empresariais e Desenvolvimento Local: Breve comparação entre os Empresários Estrangeiros e Nacionais no Alentejo. Gabinete de Investigação e Acção Social, *Revista Economia e Sociologia*.

Brockhaus, R. (1994). Entrepreneurship and family business research: comparisons, critique, and lessons. *Entrepreneurship: Theory & Practice*, Boca Raton, v. 19, n. 1, p. 25-38.

Burns, P. (2001). *Entrepreneurship and Small Business*. 1ª edição. Nova Iorque: Palgrave, Macmillan.

Caliendo, M., Fossen, F. & Kritikos, A. (2009). Risk attitudes of nascent entrepreneurs—new evidence from an experimentally validated survey. *Small Business Economics*. V. 32, nº2, p. 153-167.

Campos, S & Saraiva, P. (2019). Empreendedorismo Familiar: Como esse Modelo de Gestão pode Afetar a Empresa. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, vol.13, n.44, p. 525- 538.

Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação – Guia para a autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. Consultado em: 16/12/2020; Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/44304> DOI: 10.4067/S0718-22362020000100235

Carmo, R & Matias, A. (2019). As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118 , p.53-78. Doi: <https://doi.org/10.4000/rccs.8502>

Costa, R. (2006). Família e Famílias no Portugal contemporâneo. Discursos, trama e textura em perspectiva sociológica. *Eborensia* 50 (2016). p. 95-136.

Costa, Rosalina (2013). Representação Gráfica de Famílias com Recurso ao Genopro®: (Re)Descobrir o Genograma Familiar no Contexto da Investigação Qualitativa. *Indagatio Didactica*, 5(2): 723–733.

Davidsson, P. & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*. V.18, nº3, p. 301-331.

Dicionário da língua portuguesa. (2010). Porto: Porto Editora.

Disponível em URL: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2486/2354>

Donnelley, R. (1964). The family business. *Harvard Business Review*, Cambridge, v. 42, n.4, p. 94 -105.

Duarte, T. (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/ISCTE.

Dyer, J., Handler, W. (1994). Entrepreneurship and family business: exploring the connections. *Entrepreneurship: Theory & Practice, Boca Raton*, v. 19, n. 1, p. 71-83.

Eurostat (2018). Half of unemployed young people in the EU ready to relocate for a job. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/8768233/3-27032018-AP-EN.pdf/3a8861db-939c-4790-a3bc-8837bbbac15c>

Fairlie, R. & Holleran, W. (2012). Entrepreneurship training, risk aversion and other personality traits: Evidence from a random experiment. *Journal of Economic Psychology*. N°33, p. 366–378.

Falter, J. (2007). Entrepreneurship and intergenerational links in Switzerland. *Labour*. V.21, N°1, p. 121–134. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9914.2006.00366.x>

Fernandes, A. (2001). *Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida*. Editora: Cies-iscte / Celta.

Fernandes, J. (2012). *Empreendedorismo e Atitude Inovadora nas Empresas*. (Dissertação de mestrado em Ciências empresariais). Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Ciências Empresariais.

Ferreira, M., Santos, J., & Serra, F. (2008). *Ser Empreendedor - Pensar, Criar e Moldar a Nova Empresa* (1ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Ferreira, Serra, Reis. (2008) *Ser empreendedor*. Lisboa: Edições Sílabo.

Ferreira, V. & Nunes, (2010). Les trajectoires de passage à l'âge adulte en Europe. *Politiques Sociales et Familiales*. N°102, p. 21-38. Consultado em: 21/12/2020. Disponível em: <http://vitorsergioferreira.net/wpcontent/uploads/2014/12/64318-300346-1-PB.pdf> DOI: 10.1590/2175-623664318

Ferreira, V. (2017). Ser DJ não é só Soltar o Play: a pedagogização de uma nova profissão de sonho. *Educação e Realidade*. Vol. 42, N°2, p.473-494.

Ferreira, V. (2018). “Youth and generations in times of crisis: Portugal in the global situation”. In *Changing Societies: Legacies and Challenges*. Vol. ii. *Citizenship in Crisis*, eds. M. C. Lobo, F. C. da Silva and J. P. Zúquete. p.135-160. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. Consultado em: 27/12/2020. Disponível em: http://vitorsergioferreira.net/wpcontent/uploads/2018/11/2018-Youth-and-Generations-in-times-of-crisis-I-C-S_VOL2.pdf DOI: <https://doi.org/10.31447/ics9789726715047.06>

Ferreira, V. (2019). Jovens e gerações em tempos de crise: entre Portugal e o contexto global. *Juventudes em Movimento: Experiências, Redes e Afetos*. p.34-68. Expressão Gráfica Editora e Universidade Federal do Ceará.

Ferreira, V., & Nunes, C. (2013). Para lá da escola: transições para a idade adulta na Europa. *Educação em Foco* Vol. 18. Nº 3. p.169-206. Universidade Federal Juíz de Fora.

Figueiredo, A., Silva, C. & Ferreira, S. (1999). *Jovens em Portugal: Análise Longitudinal de Fontes Estatísticas (1960-1997)*. Oeiras: Celta editora.

Filion, L. (1999). Diferenças entre sistemas gerencias de empreendedores e operadores de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo. V. 34, nº2, p. 5-28.

Filion, L. (1999). Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*. São Paulo.V.34, nº2, p. 5-28.

Fletcher, D. (2004). Interpreneurship: organizational (re)emergence and entrepreneurial development in a second generation family firm. *International Journal of Entrepreneurship Behaviour and Research*, Bingley, v. 10, n. 1/2, p. 34-38.

Frank, H.; Kessler, A.; Nosé, L.; Suchy, D. (2011). Conflicts in Family Firms: state of the art and perspectives for future research. *Journal of Family Business Management*, v. 1, n. 2, p. 130-153.

Fulaneto, I. (2009). *Empresa Familiar: Análise e Reflexão*. Fundação Educacional do Município de Assis.

Gartner, W. B. (1988). Who is an entrepreneur? Is the wrong question. *American Journal of Small Business*. New York. V.12, nº4, p. 11-32.

Gersick, K. et al. (1997). *De Geração para Geração: ciclos de vida da empresa familiar*. São Paulo: Negócio.

Ghiglione, R., Matalon, B. (1992). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.

Gibb, A. (1987). Enterprise culture: Its meaning and implications for education and training. *Journal of European Industrial Training*, v.11, nº2, p. 3-38.

Giddens, A. (2001). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A. (2008). As Famílias (Cap 7). *In Sociologia*. 4.^a ed. p. 150-170. Porto Alegre: Artmed

Giddens, A. (2008). Cultura e Sociedade (Cap 2). *In Sociologia*. 4.^a ed. p. 37-58. Porto Alegre: Artmed.

Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6^a Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Godoy, A. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. *Revista de administração de empresas*, n.º 35(2), p. 57-63.

Gonçalo, V & Pifano, M. (2015). *Idade e empreendedorismo: uma revisão da literatura*. (WP n.º2015/06). Dinâmia'cet – IUL, centro de estudos sobre a mudança socioeconómica e o território ISCTE-IUL. Retirado em 12 de abril de 2021, de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10727/1/DINAMIA_WP_2015-06.pdf
DOI: 10.15847/dinamiacet-iul.wp.2015.06

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Princípa Editora.

Guerreiro, M. & Abrantes, P. (2007). *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família* (2^a edição). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Guerreiro, M., Caetano, A., Rodrigues, E., Barroso, M., Couto, A. (2013). Caminhos para o empreendedorismo: uma tipologia de acesso à atividade empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*. V.2, n.º3, p. 57 – 105.

Habbershon, T. & Williams, M. (1999). A Resource-Based Framework for Assessing the Strategic Advantages of Family Firms, *Family Business Review*, 12 (1), p. 1-25. DOI: 10.1111/j.1741-6248.1999.00001.x

Heck, R., Hoy, F., Poutziouris, P., Steier, L. (2008). Emerging paths of family entrepreneurship research. *Journal of Small Business Management*, Oxford, v. 46, n. 3, p. 317-330.

Heck, R., Mishra, C. (2008). Family entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, Oxford, v. 46, n. 3, p. 313-316.

Infante, P., Costa, R., Afonso, A., Jacinto, G., Conde, J., Policarpo, M. (2019). *Diagnóstico Juvenil: os Jovens em Évora dos 15 aos 29 anos*. Évora: Câmara Municipal de Évora, Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora e Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade de Évora.

Lakatos & Marco. (1990). Instituições Sociais. *In Sociologia Geral*. 6.^a ed. p. 165-220. São Paulo: Editora Atlas

Lakatos, E. & Marco, M. (1990). Processos sociais. *In Sociologia Geral*. 6.^a ed. p.77-89. São Paulo: Editora Atlas.

Lambrecht, J. (2005). Multigenerational transition in family businesses: a new explanatory model. *Family Business Review*, Boston, v. 18, n. 4, p. 267-282.

Laspita, S., Breugst, N., Heblich, S. & Patzelt, H. (2012). Transmissão intergeracional de intenções empreendedoras. *Journal of Business Venturing*. V.27, p. 414 - 435

Leandro, M. (2006). *Transformações da família na história do Ocidente*. N. 41. 2.^a série. p. 51-74. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia-Braga.

Lethbridge, E. (1997). Tendências da empresa Familiar no mundo. *Revista BNDES*, n. 7.

Libória, M. (2012). “Emprendendo” - *Aprendendo Empreendendo*. (Projeto de Mestrado em Gestão Empresarial). ISCTE - Business School, Instituto Universitário de Lisboa.

Libório, M. (2012). “Emprendendo” – *Aprendendo Empreendendo*. Projeto de Mestrado em Gestão Empresarial. Instituto Universitário de Lisboa.

Litz, R., Kleysen, R. (2001). Your Old Men Shall Dream Dreams, Your Young Men Shall See Visions: Toward a Theory of Family Firm Innovation with Help from the Brubeck Family. *Family Business Review*, V. 14, N.4, p. 335-352.

Lowrey, Y. (2003). *The entrepreneur and entrepreneurship: A neoclassical approach*. Paper apresentado na Associação Americana de Economia. Washington D.C.

Marinha, C., Silva, L., Carreto, M., Terrível, P., Costa, T. (2014). *Empreendedorismo Jovem – Um Olhar sobre Portugal*. Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal Departamento de Research.

Marques, A. (2000). Repensar o mercado de trabalho: Emprego vs Desemprego. *Sociedade e Cultura* 1, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia, Vol.13 (1), p.133-155.

Marques, A. (2011). Percursos escolares e projectos de vida dos jovens - um estudo de caso num bairro social da cidade de Lisboa. (Mestrado em Sociologia) Instituto Universitário de Lisboa.

Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, V.22, N.37, p. 7-32. Porto Alegre: Revista Educação.

Neves, J. (2001). *A Sucessão na Empresa Familiar: a Estrutura de Governo e o Controlo do Capital*. Conferência de Finanças Universidade dos Açores.

Noorderhaven, N., Thurik, R., Wennekers, S. & Van Stel, A. (2004). The Role of Dissatisfaction and per Capita Income in Explaining Self-Employment across European Countries. *Entrepreneurship Theory and Practice*. Vol 28, nº5, p. 447 - 466.

Pais, J. & Pàmpol, C. F. (2020). *Persiguiendo los assad del tiempo. Jóvenes, passados compuestos y futuros posibles*. Última Década, vol.28, Nº. 53, p. 235-252. Consultado em: 16/12/2020. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/44304> DOI: 10.4067/S0718-22362020000100235

Pais, J. (1990). *A construção sociológica da juventude – alguns contributos*, *Análise Social*, vol. XXV, n.105-106.

Pais, J. (2001). *Ganchos, tachos e biscates* (1ª Edição). Porto: Ambar.

Pais, J. (2003). The multiple faces of the future in the labyrinth of life. *Journal of Youth Studies* Vol. 6, 2, p.115-126. DOI: 10.1080/1367626032000110264

Pais, J. (2009). A Juventude como Fase de Vida: dos Ritos de Passagem aos Ritos de Impasse. *Saúde e Sociedade*. Vol. 18. Nº3. p.371-381. Consultado em: 21/12/2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282658017_A_Juventude_como_Fase_de_Vi

da_dos_ritos_de_passagem_aos_ritos_de_impasse_Youth_as_a_Stage_of_Life_from_rites_of_passage_to_rites_of_impasse DOI: 10.1590/S0104-12902009000300003

Pais, J. (2012). A esperança em gerações de futuro sombrio. *Estudos avançados*, Vol.26. Nº 75. p.267-280.

Pais, J. M., Pàmpol, C. F. (2020). Persiguiendo los assad del tiempo. Jóvenes, assados compuestos y futuros posibles. *Última Década*, vol.28, nº. 53, p. 235-252.

Parsons, T & Robert F. Bales. (1956). *Family: Sôcialization and Interaction Process*. London: Routledge and Kegan Paul.

Paulo, D. (2009). *Empresas familiares em Portugal: "sucessão competente"*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Economia e Gestão.

Peixoto, P. (2016). *Ética e Deontologia na Sociologia*. Obtido a 3 de novembro de 2020: http://www4.fe.uc.pt/fontes/etica_deontologia_sociologia.html.

Pimpão, A. (2011). *A formação superior em empreendedorismo em portugal: mapeamento e análise comparativa*. (Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos). ISCTE - Business School, Instituto Universitário de Lisboa.

Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press. Vol. 9 No. 5. p. 1-6. Consultado em: 28/12/2020. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Quiroga, F., & Vitalle, M. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis Revista de Saúde Coletiva*. Rio do Janeiro. Nº 23 (3), p. 836-878.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramalho, P. (2003). *Desenvolvimento da autonomia e da identidade nos jovens portugueses com experiência migratória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a ciência e tecnologia.

Raposo, M. & Silva, M. (2000). Entrepreneurship: uma nova área do pensamento científico. *Revista de Gestão e Economia*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p.57-65.

Rauch, A. & Frese, M. (2007). Let's put the person back into entrepreneurship research: a meta-analysis on the relationship between business owners' personality traits, business creation, and success. *European Journal of Work and Organizational Psychology*.V.16, nº4, p. 353–385.

Rebelo, & Glória. (2006). *Flexibilidade e diversidade laboral em Portugal*. p. 1-27.

Ricca, D. (2001). Quem são as empresas familiares? *Revista Empresa Familiar*, V. 1, n. 1.

Ricca, N. (1998). *Da empresa familiar à empresa profissional*. São Paulo.

Rodrigues, J. (2016). Família empresária e competências empreendedoras. *Forum sociológico*, série II, n. 29. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.1497>

Rodrigues, S. (2008). *Empreendedorismo*. Associação Nacional de Jovens Empresários e EduWeb.

Román, C., Congregado, E. & Millán, J. (2013). *Start-up incentives: Entrepreneurship policy or active labour market programme*. Retirado em 4 de maio de 2021, de: <http://ssrn.com/abstract=1619990>. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1619990>

Rye, D. (1998). *Empreendedores - Ferramentas de Decisão para Executivo*. Lisboa: Controljornal.

Santos, A. (2012). *Entre empregos e trabalhos: o adiar de uma vida*. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.

Saraceno, C. & Naldini, M. (2003). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial estampa.

Saragoça, J. M. (s.d). *Educação e Sociedade*. Universidade de Évora. PowerPoint apresentado em aula.

Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.

Segalen, M. (1999) *Sociologia da Família*. Lisboa: Edições Terramar.

Shane, S. & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research Academy of Management. *The Academy of Management Review*. New York. V. 25, nº 1, p. 217-226.

Sharma, P., Chrisman, J., Chua, J. (2003). Predictors of satisfaction with the succession process in family firms. *Journal of Business Venturing*, Saint Louis, v. 18, n. 5, p. 667-687.

Silva, C. (2016). *Sociedade, cultura e indivíduo*, Universidade de Évora. Diapositivos das Sessões Letivas.

Silva, E. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*, n.º 12, p. 77- 99.

Simon, M., Houghton, S. & Aquino, K. (2000). Cognitive biases, risk perception, and venture formation: how individuals decide to start companies?”. *Journal of Business Venturing*. V.15, nº2, p. 113–134.

Simplício, J. (2019). Caracterização dos trabalhadores temporários solicitados pelas empresas industriais na península de Setúbal. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Ciências Empresarias.

Smola, K., Sutton., D. (2002). *Generational differences: revisiting generational work values for the new Millennium*. *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 23. P.363-382. DOI: 10.1002/job.147

SPI., IAPMEI & FLAD. (2010). *GEM Portugal 2010 – Estudo sobre o Empreendedorismo*.

SPI., ISCTE-IUL & StartUp Portugal. (2016). *Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal – GEM Portugal*.

Steier, L. (2007). New venture creation and organization: a familial subnarrative. *Journal of Business Research*, v. 60, n. 10, p. 1099-1107.

Teixeira, R., Ducci, N., Sarrassini, N., Munhê, V., Ducci, L. (2011). Empreendedorismo jovem e a influência da família: a história de vida de uma empreendedora de sucesso. *Rege*. V. 18, nº1, p. 3-18. DOI: 10.5700/rege 411

Tillmann, C., Grzybovski, D. (2005). Sucessão de dirigentes na empresa familiar: estratégias observadas na família empresária. *Organizações & Sociedade*. Salvador, v. 12, n. 32, p. 45- 61.

Töröcsik, M. Kehl, D., & Szűcs, K. (2014). *How Generations Think: Research on Generation Z*. *Acta Universitatis Sapientiae, Communication*, 1. p. 23–45. Consultado em: 28/12/2020. Disponível em: <http://www.acta.sapientia.ro/actacomm/C1/comm1-3.pdf>

Valentim, M. (2005). *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*. São Paulo: Polis.

Viana, C. (2016). Portugal foi dos países com maior "fuga de cérebros". Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/11/07/sociedade/noticia/portugal-foi-dos-paises-com-maior-fuga-de-cerebros-1750246> (Consultado em: 30/10/2021).

Vicente, P., Reis, E. e Ferrão, F. (1996). *Sondagens - A amostragem como factor decisivo da qualidade*. Lisboa: Edições Sílabo.

Vicente, V. (2009). *Transição para a "vida adulta": segmentação de jovens europeus*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Vicenzi, S. & Bulgacov, S. (2013). Fatores motivadores do empreendedorismo e as decisões estratégicas de pequenas empresas. *Revista de Ciências da Administração*. V.15, nº35, p. 208-221.

Vieira, I. & Cardoso, A. (2011). Jovens da Europa do Sul num contexto de mudança social: dados portugueses. *Sociologia on line*, Nº 2. p.141-163. Consultado em: 28/12/2020; disponível em: <https://revista.aps.pt/pt/jovens-da-europado-sul-num-contexto-de-mudanca-social-dados-portugueses/>

Vieira, M., Ferreira, V., & Pinho, F. (2017). *Jovens: dinâmicas demográficas e participativas. Portugal Social em Mudança*. Retratos Municipais. p.43-53. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Vieira, M., Ferreira, V., & Rowland, J. (2015). *Retrato da juventude em Portugal: traços e tendências nos censos de 2001 e 2011*. Revista de Estudos Demográficos Nº54. p.5-25. Instituto Nacional de Estatística.

Wall, K. Cunha, V. & Atalaia, S. (2013). Família. In *Cardoso, J. L., Magalhães, P., Pais, J.M. (org), Portugal social de A a Z: temas em aberto.* p. 70-78. Lisboa: Impresa Publishing.

Yin, R. (2001) *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookman.

Anexos

Anexo I

Operacionalização: orientações de pesquisa

Projeto de Dissertação

Negócios de família. Trajetórias e perspectivas de jovens adultos à entrada do mercado de trabalho.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO, OBJETIVOS E PROBLEMÁTICAS

Questão de partida: Qual é o papel da família na legitimação da decisão de permanecer no concelho de residência (Elvas) por parte de jovens empreendedores?

Objetivo geral: Compreender o papel da família nas lógicas de legitimação da decisão de permanecer no concelho de residência (Elvas) por parte de jovens empreendedores.

Questões de investigação	Objetivos específicos
Quais são as trajetórias de empreendedorismo de base familiar dos jovens que permanecem no concelho de residência?	Descrever as trajetórias de empreendedorismo de base familiar entre os jovens que permanecem no concelho de residência.
Quais são as motivações e expectativas dos jovens para com o empreendedorismo de base familiar?	Identificar e distinguir motivações e expectativas que sustentam o empreendedorismo de base familiar por parte dos jovens.
Quais os significados atribuídos à relação entre família e individualismo na justificação para o empreendedorismo?	Compreender as lógicas de legitimação do empreendedorismo no cruzamento entre familialismo e individualismo.

PROBLEMATIZAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO

Conceito	Dimensão	Indicadores
Caracterização e trajetória familiar	Socioeconômica	Gênero Idade Naturalidade Nacionalidade Nível de escolaridade Profissão
	Sociofamiliar	Composição do agregado familiar atual; Situação conjugal (vínculo, duração, ordem); Situação parental (existência de filho(s), número e idade(s)); Experiência de infância/adolescência; Contexto de residência na infância/adolescência; Escolaridade e profissão dos pais/educadores; Composição do agregado familiar durante a infância/adolescência; Apreciação sobre o nível de vida durante a infância/adolescência/até à independência financeira; Comparação com os outros; Aspirações dos pais em relação aos filhos (escolaridade, profissão, ...);
Empreendedorismo	Trajetória escolar	Nível de escolaridade; Percorso escolar (momentos/fases/diplomas/locais) Formação escolar formal/informal Auto e hetero-avaliação do percurso
	Trajetória profissional	Profissão/ situação profissional atual Local físico da profissão Pessoas com quem trabalha (relações/formas de trato) Interações com essas pessoas Trajetória profissional até ao momento
	Motivações e expectativas	Surgimento da oportunidade de trabalho (razões/causas/influências/justificação/pessoas/apoios); Relação entre família e empresa (sobreposições/vantagens e desvantagens); Perspetivas futuras (evolução do negócio/ continuidade geracional).

METODOLOGIA

- Estudo de casos múltiplos; Unidade de análise: indivíduos residentes do Concelho de Elvas, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, que após a conclusão dos percursos escolares tenham optado por se tornar empreendedores e/ou trabalhar no negócio da sua família.
- Recrutamento: intencional, a partir das redes de contacto pessoais e/ou em bola de neve (snow-ball);
- Período de recolha de dados: Abril a Junho de 2021;
- Recolha de recolha de dados: entrevista semi-directiva, presencial e à distância (e.g. WhatsApp, Zoom, Skype, Facebook Messenger), individual;
- Registo dos dados: gravação áudio mediante pedido de autorização prévio;
- Procedimentos de análise de dados: análise qualitativa de conteúdo de tipo categorial, formal e estrutural.

Anexo II

Agenda de entrevistas

Agenda contactos de entrevistas

Entrevistado	Categoria	Local da entrevista	Data da entrevista	Observações
#1	Negócio de família	Skype	06/04/2021	15:00h
#2	Negócio de família	Zoom	09/04/2021	17:00h
#3	Negócio de família	Whatsapp	13/04/2021	18:00h
#4	Empreendedora	Facebook	18/04/2021	19:00h
#5	Empreendedor	Facebook	18/04/2021	21:00h
#6	Empreendedor	Facetime	24/04/2021	14:30h
#7	Negócio de família	Presencial	25/04/2021	18:30h
#8	Negócio de família	Facebook	20/05/2021	14:15h
#9	Empreendedora	Facebook	28/05/2021	09:30h
#10	Negócio de família	Presencial	04/06/2021	15:30h
#11	Negócio de família	Presencial	13/06/2021	19:00h

Anexo III

Guião de entrevista

APRESENTAÇÃO E OBJECTIVOS DA ENTREVISTA

Bom dia/Boa tarde/ Boa noite. [adaptar]

O meu nome é Ana e sou aluna do Mestrado em Sociologia na Universidade de Évora. Para concluir a minha dissertação estou a desenvolver um estudo com o objetivo de compreender a realidades dos jovens elvenses em relação à entrada no mercado de trabalho. Em concreto, pretendo conhecer um pouco mais de perto aquilo que se chama de empreendedorismo de base familiar.

Primeiramente, agradeço a sua disponibilidade para colaborar comigo. O que vou pedir é que por favor me responda a um conjunto de questões que lhe irei colocar em torno deste tema. É importante que tenha conhecimento que não existem respostas certas ou erradas. A entrevista não tem uma duração pré-definida, pelo que pode falar durante o tempo que se sentir à vontade, pode voltar atrás se assim o entender, não responder a algumas questões, ou até mesmo desistir de participar neste estudo se for também essa a sua vontade. O meu objetivo é que se sinta o mais confortável possível durante esta entrevista.

Quero também informá-lo(a) que toda a informação recolhida através desta entrevista será utilizada apenas em contexto académico e que o seu nome não será associado a nenhuma informação que partilhar comigo. A entrevista é anónima e quaisquer referências para além do nome que possam vir a comprometer o anonimato serão por mim retiradas do documento final.

Finalmente, quero pedir-lhe autorização para gravar esta entrevista, apenas porque não conseguiria memorizar tudo o que venha a dizer, e também porque este procedimento é simples e não interfere em nada com a nossa conversa. Note que apesar de a entrevista estar a ser realizada à distância [adaptar], apenas irei gravar o áudio e não a imagem.

Autoriza que a entrevista seja gravada? [aguardar resposta, em caso negativo agradecer e seleccionar outro(a) entrevistado(a)]

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e se concordar passamos de imediato à realização da entrevista.

Podemos começar?

[Ligar o gravador e iniciar a entrevista propriamente dita com recurso ao guião]

GUIÃO de ENTREVISTA

1 – Caracterização e Trajetória Familiar

[Para começar, vou colocar algumas questões de caracterização sociodemográfica]

1. Idade:
2. Naturalidade:
3. Nacionalidade:
4. Pode falar um pouco sobre a sua infância / adolescência? [Deixar falar]

Pontos a explorar:

- Onde vivia? (bairro, aldeia, vila, cidade, ...)
- Viveu sempre no mesmo local?
- Locais por onde passou e em que fase da vida
- Razões da mudança
- Composição do agregado familiar na altura: pais, avós, irmãos, ...

5. De um modo geral, como avalia o nível de vida que teve durante a infância/adolescência até à sua independência financeira/idade adulta? [Deixar falar]

Pontos a explorar:

- Perceção geral sobre essa fase da vida
- Fontes de rendimento
- Comparação com outras pessoas (vizinhos, colegas, vizinhos, amigos dos pais, etc...)

6. Quais pensa que eram as aspirações dos seus pais em relação a si e ao seu futuro?
[Deixar falar]

Pontos a explorar:

- Projetos de escolaridade e profissão
- Ideia global de “Futuro” que tinham para si/para os filhos?

7. Já agora, qual a escolaridade e profissão dos seus pais? [adaptar a pais/outros/as educadores/as]

	Pai	Mãe
Escolaridade		
Profissão		

8. E desde essa altura [infância/adolescência] até hoje? Quais as principais alterações ou mudanças por que passou do ponto de vista familiar? [Deixar falar]

Pontos a explorar:

- Saiu para estudar ou permaneceu?
- Saiu de casa dos pais? Se sim, quando ou por que razão? Se não, como vê essa situação?
- Agregado familiar atual
 - a. Situação conjugal (casamento, união de facto, viuvez, divórcio, ...):
 - b. Duração (anos):
 - c. Filhos

Ordem	Sexo	Idade
1		
2		
3		
4		
...		

2- Trajetória Escolar

[Vamos agora falar sobre a sua trajetória escolar]

9. Qual é a sua escolaridade?

10. Pode descrever o seu percurso escolar? [Deixar falar]

Pontos a explorar:

Momentos, fases, diplomas,

Locais de formação

Contextos de formação: escolar formal/ não formal

Principais aprendizagens

11. Como avalia o seu percurso escolar? [Deixar falar]

Explorar:

- Auto-avaliação (como avalia de si para si?)

- Hetero-avaliação (como acha que os outros avaliam esse percurso?)

3- Trajetória Profissional

[Vamos agora falar sobre aquilo que faz atualmente do ponto de vista profissional]

12. Por favor, descreva a sua trajetória profissional até chegar ao que faz hoje [Deixar falar]

Explorar:

- Primeiras incursões profissionais

- Principais momentos

13. Pode agora descrever detalhadamente em que trabalha atualmente? [Deixar falar]

Explorar:

- Profissão/situação na profissão

- Onde trabalha? (- local físico; - formas de nomeação (ex. empresa, casa, quinta, loja, etc...))
- Quem são as pessoas com quem trabalha (distinguir pessoas em termos de relações, formas de trato, etc.)
- Que interações mantém com essas pessoas?

4- Motivações e expectativas

[Vamos agora falar de uma forma mais aprofundada sobre este negócio em particular (adaptar ao negócio em causa)]

14. Como surgiu a oportunidade de trabalhar no que trabalha atualmente? [Deixar falar]

Explorar:

- Razões, causas ou motivos
- Influências diretas e indiretas (pessoas (quem?), programas de apoio (quais?), formação específica, etc.)
- Justificação: “acaso”, “destino”, outras
- Comparação com outras oportunidades

15. Como descreve as relações entre família e empresa/negócio [adaptar à expressão utilizada]? [Deixar falar]

Explorar:

- Sobreposições
- Pontos fortes ou vantagens
- Pontos fracos ou desvantagens
- Comparação com negócios/empresas não familiares

Anexo IV

Caracterização dos entrevistados

Caracterização dos Entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade	Habilitações Literárias	Profissão/Situação na Profissão	Naturalidade	Residência atual	Pessoas com quem trabalha	Surgimento da oportunidade de trabalho	Relação entre família e empresa	Historial de empreendedorismo na família	Auto-justificação para negócio de família
E01	F	22	Licenciatura em gestão	Trabalha na empresa dos pais (contabilista)	Borba	Elvas	Pai, mãe, irmão e cunhada	Incentivada pelo pai, ao início apenas tentava ganhar experiência	O pai é que manda, mas dão-se todos bem tanto que nem sente que existe uma hierarquia bem definida na empresa	Sim (Avós)	Destino
E02	M	21	12º ano	Trabalha no negócio dos pais (agricultor)	Elvas	Elvas	Pai e mãe	Os pais ficaram desempregados e tiveram que mudar para uma casa de família no meio rural. Os pais começaram a horta quando ele estava a acabar o secundário e viu aí uma oportunidade de ajudar os pais, para eles não terem a necessidade de contratar uma pessoa	Cada um gere a sua parte e não sente que há sobreposição, além de que trabalhar com a família sempre se conhecem melhor, ajudam uns aos outros e têm mais confiança	Sim (Pais)	Destino
E03	M	25	12º ano	Trabalha no negócio do avô (vaqueiro)	Beja	Elvas	Avô e mais três funcionários	Foi sempre o que quis fazer, não houve espaço para	Não existe separação entre trabalho e família	Sim (Avô)	Destino

								outras oportunidades			
E04	F	26	12º ano	Empreendedora (comerciante)	Elvas	Elvas	Sozinha	Atravessou uma fase má em que não arranjava emprego e não sabia o que fazer e decidiu investir	O pai também é empreended or e sempre a apoiou a seguir em frente com o seu negócio tal como a sua mãe, contudo sempre a alertaram para os riscos que poderia correr	Sim (Avós e Pai)	Destino
E05	M	26	12º ano	Empreendedor (comerciante)	Elvas	Elvas	Namorada	A pandemia deu-lhe tempo e ambição de ter uma marca própria, assim como personalizar os seus produtos para satisfazer o cliente sem necessitar de recorrer a alguém exterior ao seu negócio	Ao início a mãe não aceitou bem o facto de ele investir o seu dinheiro num projeto que não tinha sido planeado ao milímetro chegando mesmo a deixar de lhe falar. Contudo, depois do choque inicial é uma pessoa que o apoia bastante e gosta do que ele faz	Não	Acaso

E06	M	26	Licenciatura em Gestão	Empreendedor (Empresário)	Elvas	Elvas	17 funcionários	Começou a construir a empresa durante o seu projeto final de licenciatura	O apoio da família não foi total, pois os pais gostariam que ele tivesse aceitado outras oportunidades que lhe proporcionassem um emprego mais estável	Não	Um sonho
E07	F	35	Licenciatura em animação sociocultural	Trabalha com a mãe (esteticista)	Barbacena	Barbacena	Mãe	O marido teve uma proposta de trabalho na zona da sua naturalidade e foi a principal razão pela qual voltou. Uma vez que a mãe tem um cabeleireiro resolveu aumentar a gama de serviços do salão da mãe	Embora a maior parte desta relação seja familiar, tenta manter o profissionalismo e aprender com a experiência da mãe	Sim (Pais)	Destino
E08	F	27	9º ano	Trabalha no negócio de família (feirante)	Faro	Barbacena	Mãe, pai, irmão	Ponderou seguir outro caminho que não as feiras, mas diz-lhe ser complicado	A relação família-trabalho sempre foi boa e diz que facilita	Sim (Avós)	Não sabe

								estar fechada em quatro paredes e ter uma rotina dita normal	porque tem sempre para a apoiar e ajudar		
E09	F	25	Licenciada em desporto, condição física e saúde	Empreendedora (PT)	Vila Boim	Elvas	1 colega	Devido à pandemia perdeu os seus rendimentos e viu-se obrigada a voltar a Elvas. Contudo queria manter a sua independência	Desde os tempos de universidade a mãe era contra ela seguir desporto, contudo tenta sempre satisfazer um pouco dos desejos da mãe, neste caso através de lecionar AECS numa escola	Sim (Pai)	Não acredita no destino, diz que as coisas acontecem porque têm que acontecer
E10	F	27	Licenciada em Marketing e publicidade	Trabalha no negócio de família (comerciante)	Elvas	Elvas	Pai, mãe e irmã	O pai expandiu o negócio e abriu uma nova loja, e ela preferiu trabalhar com a família porque vê como algo certo, fixo e estável	Uma vez que trabalha com os pais diz que dá a sua opinião em tudo e que a forma de falar e lidar com os outros é diferente do que se tivesse noutra trabalho em que o patrão não fosse o pai	Sim (Pai)	Destino

E11	M	22	9º ano	Trabalha no negócio de família (peixeiro)	Elvas	Barbacena	Primos, funcionários	Estava dececionado consigo mesmo por meter currículos e mais currículos e não ser chamado para nada. Falou com o primo, que por acaso precisava de mais funcionários e nesse mesmo dia começou a trabalhar.	Diz que se apesar de ter mais benefícios que os outros se não trabalhar não é beneficiado. Contudo é stressante trabalhar com a família porque existe um excesso de confiança e os problemas entre uns e outros são mais comuns	Sim (Tio)	Destino
-----	---	----	--------	---	-------	-----------	----------------------	---	---	-----------	---------

Anexo V

Biografia dos entrevistados

Biografia (síntese) dos Entrevistados

Entrevistado	Biografia
E01	A entrevistada #1 tem 22 anos e embora resida em Elvas, a sua infância começou na cidade de Borba, assim como a empresa da sua família, em que trabalha no momento. É Licenciada em Gestão e comparando o seu nível de vida da fase da infância com os seus amigos diz que "... se calhar sempre foi um bocadinho melhor". Apesar dos seus pais sempre insistirem para os filhos investirem nos estudos, a entrevistada sente que sempre desejaram que ela e o irmão trabalhassem com eles na empresa, e que foi influenciada pelo pai a entrar no ramo. Atualmente vive com os seus pais, e as pessoas com quem trabalha é com os mesmos, somando o seu irmão e a sua cunhada.
E02	O entrevistado #2 tem 21 anos de idade e toda a sua vida foi passada ao lado dos seus pais. Cresceu num bairro em Elvas, mas o facto dos seus pais ficarem desempregados obrigou-o a não seguir os estudos, ficando assim pelo décimo segundo ano. Atualmente trabalha com os seus pais no seu negócio de cultivo e venda de frutas e vegetais, e embora goste do que faz, num futuro, não quer a mesma vida para os seus filhos.
E03	O entrevistado #3 tem 25 anos, nasceu em Beja, mas mudou-se para Elvas para o pai poder trabalhar com o avô e recuperar o negócio da família. Tem cinco irmãos e as principais alterações que ocorreram na sua vida familiar foi o falecimento da sua avó e do seu pai. Concluiu apenas o ensino obrigatório, porque trabalhar no negócio da família foi o que sempre quis fazer. Hoje trabalha com o seu avô no negócio da família e não esconde o desejo de no futuro poder passar os ensinamentos e o gosto pelo negócio aos seus filhos.
E04	A entrevistada #4 tem 26 anos e desde pequena que cresceu envolvida no seio do empreendedorismo, uma vez que os seus avós tinham um café e o seu pai abriu o seu próprio supermercado. Nasceu em Elvas, mas a sua infância foi passada em Vila Viçosa perto dos seus avós. Os seus pais gostavam que pelo menos um dos filhos fosse para a universidade, coisa que não aconteceu. A entrevistada diz nunca ter gostado de escola, e que não foi para a universidade para não gastar dinheiro ao pai, ao invés disso diz que "segui a veia do meu pai de empreendedora". Depois de várias experiências no mundo laboral e de uma fase menos boa da sua vida em que já não sabia o que fazer, decidiu investir com o seu namorado numa loja online, que agora já contempla também com uma loja física e com um negócio em que diz estar muito feliz, "estou muito feliz com o que estou a fazer neste momento, não trocava por nada".
E05	O entrevistado #5 tem 26 anos e é natural de Elvas. A sua infância foi muito relacionada ao desporto, correndo através do sonho de ser futebolista profissional, o que acabou por não acontecer. Tem o décimo segundo ano e os pais sempre correram atrás do seu sonho juntamente com ele, porém quando decidiu abrir o seu próprio negócio não recebeu a aprovação que queria. Atualmente não trabalha a 100% no seu negócio, mas espera um dia vir a conseguir. Antes de abrir o seu próprio negócio, passou por outras experiências no mercado laboral, mas diz que em relação aos outros trabalhos este lhe dá um gosto especial, pois "É um prazer enorme tu ires no meio da rua e veres, esquece é uma cena brutal, tu veres uma pessoa vestida com uma coisa que produziste, pensaste e desenhaste, uma coisa que te deu gozo fazer...".
E06	O entrevistado #6 nasceu em Elvas e aí viveu desde sempre com os seus pais e avós. Os seus pais desejavam que ele ingressasse num emprego e numa empresa estável, contudo a sua formação académica trouxe-lhe a oportunidade de fundar o seu próprio negócio. Através do projeto final do seu curso, pensou e planeou uma empresa na área agrícola, que hoje através de uma bolsa de terras a que concorreu ganhou 36 hectares e sustenta 17 funcionários, sendo que o projeto foi também já alargado para a área do comércio.
E07	A entrevistada #7 tem 35 anos e nasceu em Barbaçena, no concelho de Elvas. A sua infância foi marcada pelo convívio com a grande família que tem, mas nem sempre conseguiu estar perto deles, pois a sua vida é marcada por um vai-vem. Assim que terminou a sua licenciatura foi estudar para longe da sua residência, mas quando o contrato acabou precisou de regressar a casa dos pais. Voltou a sair para trabalhar, e após ter engravidado precisou de ficar em casa com a filha 14 meses. Entretanto surgiu ao marido uma oportunidade de emprego na terra natal dela e acabou por voltar, onde de momento reside com o seu marido e filha, e trabalha com a sua mãe num negócio, agora conjunto.
E08	Nos seus 27 anos, a entrevistada #8 sempre viveu no meio das feiras, ao ar livre, com música e barulho. A sua vida sempre foi passada ao lado dos seus pais, e no momento de decidir se queria seguir o seu percurso académico e ter uma vida diferente dos seus pais, decidiu ficar junto a eles. Diz que lhe está no sangue e que "galinha do campo, não gosta de capoeira". O mesmo em relação à continuação do negócio da família, diz que "de certeza forma faz parte de ti" e acredita que o negócio vai continuar.

E09	A entrevistada #9 tem 25 anos e diz que cresceu na altura das vacas gordas. Os seus pais sempre se esforçaram para lhe mostrar o valor do trabalho, chegando a ter mais que um trabalho ao mesmo tempo. Desporto não era a primeira escolha dos pais para a filha, sendo que a decisão de seguir uma licenciatura na área espoletou diversas guerras em casa, tendo em conta que os pais queriam para ela uma profissão fixa e estável relacionada com saúde ou algo do género. Os momentos que mais a marcaram durante a sua vida foi o falecimento do seu pai quando tinha 17 anos, e quando foi para Roma em Erasmus. Sempre foi trabalhadora durante os seus verões para poder conquistar a sua independência, e diz nunca ter trabalhado em período de aulas, porque tinha o exemplo da irmã de como não corria bem. A pandemia que vivemos atualmente cortou-lhe todos os seus rendimentos e obrigou-a a avançar com o seu próprio negócio.
E10	A entrevistada #10 tem 27 anos e passou a sua infância com pais e irmãos. Diz que os pais nunca lhe quiseram dar uma educação “nem tanto, nem tão pouco”, então viveu bem, mas nunca teve tudo. Tirou a sua licenciatura graças à sua mãe, porque ao longo do percurso foi desmotivando. No que consta ao mundo laboral acredita que os pais queriam mais para ela, contudo e apesar de ter passado por vários locais e vários trabalhos, hoje trabalha com os pais no seu negócio de compra e venda de ouro. Após ter concluído a sua licenciatura sentiu necessidade de manter a sua independência, e hoje vive sozinha, por conta própria.
E11	O entrevistado #11 tem 22 anos e conta apenas com o 9º ano nas suas habilitações literárias. Aos 15 anos saiu de casa e foi estudar para Évora, o que acabou por ser um marco significativo na sua vida. Quando tinha 18 anos nasceu a sua irmã, com quem vive agora juntamente com os seus pais. A sua fonte de rendimento na adolescência eram os seus pais e os seus avós e diz nunca lhe ter faltado nada. Quanto à experiência profissional conta ter feito uns biscates antes de integrar a empresa dos seus primos, onde trabalha atualmente.

Anexo VI

Genogramas

Genogramas Familiares
(referentes ao ano de 2021)

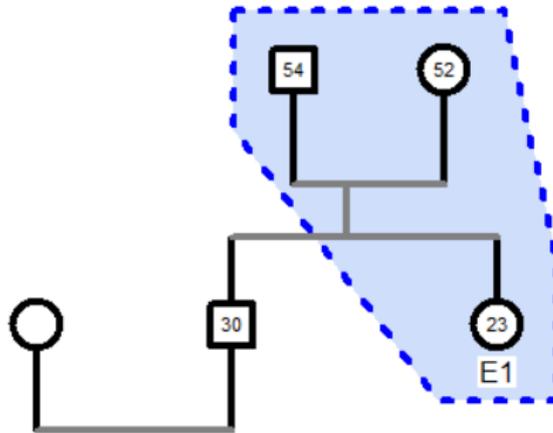


Figura 1 - E01

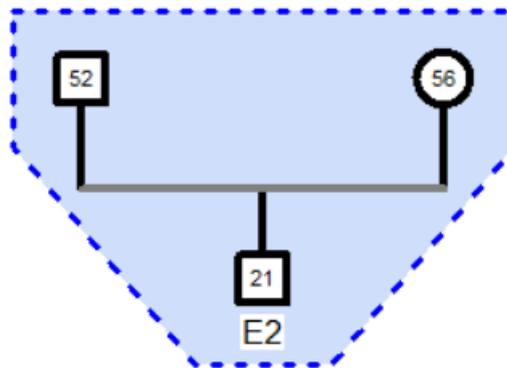


Figura 2 - E02

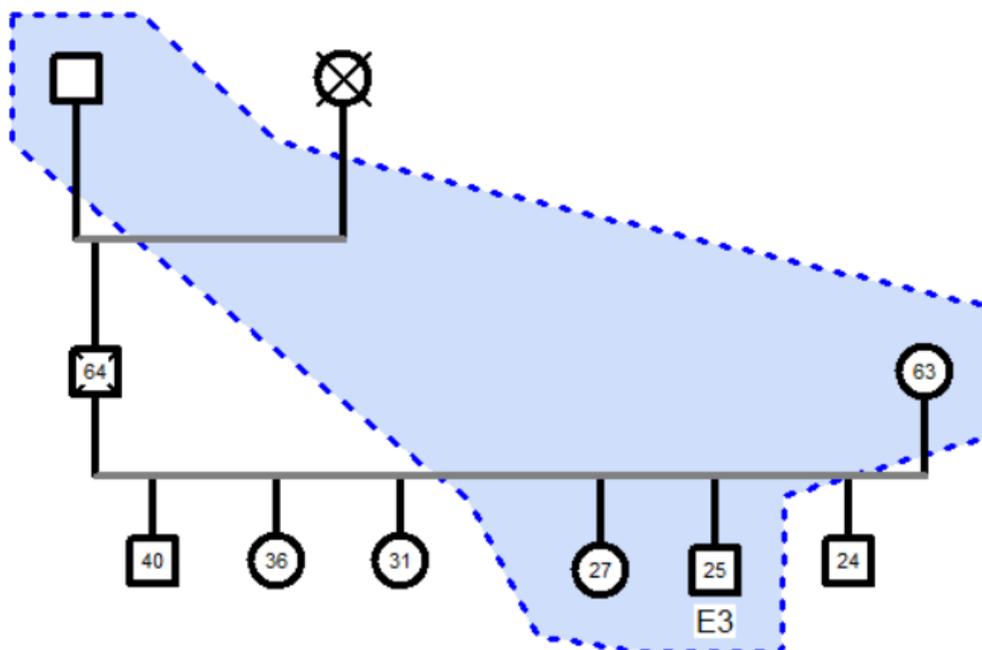


Figura 3 - E03

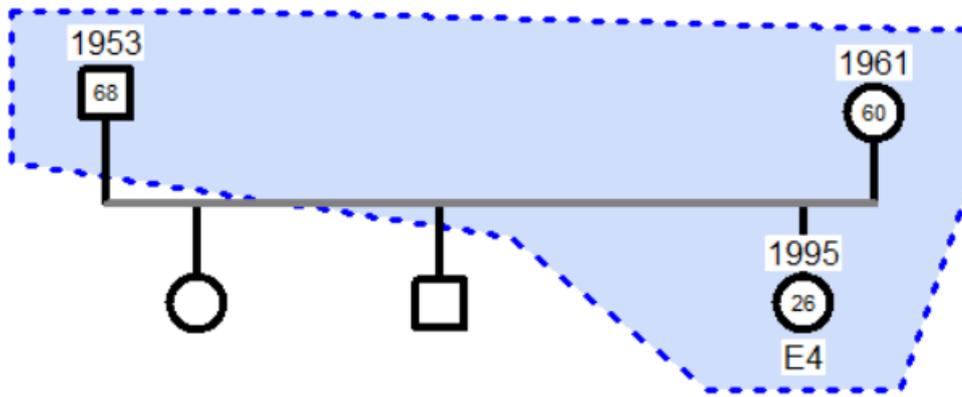


Figura 4 - E04

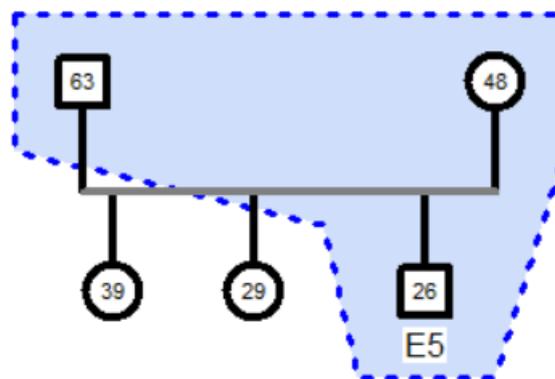


Figura 5 - E05

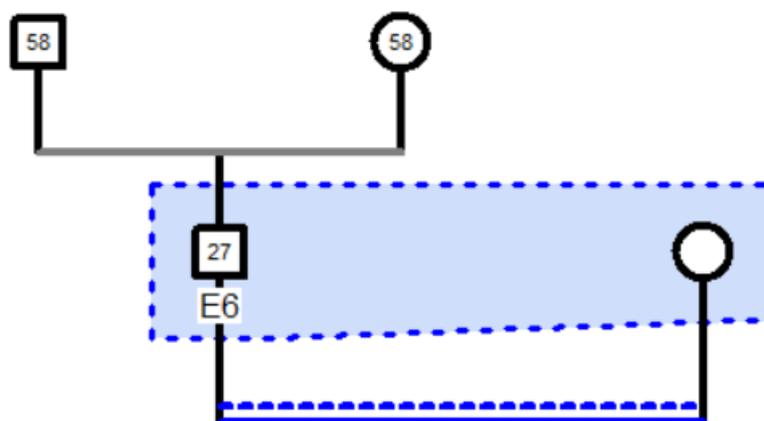


Figura 6 - E06

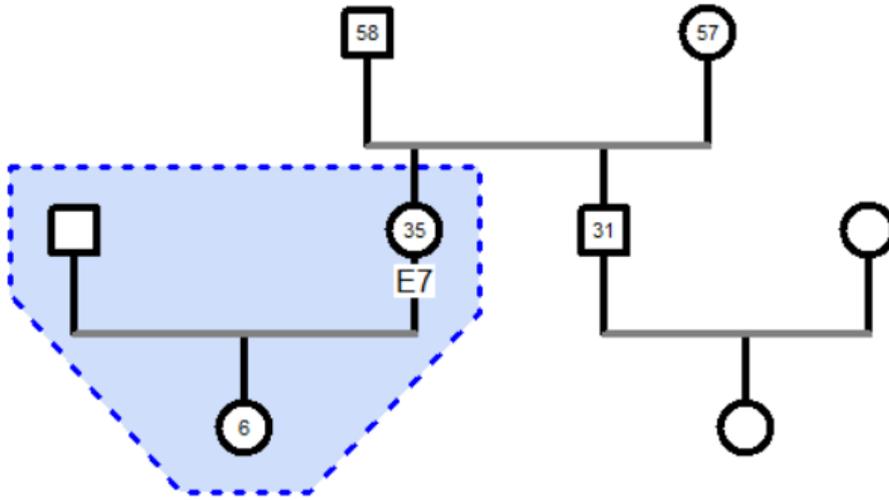


Figura 7 - E07

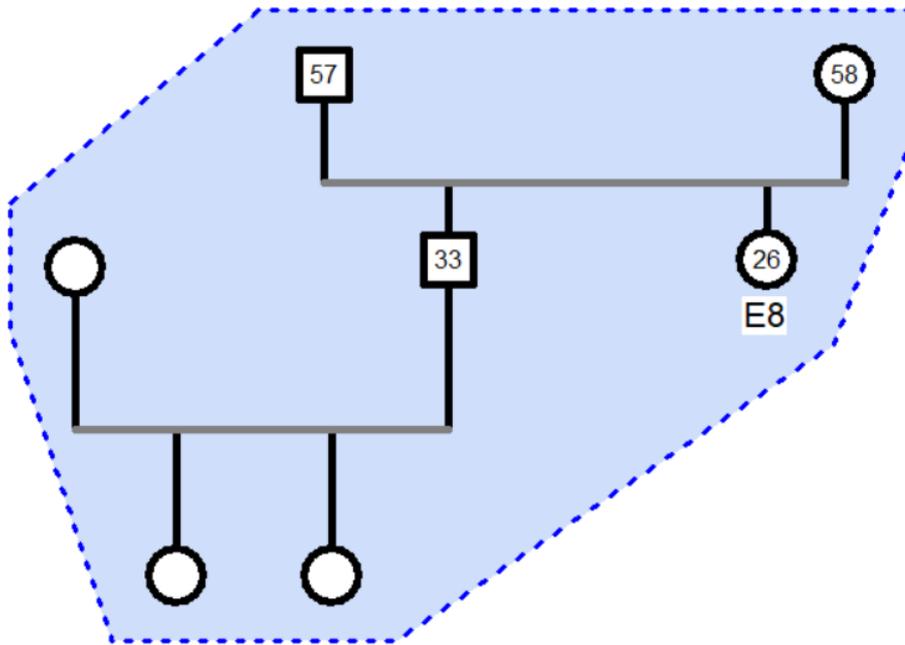


Figura 9 - E08

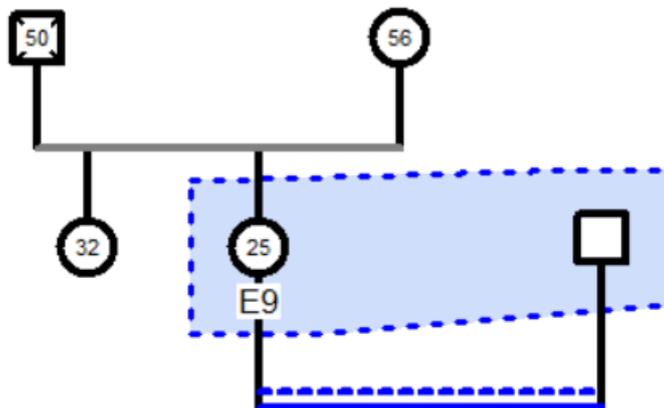


Figura 8 - E09

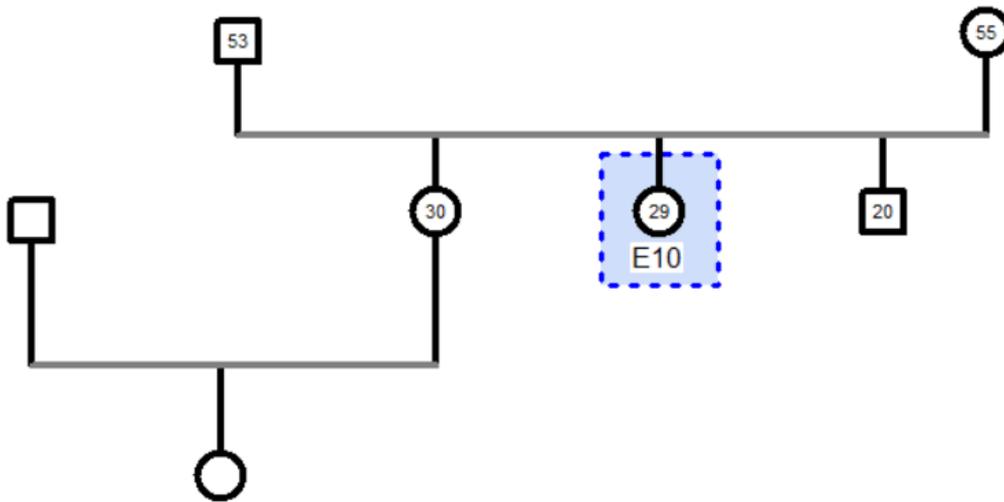


Figura 10 - E10

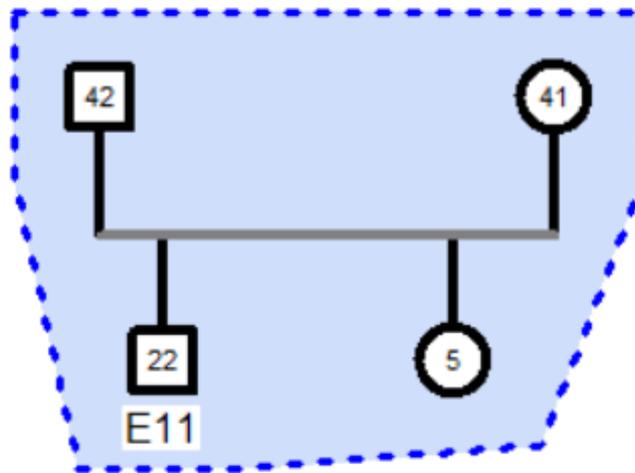


Figura 11 - E11

Fonte: Elaboração própria com recurso ao GenoPro 2020.

Legenda:



Anexo VII

Resumo de codificação por relatório
formatado em código

Resumo da codificação por código

Negócios de família

10/08/2021 17:54

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Código

Códigos\\Caracterização e trajetória familiar\\Socioeconômica\\Idade

Documento

Arquivos\\E01

Não	0,0022	1	1	AM	03/07/2021 18:32
-----	--------	---	---	----	------------------

Tenho vinte e dois anos

Arquivos\\E02

Não	0,0019	1	1	AM	03/07/2021 18:32
-----	--------	---	---	----	------------------

e: Tenho 21 anos.

Arquivos\\E03

Não	0,0019	1	1	AM	03/07/2021 18:32
-----	--------	---	---	----	------------------

Tenho 25 anos

Arquivos\\E04

Não	0,0004	1	1	AM	03/07/2021 18:32
-----	--------	---	---	----	------------------

tenho 26 anos

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E05

Não		0,0008	1	1	AM	03/07/2021 18:32
-----	--	--------	---	---	----	------------------

tenho 26 anos.

Arquivos\\E06

Não		0,0018	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ora, vinte seis e elvense.

Arquivos\\E07

Não		0,0016	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

tenho trinta e cinco anos

Arquivos\\E08

Não		0,0017	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ora, tenho vinte e sete anos.

Arquivos\\E09

Não		0,0010	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

tenho vinte e cinco anos.

Arquivos\\E10

Não		0,0012	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

tenho vinte e sete anos.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E11

Não		0,0011	1	1	AM	03/07/2021 18:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

tenho vinte e dois anos

Códigos\\Caracterização e trajetória familiar\\Sociofamiliar\\Aspirações dos pais em relação ao futuro dos filhos

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0873	1	1	AM	03/07/2021 18:52
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: Eu acho que os meus pais sempre desejaram que eu e o meu irmão trabalhássemos com eles, na empresa deles...

E: Humhum.

e: Assim como os meus avós esperavam que o meu pai trabalhasse com eles, acho que a esperança era mais ou menos a mesma.

E: Mas, achas que os teus pais queriam... ah::: imagina, que vocês acabassem a escolaridade obrigatória e começassem logo a trabalhar com eles? Ou tinham outros planos para vocês?

e: Não, os meus pais sempre me disseram que seria benéfico para mim ter um mestrado e sempre insistiram bastante comigo para fazer até ao mestrado pelo menos.

E: Foram eles que decidiram o teu percurso escolar, digamos assim, o curso que tu escolheste?

e: ... ah::: não, eu talvez por ver o meu pai a gerir uma empresa, talvez tenha, tenha sido por isso que tenha escolhido gestão e também porque gosto da área... ah::: mas... contabilidade não tem de todo a ver com eles.

Arquivos\\E02

Não		0,0294	1	1	AM	03/07/2021 18:52
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Eles queriam, hum... queriam que eu continuasse... ah::: o meu percurso académico, que ingressasse no ensino superior, mas na altura, ah::: não tive essa oportunidade. Não tínhamos, ah::: não tínhamos dinheiro, para eu ir para o ensino superior. Então tive que ficar por cá.

Arquivos\\E03

Não		0,0495	1	1	AM	03/07/2021 18:53
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: os meus pais sempre me falaram muito em... em estudar e a aplicar-me na escola, para poder ter uma vida melhor. Ah... eu não, eu não, eu não segui esse caminho, mas as minhas irmãs ouviram os meus pais e... e tiraram as três licenciaturas. Um dos meus irmãos foi para a tropa, e o meu outro irmão ficou como eu. Ficou com a mesma escolaridade que eu.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E04

Não		0,0210	2			
				1	AM	03/07/2021 19:04

e: ((risos)). Eu posso perguntar eles estão ali ao lado. Bem é assim, o meu pai sempre teve um sonho, de todos os filhos gostava que pelo menos um deles fosse para a universidade. Infelizmente também não fui eu que lhe fui dar, pronto que, acabei por não lhe dar essa felicidade que eu, pronto acabei por não querer seguir nada, pronto.

				2	AM	03/07/2021 19:05
--	--	--	--	---	----	------------------

E o meu pai o sonho dele era que algum dos filhos fosse para a universidade, tirasse advocacia, que fosse médico, que fosse assim uma coisa... E então, infelizmente nenhum dos filhos lhe conseguiu dar essa alegria, mas pronto. Em termos da minha mãe, a minha mãe sempre, nunca foi muito... a minha mãe nunca meteu expectativas naquilo que eu ia ser, ou naquilo que eu queria, ou... nunca se meteu muito.

Arquivos\\E05

Não		0,0291	1			
				1	AM	03/07/2021 19:15

e: Sabes... Tinham um bocadinho, puxaram um bocadinho pelo meu sonho. Talvez de forma errada, não totalmente mas porque quem está no mundo do desperto sabe... seres profissional, principalmente de futebol porque há milhares de pessoas a querer o mesmo... e entras num antro de muita coisa má, que é o futebol. Também tem coisas boas, como é o desporto, mas tem muita coisa má como é o negócio. E é impossível, alguém... ou era sobredotado ou era um Ronaldo, ou não teria hipótese. E não tive hipótese. Então acho que era um muito por aí, os meus pais sempre viram e eu tenho a certeza disso.

Arquivos\\E06

Não		0,0219	1			
				1	AM	03/07/2021 19:16

e: ((risos)). Epa, os meus pais queriam que eu:: ah:: que tivesse um bom emprego, basicamente. Queriam que eu, que eu empregasse numa empresa boa. E pronto, e... tivesse, e tivesse um emprego estável, por assim dizer.

E: Em relação aos estudos, eles tinham alguma coisa definida para ti?

e: Ah:: os estudos foi, foi basicamente o que eu tirei.

Arquivos\\E07

Não		0,0106	1			
				1	AM	03/07/2021 19:16

e: Os meus pais sempre quiseram e gostaram que eu tirasse um curso superior e que seguisse uma área do meu interesse, foi sempre esse o principal objetivo deles.

Arquivos\\E08

Não		0,0063	1			
				1	AM	03/07/2021 19:17

e: A nível de escolaridade sempre nos incentivaram a estudarmos mais, a seguir outro tipo de profissão que não a deles.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E09

Não		0,0351	2	1	AM	03/07/2021 19:17
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Eles sempre se preocuparam muito com o meu futuro. A partir do meu quinto ano eles criaram uma conta poupança para eu poder ir para a universidade, e na verdade essa conta poupança serviu mesmo, não na universidade porque eu e a minha mãe conseguimos conciliar sempre as coisas, mas acho que eles na altura tiveram essa preocupação porque não sabiam o dia de amanhã e podia fazer mesmo falta esse dinheiro. Então fizeram essa conta poupança.

2	AM	03/07/2021 19:17
---	----	------------------

e: Ah... na verdade eles nunca quiseram que eu fosse para desporto. Sempre foi uma grande guerra em casa o facto de eu ter ido para desporto, porque nunca foi bem visto, nunca foi uma profissão fixa, nem estável. Para a minha mãe eu devia ter sempre ido para saúde ou uma coisa assim parecida, para a função publica que aí é que está a estabilidade, segundo ela, o que eu não acho que seja.

Arquivos\\E10

Não		0,0488	1	1	AM	03/07/2021 19:18
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: É assim, ah::: eu agradeço ter feito a minha licenciatura graças à minha mãe. Se não fosse a minha mãe, eu não teria feito a minha licenciatura, essa é a verdade. Ela é que insistiu ali um bocadinho mais comigo, ao início fui que tive um pouco mais de vontade, mas no final pronto, eu verifiquei que não era uma área que tivesse propriamente uma siada muito grande, vi o meu futuro ali um bocado a estancar, ali a ficar no mesmo sítio, e comecei assim a ficar um bocadinho mais para trás por causa do inglês, foi a única cadeira que eu deixei para trás. E depois a minha mãe é que, pronto insistiu comigo e eu acabei por, por fazer o curso ali em três anos e meio. Mas se não fosse ela a insistir comigo, ah::: de facto acho que não teria sequer tirado a licenciatura. Agora o mestrado, aconteceu a mesma coisa. Foi ela que me convenceu a ir para o mestrado e vamos ver no que é que vai acabar ((risos)).

Arquivos\\E11

Não		0,0163	1	1	AM	03/07/2021 19:18
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Eles sempre fizeram, sempre me apoiaram nas minhas escolhas, ah::: sempre me, epá sempre apoiaram o que eu gostava de fazer. Eles estavam lá para me apoiar, ajudaram-me bastante e fizeram bastantes esforços para eu conseguir tirar, conseguir tirar e fazer aquilo que fiz e tudo mais. Eles sempre me apoiaram mesmo muito.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Códigos\\Caracterização e trajetória familiar\\Sociofamiliar\\Escolaridade e profissão dos pais

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0386	1			
				1	AM	03/07/2021 19:20

e: O meu pai tem um curso superior, que acabou por tirar mais tarde, à noite. E a minha mãe tem o nono ano.

E: Qual é a profissão?

e: Profissão o meu pai é, é dono de uma construtora civil, portanto posso dizer que ele é construtor civil. E a minha mãe é comerciante numa loja que nós acabámos por criar para dar assistência a esta empresa de construção civil, que vende materiais de construção.

Arquivos\\E02

Não		0,0161	1			
				1	AM	03/07/2021 19:21

e: A escolaridade dos dois é o quarto ano e a profissão da minha mãe é comercial. Comerciante

E: Comerciante, sim.

e: E a do meu pai é agricultor.

Arquivos\\E03

Não		0,0289	1			
				1	AM	03/07/2021 19:21

e: Ah::: o... o meu pai, acho que ficou pelo sexto ano. E a minha mãe, ah::: foi para o nono.

E: E qual era a profissão deles?

e: Ah::: o meu pai trabalhava no negócio de família e a minha mãe é doméstica.

Arquivos\\E04

Não		0,0202	1			
				1	AM	03/07/2021 19:21

: Boa pergunta... sei que a minha mãe, eu não quero estar a dizer nenhuma asneira, mas eu acho que a minha mãe deve ter para aí a quarta classe. Porque antigamente...

E: Sim, era diferente.

e: Sim, era diferente. Por exemplo, o meu pai tinha um x de escolaridade que ele agora em comparação com hoje em dia não tem nada a ver.

E: Humhum.

e: Sei que o meu pai em termos de escolaridade tem mais que a minha mãe, isso tem. Mas... não te sei dizer ao certo que ano de escolaridade é que têm.

E: E em relação à profissão? O teu pai é empresário, certo? Já disseste. E a tua mãe?

e: A minha mãe trabalha para ele.

E: Sim. Podes dizer só o ramo em que trabalham? Se fazes favor.

e: Sim, é um supermercado.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E05

Não		0,0086	1	1	AM	03/07/2021 19:22
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Pronto, o meu pai era motorista, reformou-se agora no início do ano. A minha mãe trabalha numa loja de roupa, mas neste caso como empregada, não é? Por conta de outrem.

Arquivos\\E06

Não		0,0114	1	1	AM	03/07/2021 19:22
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Os meus pais têm o décimo segundo ano.
 E: Humhum. E a profissão?
 e: A profissão... ah, a minha mãe é doméstica.
 E: Humhum.
 e: E o meu pai, atualmente vá, está desempregado.

Arquivos\\E07

Não		0,0109	1	1	AM	03/07/2021 19:22
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Quarto ano, os dois. O meu pai pertence à construção civil, tem uma empresa pequenina de construção civil. E a minha mãe é cabeleireira, também por conta própria.

Arquivos\\E08

Não		0,0088	1	1	AM	03/07/2021 19:23
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ora, o meu pai tem a quarta classe antiga.
 E: Humhum.
 e: E a minha mãe, se não estou em dúvida só fez a primeira.
 E: E são ambos feirantes, certo?
 e: Sim sim.

Arquivos\\E09

Não		0,0138	1	1	AM	03/07/2021 19:23
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Então, o meu pai faleceu quando eu tinha dezassete anos, mas ele era técnico de máquinas de imperial, da super bock. Ele tinha o... sexto ano. A minha mãe, ah:: tinha o sexto, tem o sexto, agora já tem o nono ano, fez à noite. Ela fez até ao sexto em escolaridade normal e ela é auxiliar de ação médica no bloco operatório.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E10

Não		0,0175	1	1	AM	03/07/2021 19:23
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ora, o meu pai tem o nono ano. E a minha mãe tem o sexto.

E: Humhum. E a profissão?

e: A profissão, ora neste momento são os dois por conta própria, numa das nossas lojas. Gestores comerciais, ou uma coisa assim desse... lojistas, uma coisa assim, ou por conta própria que neste caso é o mesmo trabalho que o meu, não é?

Arquivos\\E11

Não		0,0189	1	1	AM	03/07/2021 19:23
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: O meu pai, décimo primeiro. Ou décimo seg, décimo primeiro, acho eu. Não sei, não sei qual era o curso. E a minha mãe o nono, penso que sim.

E: Humhum. E em relação à profissão deles?

e: Profissão. Queres que eu diga a profissão é?

E: Sim, do teu pai e da tua mãe.

e: Ok. A minha mãe acho que é auxiliar de... de ajudante direta? Ação direta? E o meu pai é pedreiro.

Códigos\\Caracterização e trajetória familiar\\Sociofamiliar\\Fonte de rendimento durante as fases infância e adolescência

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0094	1	1	AM	03/07/2021 18:37
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Humhum. Ou seja, a vossa fonte de rendimento na altura era o trabalho dos vossos pais?

e: Sim.

Arquivos\\E03

Não		0,0135	1	1	AM	03/07/2021 18:42
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Na altura, vivíamos do negócio da família. Do negócio em que trabalhava o meu pai e o meu avô.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E04

Não		0,0016	1	1	AM	03/07/2021 18:43
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Os teus pais eram a única fonte de rendimento...
e: Sim

Arquivos\\E05

Não		0,0054	1	1	AM	03/07/2021 18:43
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Humhum. Os teus pais eram a única fonte de rendimento nessa altura?
e: A única fonte de rendimento, sim.

Arquivos\\E06

Não		0,0045	1	1	AM	03/07/2021 18:43
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: A tua fonte de rendimento eram os teus pais e os teus avós?
e: Sim.

Arquivos\\E07

Não		0,0043	1	1	AM	03/07/2021 18:44
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Os teus pais eram a única fonte de rendimento da casa?
e: Sim.

Arquivos\\E08

Não		0,0034	1	1	AM	03/07/2021 18:45
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: a nível de rendimentos os meus pais trabalham em feiras.

Arquivos\\E09

Não		0,0141	1	1	AM	03/07/2021 18:46
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Mas sempre com muito trabalho dos meus pais. A minha mãe tinha três trabalhos e o meu pai tinha dois. Conseguia conciliar sempre modos de investimento dele com o trabalho fixo dele. Tivemos um restaurante, faliu. Ah::: Mas sempre trabalharam muito e sempre tive muito tempo em casa sozinha porque eles trabalhavam mesmo de sol a sol.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E10

Não		0,0022	1	1	AM	03/07/2021 18:47
-----	--	--------	---	---	----	------------------

era o meu pai a maior fonte de rendimento

Arquivos\\E11

Não		0,0049	1	1	AM	03/07/2021 18:48
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Os teus pais eram a única fonte de rendimento na altura?

e: Sim, os meus pais e os meus avós.

Códigos\\Empreendedorismo\\Motivações e expectativas\\Continuidade geracional

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0084	1	1	AM	03/07/2021 20:09
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Certo. E é para continuar? Vês os teus filhos, ou os teus sobrinhos...

e: Sim, vejo.

Arquivos\\E02

Não		0,0206	1	1	AM	03/07/2021 20:11
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Não, não. Eu para os meus filhos já não quero isso. Para os meus filhos, eu quero que eles ingressem no ensino superior, pronto que continuem ou que ingressem naquilo que realmente querem.

Arquivos\\E03

Não		0,0362	1	1	AM	03/07/2021 20:12
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Do ponto de vista pessoal quero-me casar. Quero, quero começar a criar uma família daqui a alguns anos e... e pronto. Para a seguir juntar um bocado as coisas. Gostava que os meus filhos, ou se assim poder ser, pegassem no negócio e lhe dessem continuidade.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E04

Não		0,0335	1	1	AM	03/07/2021 20:14
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Pronto para outras gerações. Gostava, gostava que passasse de geração em geração. No entanto... no caso de se eu agora se tivesse um filho, nunca iria obrigar o meu filho a seguir aquilo que eu tenho. Hum... Não ia obrigar, acho que cada um tem que seguir aquilo que realmente gosta. Eu lá está, foi o que aconteceu comigo, calhou eu abrir um negócio, não é? E o meu pai também ter um, acho que também está um bocadinho no sangue, o vender. O vender acho que também está um bocadinho no sangue, mas... nunca iria, nunca iria obrigar um filho meu, ou o que fosse, a seguir um projeto que neste caso é meu e do Rui. Nunca iria dizer ao meu filho, "agora tens que seguir porque, isto é nosso", não. Acho que cada um tem que seguir aquilo que quer, estás a entender?

E: Humhum.

e: Acho que todos nós temos uma vocação. Ah::: se o meu filho for vocacionado para, para padre olha, que seja padre, que vá dar missa.

E: ((risos)).

e: Ou se for cantor, que vá cantar. Mas nunca vou estar a... a obrigar a seguir um caminho que não, que não faz sentido para ele. Acho que isso é a pior coisa que pode acontecer, os pais tentarem levar os filhos para... para sítios que não querem.

Arquivos\\E05

Não		0,0134	1	1	AM	03/07/2021 20:19
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Sim isso claro, respondendo à última, claro que sim. Se quiserem querem, se não quiserem também não é por aí. Que sejam feliz a fazer aquilo que gostam, porque escuta, dá-me um gosto brutal estar a produzir camisolas, mas para o meu filho pode não dar gozo nenhum.

Arquivos\\E06

Não		0,0146	1	1	AM	03/07/2021 20:20
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Claro, isso é... acho que, acho que é o, o sonho de toda a gente é que uma pessoa quando começa um negócio fazes o a pensar nas gerações futuras, e acho que era uma grande tristeza as nossas gerações não seguirem as nossas pisadas.

Arquivos\\E07

Não		0,0230	1	1	AM	03/07/2021 20:20
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Não faço ideia. A Madalena é menina, portanto toda esta área a fascina, não é? Mas tem cinco anos, portanto ainda que ela diga que vai ser cabeleireira como a avó ou que vai fazer unhas como a mãe ((risos)), daqui para a frente é que se vai ver mas, até pode acontecer como aconteceu comigo. Seguir outro caminho e no fundo depois de tanta curvinha...

Arquivos\\E08

Não		0,0178	2	1	AM	03/07/2021 20:21
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: É assim, eu acho que sim ((risos)). Porque cá está, tu por vezes em casa quando falas em alguma coisa vês a cara que as pessoas fazem e aquele brilho nos olhos, as saudades que têm de ver familiares que só viam nas feiras. Tudo isso acaba por te levar se calhar para um sim.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
				2	AM	03/07/2021 20:21

e: É. Acabas por ter... é assim, de certeza forma faz parte de ti.

Arquivos\\E09

Não		0,0131	1			
				1	AM	03/07/2021 20:17

Agora, se quero que isto passe de geração... Não sei, eu nunca fui muito apologista de os pais é que decidem o que os filhos querem. Eles querem aquilo que... Mas se tiver um filho com o Daniel provavelmente o filho pode sair um pouco desportista, visto que estamos os dois mais ou menos dentro da área, pode sair.

Arquivos\\E10

Não		0,0183	1			
				1	AM	03/07/2021 20:13

e: Ah:: é assim o negócio continua neste momento a ser dos meus pais, eu e a minha irmã neste momento somos apenas meras empregadas. Ah:: futuramente, penso que sim, eu gostava também. Penso que os meus irmãos também e de facto é uma mais-valia, eu penso que não é uma hipótese de deitar fora ((risos)). Acho que temos que aproveitar também.

Arquivos\\E11

Não		0,0430	1			
				1	AM	03/07/2021 20:10

e: Ah::: não sei. Não sei, não sei, não sei. Isto estou a dizer, mas nem sei se deva expor ou não, porque isto é o Simão que diz, não sou eu, mas pronto. O que ele diz é que isto, quando ele for mais velho, vai vender e acabou. Porque ele é que fez isto e... e ele vai vender porque, quem quiser... e ele é o próprio a dizer "a minha filha, se quiser as coisas vai ter que trabalhar para elas como eu trabalhei. Eu fiz isto tudo, mas não foi ao acaso, tive muitas ajudas certo, mas também foi trabalho meu. Por isso se ela quiser, vai ter que trabalhar para isso também". Eu não sei, mas agora... isto também a cabeça muda com a idade, ele pode mudar. Isto também depende das dimensões que tome a empresa, se se tornar uma multinacional, depois já é difícil ver-se livre dela, digo eu. Mas não sei, isso depende do volume de negócio, depende de muita coisa.

Códigos\\Empreendedorismo\\Motivações e expectativas\\Surgimento de oportunidade de trabalho

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0191	1			
				1	AM	03/07/2021 20:08

e: Ah::: Fui um bocado incentivada pelo meu pai... ah::: eu ao início tencionava ganhar mais experiência e só depois vir... mas acho que... com o decorrer do tempo acho que fez mais sentido ficar por cá.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E02

Não		0,0695	1	1	AM	03/07/2021 20:11
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Então, ah:: os meus pais, como já tinha dito ficaram desempregados e tivemos que vir para esta casa de família, eles começaram a horta, eu ainda na altura, ainda estava a termi, (...) estava no décimo primeiro ou décimo segundo, mas estava já a acabar o ensino secundário. Ah, na altura eles não tinham dinheiro para eu ingressar no ensino superior e, e vimos aí uma oportunidade para eu os começar a ajudar. Eles também tinham, estavam a pensar na altura contratar, ah:: alguém para os ajudar. Porque só eles os dois nesta parte, também era um bocado complicado. Então... decidi ficar cá e ajudá-los. Já que não tinha também outra oportunidade.

Arquivos\\E03

Não		0,0218	1	1	AM	03/07/2021 20:12
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah:: Eu sempre tive interesse em trabalhar aqui, no negócio da família. Ah:: não tive outras oportunidades. Então foi assim que surgiu a oportunidade.

Arquivos\\E04

Não		0,0151	1	1	AM	03/07/2021 20:15
-----	--	--------	---	---	----	------------------

foi a partir daí que o Rui começou a falar, ah... ele já falava há mais tempo, mas eu fiz sempre ouvidos de marcador com ele, mas ele já falava comigo há algum tempo, pronto de vender roupa e vamos tentar, e vamos tentar, e vamos tentar. Porque ele é uma pessoa muito positiva e que ambiciona muito, só que eu não, eu sou ao contrário. Sou muito negativa, aquela pessoa que vê sempre o lado negro. Pronto, e foi aí que se calhar eu pensei assim: "bem, eu estar em casa, trabalho muito difícil... se calhar ainda vou, vamos arriscar".

Arquivos\\E05

Não		0,0536	1	1	AM	03/07/2021 20:18
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Pronto, como é que surge. Chega a pandemia e eu já tinha alguma ambição de tornar a nossa loja e a nossa marca algo profissional. E o que é conseguimos durante este ano que passou, principalmente. Nós abrimos a loja e não tínhamos material ponto de partida, ou seja, tínhamos em fábrica, mas obrigaram-nos a fazer uma grande remessa de uma peça só. Por acaso surge-nos a oportunidade através de um familiar, que a mãe é costureira. E eu disse "olha dá-me o contacto, não perco nada em telefonar", liguei para o norte e pedi, "é sito assim-assim, será que conseguiam?". Fomos lá, falámos com elas, são duas irmãs e trabalham para nós a nível de tudo que é confeção d'elegância. Ou seja, tudo o que é com a nossa marca, com a nossa etiqueta, produzido em Portugal é tudo feito por elas. E chega cá abaixo personalizado por nós. Idealizado por nós, feito por elas e personalizado por nós. E... já tendo nós a nossa produção, faltava ter a nossa parte de personalizar, ou seja, quando cá chegassem cá abaixo as peças não tínhamos mais uma vez de recorrer a alguém exterior.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\E06

Não		0,0179	1	1	AM	03/07/2021 20:20
-----	--	--------	---	---	----	------------------

nós no nosso curso, no último semestre temos uma cadeira que é projeto empresarial.

E: Humhum.

e: Em que, em que nós temos que realizar um projeto, em que nós temos que realizar um projeto, fictício pronto.

E: Sim.

e: Ah::: e eu na altura já estava a trabalhar no meu projeto.

Arquivos\E07

Não		0,0294	1	1	AM	03/07/2021 20:22
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Entretanto surgiu a oportunidade ao meu marido, profissionalmente, arranjou trabalho para aqui, para a nossa zona, para Barbacena. E pronto, eu despedi-me da fábrica e vim para cá. Ao vir para cá, eu já fazia alguns trabalhos aqui de fim-de-semana, na área da estética. Ah::: com a minha mãe, que a minha mãe é cabeleireira, portanto decidimos fazer junto dela um gabinete de estética, e aí depois comecei a trabalhar mais só na área da estética.

Arquivos\E08

Não		0,0316	1	1	AM	03/07/2021 20:22
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: É assim, quando estudava tive várias ideias. Ideias essas que depois colocamos tudo numa balança e há sempre um lado que puxa mais, digamos assim. Fui criada no meio das feiras, ao ar livre, de um lado para o outro, com música e barulho. Ou seja, estar fechada em quatro paredes é muito complicado ((risos)). Depois cheguei a pensar que queria seguir contabilidade e gestão, mas depois também não queria estar longe dos meus pais. Nós em Elvas não tínhamos essa opção na altura, ou seja, não conseguias seguir essa área. Tinha opções de ir para Castelo Branco, para o Porto ou para Lisboa, e eu não quis.

Arquivos\E09

Não		0,0069	1	1	AM	03/07/2021 20:17
-----	--	--------	---	---	----	------------------

quando realmente os ginásios começaram a fechar voltei para Elvas, continuava a dar alguns treinos de lá, por online e comecei depois o meu projeto aqui em Elvas.

Arquivos\E10

Não		0,0283	1	1	AM	03/07/2021 20:13
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e depois finalmente abrimos esta última loja em que eu, como referi anteriormente estava no casino, surgiu esta oportunidade, o meu pai teve aqui uma loja vaga e depois pronto, eu não tinha a certeza se aquele trabalho era para ficar se não era, e eu... pronto, como o meu pai teve esta oportunidade, perguntou-me se eu queria vir para cá. Era uma coisa fixa, era um ordenado que eu sabia que poderia ter um dia de amanhã com covid e sem covid e mais problemas e menos problemas, era uma estabilidade. Então acabei por vir para cá

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E11

Não		0,0505	1	1	AM	03/07/2021 20:09
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Pois. Então, o Simão é meu primo, e assim que eu saí da escola andava, por acaso meti por volta de três ou quatro currículos, fui a duas ou três entrevistas e não fiquei com nenhum dos empregos. E estava a começar a ficar... estava mesmo dececionado, porque não estava a conseguir arranjar emprego e não sabia como é que havia de ser dali para a frente, e era novo. Não sei, não tinha experiência nenhuma da matéria e então, estava a ficar dececionado. Então falei uma vez com o Simão, que já tinha metido alguns currículos e que, epá não estava a dar em nada. Entretanto, ele disse-me que, que tinha que meter gente, e que precisava de alguém, e que mais tarde falava comigo. Passado duas/três semanas chamou-me ao escritório, ligou-me "olha podes vir aqui?", e eu "vou já". Depois perguntou-me "então, sempre queres trabalho?" e eu "querer quero". "Então vais buscar os sapatos, podes ir hoje?", e eu "posso, vamos embora!", e fui logo naquele dia, fomos logo trabalhar, e foi assim que começou.

Códigos\\Empreendedorismo\\Trajetória escolar\\Escolaridade entrevistado

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0171	1	1	AM	03/07/2021 19:31
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah:: Então eu neste momento estou em mestrado. Passei por uma licenciatura em gestão na universidade autónoma de lisboa, e agora estou em mestrado em contabilidade no ISEG....

Arquivos\\E02

Não		0,0114	1	1	AM	03/07/2021 19:33
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Tenho o décimo segundo, tirei na escola secundária de Elvas. Ah::: no curso de ciências e tecnologias.

Arquivos\\E03

Não		0,0117	1	1	AM	03/07/2021 19:38
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: eu concluí só o ensino obrigatório. Eu... eu tirei um curso em agropecuária.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E04

Não		0,0005	1	1	AM	03/07/2021 19:39
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Décimo segundo.

Arquivos\\E05

Não		0,0019	1	1	AM	03/07/2021 19:40
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Décimo segundo ano, com tufo feito.

Arquivos\\E06

Não		0,0019	1	1	AM	03/07/2021 19:40
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Sim, só fiz a licenciatura.

Arquivos\\E07

Não		0,0034	1	1	AM	03/07/2021 19:40
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Tenho uma licenciatura em animação sociocultural.

Arquivos\\E08

Não		0,0044	1	1	AM	03/07/2021 19:42
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Acabei por não seguir, também só conclui o nono ano. E acabei por não seguir mais.

Arquivos\\E09

Não		0,0014	1	1	AM	03/07/2021 19:42
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Ah:: tu és licenciada?

e: Sim.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E10

Não		0,0040	1	1	AM	03/07/2021 19:43
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Tu tens uma licenciatura, certo?
e: Sim, sim. Em Marketing e publicidade.

Arquivos\\E11

Não		0,0141	1	1	AM	03/07/2021 19:43
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Nono ano. Nono ano porque falta-me apresentar a PAP, pronto. É só o que me falta. Ah::: sim, é o que tenho, é o nono ano. E tenho basicamente tudo feito em técnico profissional de... como é que é? Espera, desculpa... é ... é... técnico de gestão desportiva, é isso. Gestão desportiva.

Códigos\\Empreendedorismo\\Trajetória profissional\\Pessoas com quem trabalha

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0061	1	1	AM	03/07/2021 19:47
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: O meu pai, a minha mãe, o meu irmão e a minha cunhada.

Arquivos\\E02

Não		0,0100	1	1	AM	03/07/2021 19:48
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Ou seja, o negócio são apenas vocês os três.
e: Sim, sim sim. Não temos mais ninguém.

Arquivos\\E03

Não		0,0466	1	1	AM	03/07/2021 19:48
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Eu trabalho com o meu avô. Que é, que é... a pessoa que manda. E mais três funcionários. Que nós também tratamos quase como sendo família, mas pronto há sempre também aquele respeito porque também sabem que é um negócio de família... E que apesar de gostarmos muito deles e trabalharmos juntos, eles sabem que quem manda é o meu avô.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E04

Não		0,0135	2	1	AM	03/07/2021 19:50
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Eu trabalho sozinha, de vez em quando tenho assim uma mosca, "faz isto, faz aquilo, não te esqueças disto", mas eu ignoro, estás a ver? Mas pronto, trabalho sozinha, trabalho sozinha, não é? Mas tenho sempre o Rui atrás de mim, pronto porque parecendo que não é o meu maior apoio, não é?

				2	AM	03/07/2021 19:51
--	--	--	--	---	----	------------------

E... e trabalhamos com os nossos modelos que muitas das vezes, agora não, infelizmente por causa do covid, mas temos modelos nossos, que se voluntariaram e a eles estou eternamente grata.

Arquivos\\E05

Não		0,0060	1	1	AM	03/07/2021 19:55
-----	--	--------	---	---	----	------------------

: Em termos de relações, quem são as pessoas com quem tu trabalhas? É só com a Helga?
e: Neste momento só com a Helga.

Arquivos\\E06

Não		0,0030	1	1	AM	03/07/2021 19:58
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Não, só tenho funcionários a trabalhar comigo.

Arquivos\\E07

Não		0,0112	1	1	AM	03/07/2021 19:59
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Tenho o meu gabinete de estética, juntamente com a minha mãe que é cabeleireira. Somos as únicas duas profissionais, ela enquanto cabeleireira, eu enquanto esteticista.

Arquivos\\E08

Não		0,0052	1	1	AM	03/07/2021 20:00
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Normalmente, trabalhava diretamente só com os meus pais. Uma vez por outra com o meu irmão, e só.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E09

Não		0,0042	1	1	AM	03/07/2021 20:02
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Isso tudo então, aliei-me a outra colega que é nutricionista e neste momento temos nutrição e treino.

Arquivos\\E10

Não		0,0074	2	1	AM	03/07/2021 20:03
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Em que os meus pais trabalham na sede,

				2	AM	03/07/2021 20:04
--	--	--	--	---	----	------------------

ah:: depois abrimos outra em Faro, onde está a minha irmã. A minha irmã também consta neste agregado

Arquivos\\E11

Não		0,0105	1	1	AM	03/07/2021 20:05
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah aquilo é brutal, porque isto é uma empresa familiar. Trabalhamos mais de sessenta por cento dos empregados são família ((risos)). E os que não são é como se fossem, por isso... é tudo amigos uns dos outros.

Códigos\\Empreendedorismo\\Trajetória profissional\\Profissão e situação profissional atual

Documento

Arquivos\\E01

Não		0,0289	1	1	AM	03/07/2021 19:46
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: Eu basicamente trabalho em tudo o que seja a parte financeira. Sou eu que trato de pagamentos, de recebimentos, de... ah::: tudo o que envolva... ah::: ter que decidir, processos de decisões de financiamentos. Sou eu que trato dessas partes e depois também de algumas partes contabilísticas.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E02

Não		0,0553	1	1	AM	03/07/2021 19:48
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Sim. Então, nós temos uma pequena, que já não vai sendo tão pequena, horta. Ah::: onde o meu pai, ah::: planta alguns vegetais, também temos árvores de fruto. Ele vai regando, depois eu ajudo nesse trabalho e a minha mãe tem uma mercearia, onde também vendemos, onde vendemos os nossos vegetais e frutos. Ah::: e eu ajudo também mais na parte financeira, na parte dos papéis.

E: Humhum. Ou seja, tu trabalhas no terreno, digamos assim, e trabalhas na loja.

e: Sim, sim. Ajudo no que posso, nos dois lados.

Arquivos\\E03

Não		0,0291	1	1	AM	03/07/2021 19:48
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ah::: Eu, um dia de trabalho meu. Normalmente envolve, pronto, cuidar do monte. Envolve alimentar o gado. Envolve pronto, orientar o gado para onde há pasto... E envolve separar o gado quando é para a venda.

Arquivos\\E04

Não		0,0032	1	1	AM	03/07/2021 19:54
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: E é lá onde tu trabalhas maioritariamente, na loja?

e: Sim. Podemos dizer que eu trabalho de segunda a sábado.

Arquivos\\E05

Não		0,0137	1	1	AM	03/07/2021 19:56
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Pronto, resumidamente, eu trabalho tudo o que é têxtil, porque já tenho um à-vontade, nesse sentido. Trabalho em canecas personalizadas (mostra produtos), e tudo o que seja à base disso, ou seja, bonés, personalização, têxteis principalmente que é onde estou mais à vontade...

Arquivos\\E06

Não		0,0165	2	1	AM	03/07/2021 19:58
-----	--	--------	---	---	----	------------------

E: Sim. Ok, então tu começaste basicamente pelas terras, por cultivar.

e: Sim.

E: E depois abriste a loja.

e: Exatamente.

				2	AM	03/07/2021 19:58
--	--	--	--	---	----	------------------

e: ((risos)). Basicamente, é assim... faço desde, faço trabalho financeiro, faço trabalho comercial, faço trabalho de recursos humanos.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E07

Não		0,0081	1	1	AM	03/07/2021 19:59
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Pronto, então eu trabalho em Barbacena. Tenho o meu gabinete de estética, juntamente com a minha mãe que é cabeleireira.

Arquivos\\E08

Não		0,0104	1	1	AM	03/07/2021 20:00
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Até 2019, até ao final de 2019 digamos assim. A fazer feiras, festas, eventos. Derivado à pandemia ficou tudo um bocadinho impedido, e acabei por procurar outro emprego que é onde estou atualmente.

Arquivos\\E09

Não		0,0306	2	1	AM	03/07/2021 20:01
-----	--	--------	---	---	----	------------------

Então acabei por me dedicar mais à parte do PT, treinos personalizados, só uma pessoa ou duas, e quando veio o inverno a sério, achei que Elvas não tinha um sítio bom para se treinar na rua, mas que fosse resguardado da chuva e do frio. Então decidi alugar um pequeno espaço para que, as pessoas que tivessem a treinar, tivessem as mínimas condições e eu pudesse guardar o material. Não tivesse que andar sempre com o material para trás e para a frente.

2	AM	03/07/2021 20:01
---	----	------------------

Então, neste momento, estou a tentar abrir um estúdio de PT em que a finalidade é realmente dar um espaço personalizados às pessoas, com treino personalizado, onde também tenham outros serviços que o vá ajudar no seu bem-estar físico, e no bem-estar psicológico e por aí.

Arquivos\\E10

Não		0,0119	1	1	AM	03/07/2021 20:02
-----	--	--------	---	---	----	------------------

e: Ok. Nós aqui na empresa, pronto, nós somos uma empresa familiar. Em que os meus pais trabalham na sede, digamos assim, que foi a primeira loja a ser construída, ah:: depois abrimos outra em Faro, onde está a minha irmã.

Agregar	Classificação	Cobertura	Número de referências de codificação	Número de referência	Codificado por iniciais	Modificado em
---------	---------------	-----------	--------------------------------------	----------------------	-------------------------	---------------

Arquivos\\E11

Não		0,0095	1	1	AM	03/07/2021 20:04
-----	--	--------	---	---	----	------------------

O meu trabalho, o meu trabalho é pouquinho de tudo. Eu faço trabalho de armazém, faço trabalho de escritório, faço contabilidade... ah:: faço basicamente tudo, e sei fazer praticamente tudo.

Anexo VIII

Cronograma

Cronograma

Título do Trabalho: Negócios de família. Trajetórias e perspectivas de jovens adultos à entrada do mercado de trabalho

Autor: Ana Madeira

